



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

PABLO JOSUÉ CARVALHO SILVA

**CARTOGRAFIAS NOTURNAS:**

Lazer, urbanização e outras movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970.

TERESINA  
2017

PABLO JOSUÉ CARVALHO SILVA

**CARTOGRAFIAS NOTURNAS:**

Lazer, urbanização e outras movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Cristina da Silva Fontineles.

TERESINA  
2017

PABLO JOSUÉ CARVALHO SILVA

**CARTOGRAFIAS NOTURNAS:**

Lazer, urbanização e outras movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para à obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Cristina da Silva Fontineles.

Aprovado em, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Cristina da Silva Fontineles - UFPI  
Orientadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Francisco Alcides do Nascimento – UFPI  
Examinador interno

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Pedro Pio Fontineles Filho – UESPI  
Examinador externo

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI  
suplente

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

S586c Silva, Pablo Josué Carvalho.  
Cartografias noturnas: lazer, urbanização e outras  
movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970 /  
Pablo Josué Carvalho Silva. – 2017.  
119 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –  
Universidade Federal do Piauí, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Claudia Cristina da Silva  
Fontineles.

1. História. 2. Lazer Noturno - Teresina. 3. Violência. 4.  
Urbanização I. Título.

CDD 796.14

## AGRADECIMENTOS

Pensar em agradecer por todos os momentos experimentados nesses quase três anos permite redescobrir a mim próprio, ao que fui e ao que me tornei, ao que provavelmente me tornarei e ao que nunca virei a ser devido a tudo que passei e aprendi. Como um ser senciente e movido pela sensibilidade até no momento mais improvável, a gratidão sem dúvida deverá ter sido a prática mais exercida por mim nesses últimos anos. Gratidão a tudo e sem moderações e receios de dizer, por isso, esse momento de agradecimento talvez seja o mais prazeroso e fácil de escrever.

Gratidão primeira e enorme aos ensinamentos de Buda e a minha mentora Monja Coen que me aponta e me lembra diariamente o caminho da verdade, me mostrando que não sou um ser infalível e nem completo, as forças do universo e aos que me acompanham com a sua presença e nunca me abandonam, principalmente nos momentos de queda.

A minha mãe querida, Madalena, sempre presente, em todo momento de luta, de felicidade, de tristeza, que me confirmou nesses últimos meses como a sua presença é fundamental na minha vida, sem ela eu não sei se teria chegado até aqui. Aos meus irmãos queridos Ramon, que divide tudo comigo desde a barriga e que trouxe pras nossas vidas o Cadu, a minha maior felicidade e confiança no futuro, e minha irmã Ana Valéria, que me incentiva diariamente com sua honestidade e o seu bom humor. Agradeço as minhas outras mães: tia Stella, Verbena e Edenir e Regina, e ao Tio Calado, que fizeram e fazem da minha vida e de tudo uma eterna festa.

Como lindamente escreveu o poeta Gonzaguinha “eu aprendi que se depende sempre, de tanta muita diferente gente, toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”, não tem como não lembrar e agradecer nessa trajetória dos amigos, aqueles que você escolhe ou que escolhem você, não se sabe, mas que formam uma ligação cósmica pautada unicamente pelo amor. E amor foi só o que eu tenho encontrado em todos eles, meu eternos amigos da Uespi, de discussões calorosas, de encontros, viagens, mesas redondas, e que foram amadurecendo comigo nesses últimos dez anos: Isabela, Mayra, Paula Poliana, Pedro, Ana Carolina, Alice, Ivan, Nayana, Zizi e Anna P., orgulho de ver o que estamos nos tornando sem nunca deixar de incentivar um ao outro em todas as horas.

Agradeço aos amigos que o mestrado me deu e que eu já tenho a garantia de que o tempo já não nos separa mais, que me fizeram amadurecer e aprender algo novo a cada dia de conversa, de discussão, de troca de conteúdo, de ajuda mútua, de torcida e de verdade: a Lorena, Nayane, Rodriguinho, nossa alma zen, Eliersson, nosso tesouro, Vinicius, que foi nossa força naquelas horas que batia o desespero, Gigi, minha doce e eterna parceira de rolê, Camilinha, e Sabrina, a minha companheira de todo dia. Gratidão profunda a vocês!

Agradeço a minha orientadora, a professora Claudia Fontineles, a quem eu serei eternamente grato pela oportunidade, pelos puxões, pelos ensinamentos, por sempre estar disposta a ajudar, e pelo exemplo de como ser correto na profissão, nas escolhas e nas relações são importantes. Aos professores da UFPI: Francisco Alcides do Nascimento, por distribuir um pouco do seu conhecimento e da sua sensibilidade, a Teresinha Queiroz, Edwar de Alencar Castelo Branco e Jonnhy Santana, aos meus professores e amigos da UESPI: Clarice Santiago, Joseane Marinho, Claudio Melo e Márcia Castelo Branco. Agradeço a Capes, por financiar essa pesquisa, e a Coordenação do Programa de Pós-graduação em História do Brasil pelas várias oportunidades no decorrer desses dois anos.

Agradeço aos meus amigos e aos demais familiares que me deram força diariamente e que me mostram que não importa o título, o conhecimento ou o capital que você adquire, se você não tem um coração grande e não sabe dividir não há razão pra se viver. Meu agradecimento a Thalita, a Bergson, Felipe, Agatha, Tatiana, Raiza, Daniele, Cardoso Filho, Thaline, Hatana, Wesley, Joana, Gabriela e Luana.

Pernas á vista, pessoas indo e vindo, engraxates cervejas  
uma gatinha vendendo charme, meninos amendoins e esmolos, olhos injetados  
mãos amarelas vendem bombons, uma turma de cana da civil [...]  
uma morena de seios lindíssimos, quatro mãos num diálogo de trejeitos  
gays ao lado da banca de revista  
um bêbado diz que é o tal, que faz e acontece e enche o saco [...]  
música em volume insuportável por uma vitrola rouca, caldo de cana [...]  
conversa animada, comentários diversos  
um casal que se beija, homem andando com toda pressa  
trombadinhas perto da fonte, observação táctil, visual e olfativa  
sons que muito lembram um inferninho, mãos que se tocam  
palmadas na costas: demonstração de carinho ou virilidade?  
o bar do cuspe a distância  
a galeria do Teatro, no lugar onde existia o Carnaúba?  
convite para inauguração de um bar, alguns vão ao Clube dos Diários [...]  
a colega que só agora noto ser uma gata, conversa sobre tempos  
e amenidades, convite para uma festa engajada e nas decências  
colegiais de procedência indeterminada  
lua anunciando pra breve encher-se de claridade arrasadora  
debates, negociações e acordos, pagamento em cheque  
hora de levantar ancora, vamos em frente a todo plano  
desbravar outras praias,  
a noite é uma seda!

Manoel Ciríaco

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cidade de Teresina na década de 1970 a partir de uma leitura sobre a noite na capital. Com isso buscamos de modo específico fazer uma cartografia sobre os espaços de lazer noturnos presentes na cidade, e elegemos a zona do centro de Teresina para essa análise, por reconhecê-la como uma zona que foi fruto de intervenções e reformas durante essa década, e que diante disso se mostrou território observável de manifestações e atividades durante a noite, funcionando como um circuito para práticas de lazer na cidade, no entanto nosso objetivo também elege as zonas próximas ao centro, os bairros que o margeiam, por entender que nesse momento há uma constante circularidade entre os habitantes, principalmente no uso dos espaços de lazer. Buscando trazer características sobre essa zona, cartografamos praças, bares, restaurantes, churrascarias, boates e cabarés, na intenção de denotar uma presente vida noturna na capital nesse momento, e assim levantando características sobre esses espaços, alguns modos de uso, práticas, e outras movimentações observáveis. É interessante apontar nesse trabalho os aspectos de urbanização pela qual Teresina passava, principalmente por entender que esse processo de mudança fizeram emergir novos comportamentos diante de um quadro de novidades. A partir disso, buscamos também relacionar outros aspectos que se apresentam sobre a noite, como lugar de insegurança, medo e perigo, para tanto, analisaremos as representações feitas em alguns dos jornais que circularam na cidade no período para encontrar e problematizar os discursos que constroem lugares perigosos, sujeitos e práticas indesejáveis na noite de Teresina. As fontes documentais utilizadas foram os jornais O Dia, Jornal Do Piauí, O Estado, A Hora, bem como o suplemento O Estado Interessante, e os jornais de imprensa alternativa circulados na cidade no período: Toco Cru Pegando Fogo, Tribuna Democrática e o Gramma, além de relatos memorialísticos e fontes orais. Como fundamentação teórica a essa pesquisa, compomos a discussão com Ana Fani Alessandri Carlos, Claudia Cristina da Silva Fontineles, Roger Chartier, Michel de Certeau, Maria Izilda Santos de Matos e Michel Foucault.

**PALAVRAS - CHAVE:** História. Lazer. Noite. Violência. Urbanização.



## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the city of Teresina in the 1970s from a reading about the nightlife in the capital. Thereat we specifically seek to make a cartography about the night leisure spaces present in the city, and we choose the center zone of Teresina for this analysis, for recognizing it as a space resulting from interventions and reforms during that decade, and before this showed itself an observable territory of demonstrations of activities at night, functioning as a circuit for leisure practices in the city, however our objective also choose the zones near the center, the neighborhoods that surround it, for it understands that at that moment there was a constant circularity between the inhabitants, mainly in the use of leisure spaces. Seeking to bring features about this area we mapped bars, restaurants, steakhouses, nightclubs and cabarets, intending to denote a present nightlife in the capital at that moment, and thus raising characteristics about those spaces, some modes of use, practices, and other observable movements. It is interesting to point out in this work the aspects of urban development for which Teresina was going through mainly because that have made new behaviors emerge before that context of innovations. From this, we also seek to relate other aspects that happen at night as a place of insecurity, fear and danger, to do so, we will analyze the representations made in the newspapers to find and to discuss the discourses that construct dangerous places, subjects and undesirable practices at the nightlife of Teresina. The documentary sources used were the newspapers O Dia, Jornal Do Piauí, O Estado, A Hora, as well as the supplement O Estado Interessante, and the alternative press newspapers circulated in the city at that time: Toco Cru Pegando Fogo, Tribuna Democrática and the Gramma, besides reports of memories and oral sources. As theoretical basis for this research, we compose this debate with Ana Fani Alessandri Carlos, Claudia Cristina da Silva Fontineles, Roger Chartier, Michel de Certeau, Maria Izilda Santos de Matos e Michel Foucault.

**KEYWORDS:** History; Leisure; Night; Violence; Urbanization.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Imagem 1:</b> Mapa da densidade de edificação urbana em Teresina.....	58
<b>Imagem 2:</b> 1974 ano de violência com mais de cem mortos.....	88
<b>Imagem 3:</b> Polícia vai saber índice de prostituição.....	97
<b>Imagem 4:</b> Aqui os marginais realizam suas transas.....	98

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE, NOVOS COSTUMES E (A) FAZERES NA TERESINA DOS ANOS DE 1970.....</b>	<b>24</b>
1.1. A urbanização de Teresina na década de 1970.....	24
1.2. Novos costumes na cidade urbanizada.....	35
1.3. A cidade preparando o lazer nos anos de 1970.....	45
<b>2. O CENTRO E O LAZER NOTURNO.....</b>	<b>53</b>
2.1. Dimensões geográficas de um circuito de lazer.....	53
2.2. De bar em bar: cartografia dos espaços de lazer noturno em Teresina na década de 1970 .....	62
<b>3. O OUTRO LADO DA NOITE: REPRESENTAÇÕES DO PERIGO NA NOITE DA CIDADE NOS JORNAIS DA DÉCADA DE 1970.....</b>	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

Chegar a esse tema, não me foi de início dado pelas fontes encontradas como ocorre com muitos dos pesquisadores que almejam achar um tema instigante e original no mundo quase ilimitado das fontes históricas que se apresentam aos desbravadores de hoje. Não, achei a enorme vontade primeiro. Como alguém que cresceu embalado por histórias de parentes sobre festas, comemorações, noitadas e avançadas intermissões sobre a noite, sobre idas e vindas, sobre namoros, bebedeiras e ressacas alcançadas ao maior contento, fiz de minha memória o relicário de muito do que me foi escutado e guardei essas histórias por um tempo na área das recordações.

Com o passar do tempo me pus na história como um curioso, e depois me lancei na História mesmo, com H maiúsculo, aquela história da crítica, da revelação, a história que conta as outras histórias. Já como um graduado em História e movido por uma curiosidade escrachadamente afetiva e pessoal, retirei da memória aquelas histórias guardadas no relicário e pensei na possibilidade, aí sim me permiti partir pras fontes e desse modo me lançando aos questionamentos e as problematizações, às dúvidas e às incertezas.

Foi então que a noite se revelou e o tempo também, passei a olhar para aquelas histórias como objeto, como fonte e como recurso para um trabalho que trouxesse as características possíveis de uma noite também possível. Fui descartando muita coisa pelo caminho, abraçando, eliminando, recortando, desviando, e cheguei ao ponto que foi possível chegar, e nele eu entrei. Entrei na noite da cidade de Teresina como um pesquisador cultural, como um curioso e como um investigador. Com isso, aberto as possibilidades, me foram chegando as perguntas incipientes, iniciais, como um norte introdutório no tema, tais como: de que maneira a população da cidade de Teresina se divertia durante a noite na década de 1970? Quais, onde e como eram os lugares de lazer noturno dessa mesma população? E como se encontrava a cidade de Teresina nessa década?

Adentrando o *métier* do historiador de forma interdisciplinar, como nos é ensinado, a noite passou a ser colocada como um objeto de significação para perspectivas historicizantes, encontrei outros historiadores que falavam sobre a noite de maneiras diversas e significativas, assim como antropólogos e sociólogos. Mais do que um espaço de tempo correspondente ao *dia*, ela se pôs aqui como um espaço de práticas

múltiplas, de representações, de constituição de hábitos e costumes que passariam a ser próprios a esse turno.

A autora Maria Izilda Santos de Matos<sup>1</sup> lembra que a noite como objeto da História vem nos últimos anos se desvinculando de uma longa e antiga representação que tendia a mantê-la unicamente como espaço de tempo negativo, ocioso, em oposição ao dia, às atividades diurnas, valorizadas num mundo do trabalho, a noite era vista como lugar de práticas majoritariamente boêmias, de perigos e ocultamentos, do pecado, das bruxas, do ócio, para dar lugar dentro das sociedades modernas a um entendimento sobre a noite como um universo de possibilidades, repleta de vivências, experiências, códigos, que revelariam momentos históricos e a cultura de vários períodos<sup>2</sup>.

A noite com isso passa a ser foco de um imaginário<sup>3</sup> que se transforma constantemente, mesmo parecendo evidente, de maneira cultural e histórica é bastante complexa a diferença que se exerce entre o dia e noite<sup>4</sup>. A noite é cantada por boêmios, por amantes da noite, a noite é traduzida em poemas, enaltecida, criam-se personagens que só se vivem na noite, o notívago, o flaneur, o malandro, a sonoridade da noite revela algo de desejoso, de possível, mas também esconde muito do que não se quer revelar, há um controle sobre a noite, lugar do medo, do perigo também, lugar do ócio, do não fazer nada, lugar da bebedeira, dos lugares secretos, das catarses. A noite se tornou definitivamente o lugar do múltiplo e do possível.

Enfim chegamos na noite de Teresina na década de 1970 com várias referências históricas, 70 é a década da euforia, da novidade, é a década de continuação do desbunde e da contracultura iniciadas nos anos de 1960, da televisão ganhando mais e mais espaço nos lares brasileiros, da repressão, do milagre econômico, do divórcio, das discotecas, do *gay power*, do fim do cabaré luxuoso e centralizado na Paissandu, da

---

<sup>1</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Noite: na cidade e na História. In: MATOS, Maria Izilda Santos de A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP, Edusc, 2007.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> O imaginário sobre a noite é pensado aqui como uma possibilidade de abordagem a partir do conceito de representação. Estes conceitos aliados englobam diversas realidades sobre o social, que se posicionam de diferentes formas em diversos momentos históricos. Cada sociedade cria seu imaginário de representações do mundo, em palavras, formas ou imagens diversas, criam estratégias, determinam posições de grupos sociais, reconhecimentos, diferenças, que se matizam no campo da experiência humana, do social coletivo ou do particular íntimo. SOLLER, Maria Angélica. MATOS, Maria Izilda Santos. *O Imaginário em debate*. São Paulo. Olho D'água. 1998.

<sup>4</sup> O conceito de dia e noite é bastante complexo, durante o decorrer desse trabalho estaremos utilizando a noite tanto como um conceito natural, evidenciado como parte do dia que é composto de vinte e quatro horas, estando estabelecida desde o crepúsculo até o nascer do sol. Assim como no seu conceito cultural, na criação de hábitos, práticas singulares e usos, que culturalmente e de maneira historicizante formularam um imaginário, representações e cenários sobre a noite. LE GOFF, Jacques. O dia e a noite. In: *História e Memória*. Editora Unicamp. São Paulo, 2014.

enorme migração, setenta é o fim do Teatro como cinema e abertura pra shows e espetáculos, das reformas das praças, da ocupação da zona leste, e de tantos outros acontecimentos importantes no período, vemos que setenta teve uma conjuntura que auxiliou de vários modos novas formas de lazer e de práticas noturnas na cidade de Teresina.

Nisso, a cidade, aparentemente pacata ia sendo revelada pelos tantos trabalhos já produzidos<sup>5</sup> sobre a década até então, mostrando que pouco a pouco ela ia passando por mutações, agenciando microtransformações, microrrupturas e microrrevoluções.

A capital do Piauí era caracterizada por um processo de mudanças nas suas características físicas, espaços eram criados, outros eram reformados, ruas eram iluminadas, parto do interesse de que nessa década Teresina apontaria fortemente para a descoberta do novo, da novidade, do moderno e da modernização, resolvi situar o conceito de noite ao de urbanização, muito valorizado pelos discursos dos jornais e dos governos que passaram pela cidade nesse período. Nesse ponto, a autora Ana Fani Alessandri Carlos<sup>6</sup> em *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*, vai nos auxiliar ao conceituar a noção de urbano e urbanização nas cidades modernas pela mistura dos usos e pela formação das estruturas e movimentações na cidade a partir da vida cotidiana, pelos vários processos que emergem sobre ela e sobre o indivíduo que há habita, nisso, segundo a autora, a cidade formaria o indivíduo enquanto o indivíduo formaria a cidade.

Assim, o processo de urbanização de Teresina de vários modos estaria alinhado aos novos comportamentos que seriam observados na cidade, as maneiras de usar os

---

<sup>5</sup> Os acontecimentos desse período que colocam Teresina como ponto de discussões sobre várias vertentes tem sido bastante pesquisados e tem originado vários trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação na Ufpi, dentre eles podemos citar alguns: MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina*. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013. CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. *Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica*. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006. LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

<sup>6</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo. Contexto. 2000.

espaços diurnos e noturnos, de movimentação do lazer, de se locomover, de ensejar os temas relativamente novos com que eram postos à discussão para a população, que foram veiculados nos jornais em circulação pela cidade e que de algum modo agenciavam novas maneiras de interagir, discussões em torno do uso da pílula, do divórcio, de novas posturas relacionadas ao sexo e a sexualidades, novas maneiras de consumo de bens culturais, de músicas, literatura e de artigos tecnológicos. Essas seriam algumas das práticas que foram sendo cartografadas pela cidade de Teresina no período e que nessa pesquisa passam a compor um entendimento sobre transformações, novos fazeres e afazeres vistos na capital.

Durante muito tempo pensava-se a cartografia como um método de análise puramente no campo da Geografia, algo que priorizava os traçados cartográficos urbanos, mapas, zonas, mapeamentos, fruto de mudanças e transformações naturais nas concepções físicas de cidade<sup>7</sup>. A partir de um novo olhar sobre a formação do espaço, principalmente após aproximações multidisciplinares entre arquitetos, filósofos, sociólogos e outros cientistas sociais<sup>8</sup>, as regulações cartográficas de formação e organização dos espaços passaram a ser enxergadas como prática política e cultural, estando determinadas por um tempo e lugar, tornando-se definidas historicamente, bem como cartografias projetadas a partir das práticas que dizem respeito as maneiras de uso do espaço, que são movidas pelo desejo, pela vontade, pela produção de interesses no campo social.

Virginia Kastrup<sup>9</sup> ao socializar o pensamento de Suely Rolnik vai dizer que a cartografia vive do processo de produção dentro da realidade macro ou micropolítica moderna, portanto ela enxergaria um mapa móvel, em transformação, podendo sugerir análises sobre a dimensão material do mundo, bem como aliando – se as percepções, as sensações, e as representações desse mundo no campo social.

O crescimento de Teresina nessa década, com a abertura de bairros, de novos logradouros, a iluminação de praças públicas, formação de espaços de lazer, surgimento de bares, restaurantes, etc. mostrou dentro do nosso interesse as maneiras materiais com que a cidade pôde ser cartografada, assim como a dimensão de práticas e ocupações enxergadas nesses espaços que nos conduzam ao lazer, à existência de movimentações

---

<sup>7</sup> ESCOSSIA, Liliana da. PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. (org.) *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina, Porto Alegre. 2015.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Ibid.

noturnas que denotem hábitos de uma cidade em crescimento, as maneiras de utilizar essa noite cartografada pelo prazer, pelo desejo e pela vontade.

Na nossa proposta, essas formas de entendimento aparecem sobre Teresina, alinhando às mudanças físicas aos comportamentos que se sociabilizariam por essas mudanças. Nossa pesquisa se refere as sociabilidades<sup>10</sup> como um ponto central na noite, que seriam observadas nas maneiras de interação nesse ambiente noturno a partir das sociabilidades compartilhadas nos espaços configurados da cidade, que é o que buscamos perceber como movimentações.

O lazer visto na cidade nesse momento pode ser observado partindo de várias instâncias individuais ou coletivas, nosso interesse é mostrar os espaços de lazer noturnos postos a população sem entrar muito na ordem de onde partiu, mas sim como são dados e como se apresentam ou seriam representados, é interessante entender que há uma gama de estudos que colocam o lazer como interesse, entendendo a aproximação dessa atividade à características pessoais, motivadas por desejos, pelo prazer, ao consumo, à obrigações, à horários, lugares, etc.

Joffre Dumazedier<sup>11</sup> atribui a fixação do lazer na sociedade pós-industrial tendo o trabalho como marcador, o lazer para ele encontraria a hora do descanso do trabalho para manifestar-se. Nessa definição considerada clássica de Dumazedier, a noite aparece como o horário propício às atividades de lazer, seria a noite potencialmente o tempo onde o lazer deveria se manifestar. Considerações como essa, mesmo com as mudanças

---

<sup>10</sup> A sociabilidade vista aqui segue o conceito de sociabilidade formulado por George Simmel. Para ele a “sociação, que derivaria na sociabilidade, termo empreendido posteriormente, só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. Assim, a importância do conceito de forma social reside na capacidade de ser organizadora das relações sociais entre os indivíduos e no estabelecimento de ações recíprocas, ou seja, na socialização/sociação”. Quando os conteúdos rompem a esfera da individualidade, abrindo-se nas formas sociais, com os indivíduos colocando-se em cooperação, colaboração ou conflito com os outros indivíduos, temos a constituição da ação recíproca. Esse evento estabelece-se a partir de determinados instintos e dirige-se a determinados fins que são impulsionadores das ações dos indivíduos. [...] Tais ações são recíprocas: os indivíduos influenciam e são influenciados pelas ações de outros indivíduos e possibilitam a convivência de uns com os outros e de uns contra os outros. SIMMEL, George. Como as formas sociais se mantêm In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 47

<sup>11</sup> Um dos pioneiros nos estudos sobre o lazer, o francês Joffre Dumazedier chegou ao Brasil nos anos de 1970, atribuindo um campo de pesquisa importante sobre o lazer por aqui. Para ele, o lazer moderno não é apenas o acesso democrático ao tempo livre, que seria um antigo privilégio das classes dominantes. O lazer saiu da própria organização do trabalho burocrático e industrial. O tempo de trabalho, enquadrado em horários fixos, permanentes, independente das estações do ano, se retraiu sob o impulso do movimento sindical e segundo a lógica de uma economia de consumo. Considera-se o tempo utilizado para as diferentes obrigações sociais (família, escola, cursos, religião e lazer) como tempo disponível, e o lazer como um tempo específico dentro do tempo disponível. Cf: DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.



nas sociedades modernas e a noite também sendo considerada turno posto ao mundo do trabalho, ainda tem forte potência nas práticas de lazer observáveis na maioria dos lugares.

Em Teresina durante a década de 1970 houve ocupações da noite de maneiras distintas. Buscando fazer uma cartografia a partir das fontes utilizadas nesse trabalho, na intenção de mapear, localizar os lugares de lazer noturnos na cidade, que promovessem sociabilidades, definimos a zona central como ponto de convergência e referência para o lazer no período.

Compreendemos na nossa análise que durante a década de 1970 a cidade era caracterizada por um significativo crescimento populacional, o que fez com que novas zonas surgissem, com que a cidade se alargasse para as áreas norte, leste e sul, no entanto, percebemos que ainda havia uma centralização dos espaços de uso noturno para atividades de lazer, era no centro onde se encontravam o Teatro 4 de Setembro, o Clube dos Diários, as atividades culturais e movimentações na Praça Pedro II, na Avenida Frei Serafim, bem como alguns bares, churrascarias, boates, cabarés, dentre outros espaços destinados a esse lazer noturno.

Não poderíamos dizer que o centro<sup>12</sup>, como um bairro da capital, era um espaço único de concentração festeira, há uma certa fluidez nas práticas de lazer na cidade nesse momento, como pudemos ver, devido ao crescimento da cidade e alguns outros fatores, e nas zonas periféricas que se encontravam mais distantes acabaram por dispor também de suas próprias ferramentas de lazer<sup>13</sup>. No entanto, as fontes nos permitiram adentrar mais nos espaços pelo centro e pelas suas margens, que devido a circularidade observada nessa época, também incluiremos movimentações em alguns lugares que ficavam nos bairros no entorno e que passaram a ser cartografados.

---

<sup>12</sup> Observamos aqui as formas históricas de habitação do centro da cidade de Teresina, como parte do desenvolvimento urbano inicial da cidade nos finais do século XIX e no decorrer na primeira metade do século XX, que apontou uma característica descentralização nos anos de 1970 e se intensificou mais a frente, com a construção de conjuntos habitacionais para as zonas norte, leste e sul. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, o centro urbano é um dos lugares simbólicos da cidade, portador de memória, história e identidade. É nele que se tornam mais visíveis as representações do urbano, no qual identificamos “uma forma de ser, um estilo de vida, uma performance cidadina de comportamento.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: XI Encontro de Pós-Graduação e pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-ANPUH. São Paulo, vol. 1, 1998.

<sup>13</sup> MONTE, Regianny Lima. Cotidiano e Lazer na cidade dos excluídos. In: MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010.

Para Rogério Barreto<sup>14</sup>, de uma forma geral, a área central costuma ser vista como a parte da cidade que é mais acessível, sobretudo na utilização de transportes públicos, não só para os residentes, mas também para os visitantes ocasionais. Esta área representaria para os cidadãos a memória da cidade, o coração da urbe, um lugar de consumo e fruição de espaços modernos, que não necessariamente ocupa o centro geográfico da cidade, mas que cria uma rede de circulação onde convergem e todos se deslocam para as atividades ali realizadas, tornando-se um centro<sup>15</sup>.

Evidenciando a nossa análise, portanto, sobre esses espaços centrais, constituímos essa zona como circuito. Em sua obra *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*, José Guilherme Magnani<sup>16</sup> vai caracterizar o circuito como uma categoria de funcionamento dentro da cidade, ele seria o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, o circuito é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais<sup>17</sup>.

Buscamos pensar a noção de circuito no centro de Teresina ao processo de urbanização posto nessa zona no momento, por entender que as obras que foram colocadas na capital, as melhorias das praças e ruas do centro receberam uma atenção privilegiada, na intenção de dotar a capital de infraestrutura e mostrá-la como cartão postal do Piauí, muito do que foi realizado em termos de iluminação pública, calçamento de ruas e atividades culturais promoviam o centro em detrimento de outras áreas da cidade. Nesse sentido, a zona se torna território observável de manifestação de atividades durante a noite funcionando como um circuito de atividades de lazer.

O centro<sup>18</sup> abrigava alguns bares, churrascarias, botequins, cabarés, espaços voltados a sociabilidade noturna, onde cada um exprimia certas características de uso. Andamos por esse circuito percebendo como alguns desses lugares vistos, ocupados e representados, como se criava uma possível identidade sobre eles, ou uma idéia de

---

<sup>14</sup> BARRETO, Rogério. *O centro e a centralidade: aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Cadernos do Curso de Doutorado em Geografia da FUP. 2010.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>17</sup> Ibid, p. 85

<sup>18</sup> Podemos ver o centro das cidades vivido como lugar de troca das atividades sociais, das atividades eróticas no sentido amplo do termo. Melhor ainda, o centro da cidade é sempre vivido como espaço onde agem e se encontram forças subversivas, forças de ruptura e também forças lúdicas. BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 278. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Táticas caminhanças: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jan-jun 2007.

pertencimento, mais do que um lugar qualquer, na definição de Michel de Certeau, podemos concebê-los como lugares praticados<sup>19</sup>. Mais do que isso, buscaremos perceber que frações da população da cidade encontraram nesses espaços e na noite, um lugar de compartilhamento de idéias e de cruzamentos de interesses, de criação de códigos regidos muitas vezes pelo espaço e mediado entre os sujeitos.

Podemos articular também pela ocupação desses espaços em Teresina a noção de identidade pensada pelo território. O antropólogo Nestor Perlongher, nos seus estudos sobre os circuitos de São Paulo durante a década de 1970, problematiza um processo específico de constituição de identidade, para ele muitas das vezes uma identidade é posta a sujeitos pela simples ocupação de determinado território<sup>20</sup>. Estando presente em determinado espaço, ali você comungaria das atividades e da política que é ali exercida, estando dado a identificações por terceiros pela ocupação desse espaço<sup>21</sup>. Problematicamos isso, vendo se em Teresina haviam discursos identitários sobre alguns lugares, principalmente observando os que eram divulgados pelos jornais da época, sobre definições de sujeitos e de lugares de funcionamento na noite. Na definição de Perlongher, em vez de falarmos em identidades deveríamos passar a falar de territorialidades, de lugares que são geográficos e também relacionais, onde o conceito de identidade dá lugar ao de territorialidade, e “à pergunta quem é? superpõe-se a pergunta onde está?”.<sup>22</sup>

Problematicamos essas características assim colocadas sobre o Gellatti, como exemplo de espaço de sociabilidade noturna na época, como um desses espaços - território, notadamente marcado por uma atividade da juventude engajada em processos culturais, ou o Bar Amarelinho, como um território de sociabilidade homossexual do período, assim como o Bar da Loura, na rua Paissandú<sup>23</sup>, trajeto ou território que é

---

<sup>19</sup> Michel de Certeau define o espaço praticado como o espaço que é transformado constantemente pelo modo como ele é usado, saindo do idealizado ou planejado e sendo consumido, como exemplo, uma rua que é geometricamente planejada pelo urbanista é um lugar que é transformado em espaço pelos pedestres, ele só se torna espaço praticado pelo uso que os pedestres fazem dele, com isso podendo sair daquela idéia original, mexer e consumir a seu modo. Certeau expõe o caminhar como um claro modo de criar lugares praticados, pois ao caminhar o indivíduo não resume sua prática ao traçado gráfico, constantemente ele cria talhos, desvios, táticas a ordem inicial traçada de forma subjetiva. CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*, 2.ª edição, 1996. P. 171.

<sup>20</sup> PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>21</sup> Ibid. p. 85.

<sup>22</sup> Ibid. p. 85.

<sup>23</sup> A Rua Paissandú no centro da cidade de Teresina é historicamente constituída como a zona do baixo meretrício da cidade, pela constituição de cabarés, botequins, pela presença de prostitutas, muitos discursos são postos em momentos diferentes sobre esse espaço e sobre suas maneiras de uso. O nosso ponto elege a Paissandú como um espaço de uso na noite da cidade, não como um local fechado por um

característico a um discurso desviante de representação muito observável na época. De que modo essa concepção de discurso que propõe um território como formador de identidades perpassa por esses espaços de lazer noturno observados no centro?

Outro ponto que analisamos nesse trabalho diz respeito à noite em Teresina pensada sobre os aspectos de medo, violência e perigo<sup>24</sup>. Considerando a noite como um espaço de práticas múltiplas, percebemos um imaginário colocado sobre ela ser o lugar do medo, da insegurança, algumas construções negativas que foram dadas e representações sobre essa noite na cidade, principalmente na cidade moderna. O autor Zygmunt Bauman<sup>25</sup> ao pensar a cidade moderna, a violência e o medo urbano, vai falar de uma relação que ambos mantêm com o espaço público, mostrando que as sociabilidades existentes nas ruas e a própria estética arquitetônica da cidade é influenciada por esta problemática, no modo de andar, por onde andar, tudo se ressignifica decorrente do medo, da insegurança e de outros fatores relacionados<sup>26</sup>.

Analisando os jornais que circulavam no período, foi interessante perceber uma representação que se faziam sobre práticas e sujeitos tidos como desviantes, nas manchetes de muitos desses jornais, nas notícias e reportagens, vários dos casos de crimes e violências são praticados à noite, quase que sua maioria se ligam ao ambiente noturno<sup>27</sup>. E essas práticas ocorrem em alguns lugares difundidos pelos discursos desses mesmos jornais como desviantes, perigosos e insalubres, como os bares e botequins, ou os bairros e zonas habitados pela população pobre da cidade.

Tudo isso, nos fez buscar entender além da realidade, as representações que o discurso desses jornais fazem sobre a violência, pelas análises das notícias, manchetes e fotos divulgadas em periódicos que circulavam diariamente, da qual usaremos em suma edições dos jornais *O Dia* e *O Estado*, buscando problematizar como os discursos postos atribuíam na cidade zoneamentos, territorialidades, espaços por onde passar, por onde não andar, lugares considerados danosos e perigosos, e com isso criando imagens

---

único discurso definidor, mas principalmente pelo caráter flutuante de construção desse discurso, percebendo o que foge a ele.

<sup>24</sup> A violência, assim como o medo e o crime, serão postos nesse trabalho sobre Teresina na década de 1970 como um conceito, e, portanto possíveis de serem interpretados, sobre várias vertentes, em vários momentos e com diferentes questionamentos e respostas. É interessante analisar algumas indagações que interpelam esses termos, por vezes confundindo-os. Bem como as que os diferem, os especificam cada um a um campo interpretativo próprio, com suas nuances de construções individuais, em tempos e momentos diferentes. Cf: SANTOS. Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2013.

<sup>25</sup> BAUMAN. Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.p.76.

<sup>27</sup> NOITE violenta na Paissandu. *O Dia*, 11 abr 1975. HOMICÍDIO na Piçarra. *O Dia*, 11 out 1974.

e personagens de estranhamentos e medo. Dentre esses personagens os que eram mais frequentes nas notícias são os cabarés, as prostitutas<sup>28</sup>, os boêmios<sup>29</sup>, e as camadas pobres da cidade<sup>30</sup>. E entender também através desses jornais como se operavam as ferramentas de controle sobre esses sujeitos e territórios que são colocados como desviantes, ou seja, que estariam ferindo a ordem da cidade.

Para Michel Foucault<sup>31</sup> um território é uma noção geográfica, mas também é uma noção jurídico-política, que é controlado por um certo tipo de poder, ou relações de poder, que penetram, atravessam e caracterizam esse território. As formas discursivas seriam as mais observáveis na formação de territórios, sejam simbólicos ou materiais, na intenção de dotar características positivas ou negativas e moldar espaços e comportamentos desejáveis. Os jornais como discursos que produzem enunciados que circulam em determinado momento na sociedade articulando falas, intenções, gestos e pensamentos, são vistos aqui como produtores de discursos que territorializavam a cidade, no momento em que caracteriza certas ocupações que são feitas sobre as praças de Teresina durante a noite, como a Praça Saraiva, a Pedro II e a Praça da Bandeira, e de bairros e de casas de diversão no período da noite.

Esses discursos criam representações de uma cidade violenta, de uma noite perigosa e de sujeitos indesejáveis, assim como Foucault, o autor Roger Chartier<sup>32</sup> afirma que essas formas de percepção dos discursos devem ser vistas a partir das relações de poder existentes sobre elas, que definem parâmetros e ordenamentos, e pensar que as representações dadas a esse mundo social se estabelecem num campo de luta, de grupos que tentam impor seus interesses e seus valores.

Potencializada pelos discursos nos jornais, as práticas recorrentes em alguns bairros pobres da cidade também eram caracterizadas de forma inadequadas, desviantes. Nos bairros da periferia de Teresina, onde há a possibilidade de atrelar a pobreza com um discurso ligado ao perigo e a violência, são observados nos jornais algumas dessas possíveis ligações que são feitas em manchetes, notícias e reportagens, principalmente quando percebemos que as incidências de crimes, roubos e furtos, mais do que em outras zonas, são embutidas a alguns fatores existentes nesses bairros, como a ausência

---

<sup>28</sup> POLICIA prepara blitz em cabaré. *O Dia*, Teresina, 22 mar. 1973. P.5.

<sup>29</sup> BOÊMIO é agredido e leva facada por traz. *O Dia*, Teresina, 05 jun, 1974.

<sup>30</sup> DESFAVELAMENTO provoca debate. *O Estado*, Teresina, 19 abr.1975.

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Graal. Rio de Janeiro. 1995. P. 157.

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P. 18.

de saneamento, infraestrutura, educação, dentre outros. A autora Mariza Romero<sup>33</sup> vai ser interessante à nossa análise quando ela expõe essa construção dada pelos noticiários de periódicos que associam os índices de violência e criminalidade às camadas populares, atentando para a construção de imagens de tipos perigosos e lugares danosos que são postos pela condição econômica, pela insalubridade e pelos níveis educacionais.

Teresina nesse ponto se mostra como a cidade do contraditório, já que há discursos nos meios de comunicação mostrando uma cidade urbanizada e ações nos seus espaços que visam a modernização dessa capital, no entanto, tais ações não alinhavam esses sujeitos nas suas intenções, pelo contrário, ao analisarmos os jornais percebemos que esses tipos que andam na noite, essas práticas são corrompidas e esses lugares são marginalizados a todo momento do ambiente da cidade, como se não a compusesse, estando posto a todos os olhares da norma e do controle.

Nesse ponto, Michel Foucault<sup>34</sup> vai analisar também alguns dos dispositivos que seriam criados para o controle dos indivíduos no meio social, através da disciplina e da norma, que funcionariam como um poder disciplinar e que estariam dispostos nas instituições sociais, e acabariam servindo para estabelecer relações, definir posturas e comportamentos considerados apropriados na sociedade.

A autora Maria Izilda de Matos Santos<sup>35</sup> nos esclarece que o ambiente do bar e o boêmio, aquela figura que sempre circula pela noite, são produtos da noite e que também são vistos como produtos do desvio, com isso, e dentro da sociedade disciplinar, devendo estar sempre relegados as ações da ordem. O bar, como lugar de venda de bebida alcoólica, do jogo e do sexo livre, para a autora, seria o lugar quase que apropriado nesse universo, para tensões, brigas e crimes. A zona da Paissandu é vista aqui, como um emblemático espaço de atividades noturnas no período, e como um ponto de ebulição de violência bastante divulgado nos discursos dos jornais, na medida que em um só espaço há a prostituição, o jogo e o álcool em evidência. Acrescido como propulsores do desvio da ordem na cidade.

No levantamento bibliográfico dessa pesquisa fizemos uma leitura sobre Teresina a partir de trabalhos produzidos pelo Programa de Pós-graduação de História

---

<sup>33</sup> ROMERO, Mariza, *Inúteis e Perigosos no Diário da Noite São Paulo 1950-1960*. Educ/Fapesp, 2011.

<sup>34</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>35</sup> “Os bares eram o cenário frequente de conflitos, significando, ao mesmo tempo, local de camaradagem e espaço de disputa e afirmação dos valores masculinos da época. Era ali que afogavam as mágoas, discutiam futebol, cantavam seus amores e divagavam ao som do gramofone, a tal ponto que se perdiam os detalhes de uma briga acontecendo na mesa ao lado” (p. 83). MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2001.

do Brasil que colocam a década de 1970 como ponto de discussão e que nos ofereceram um importante entendimento sobre os processos de modernização da cidade, nos fazendo entender mais a intenção de remodelação e urbanização da capital presente no período, apontando importantes características sobre isso. Tomamos também a memória levantada a que encontramos nos relatos publicados, em livros, artigos, nas fontes jornalísticas e alguns relatos orais que dão mais características sobre fatos, lugares e acontecimentos.

As fontes jornalísticas utilizadas são de jornais que circulavam na cidade durante a década de 1970, muitos faziam parte da imprensa de grande circulação, como o jornal *O Dia*, o *Jornal do Piauí*, e *O Estado*<sup>36</sup>, além do suplemento *O Estado Interessante*. Essas fontes jornalísticas foram catalogadas e fazem parte do acervo do Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito, serão utilizadas como uma importante ferramenta de observação sobre a realidade cotidiana da cidade, dada a circulação diária, bem como outros jornais de cunho alternativo, que foram produzidos por alguns grupos em Teresina durante o período que também serão fontes importantes para compor o entendimento sobre os comportamentos, os hábitos, as movimentações culturais na cidade, a contextualização com o período de importantes transformações em um cenário mais amplo, edições dos jornais de imprensa alternativa como: *Toco Cru pegando Fogo*; *a Tribuna Democrática* e *o Boquitas Rouge*.

A imprensa é um espaço privilegiado de expressão, pois ela emerge no momento central das discussões no período, tornando os discursos vivos. Para Tânia Regina DeLuca<sup>37</sup>, o “pesquisador dos jornais trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação<sup>38</sup>”. Vamos estar atentos a essa posição ao analisar as fontes jornalísticas, atento às notícias que circulavam nesses periódicos, entendendo também

---

<sup>36</sup> Esses foram alguns dos principais jornais que circularam durante a década de 1970 em Teresina, apesar da existência de outros foram os que mais disputaram o mercado. O *Jornal do Piauí* havia sido fundado em 1951, *O Estado* começou a ser produzido no Piauí em 1969, sob direção do jornalista Helder Feitosa Cavalcanti, que era o concorrente principal do *O Dia*, líder de vendas na capital e fundado em julho de 1951, sob a direção da família Miranda, que ainda permanece em circulação até a atualidade. O Estado Interessante foi um suplemento semanal do jornal *O Estado*, mantinha uma linguagem menos formal, traziam discussões sobre cultura de maneira geral, música, filmes, comportamentos e textos literários.

<sup>37</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nós e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>38</sup> *Ibid.* p. 140.

aquele conceito que Michel de Certeau buscou chamar de lugar social<sup>39</sup> de produção da notícia.

Portanto, partindo disso nos propomos a formular um pensamento de como era a noite de Teresina na década de 1970, a partir das ocupações, representações e do imaginário sobre a noite, seria possível dizer que existia uma única noite na cidade ou existiam várias noites diferentes? Tendo a cidade como agenciadora de mudanças, que características Teresina apresentava que permitiu uma intermissão no ambiente noturno para práticas de lazer? E de que modo esse ambiente noturno era caracterizado pelos meios de imprensa do período como espaço de perigo, medo e violência?

Diante desses questionamentos, compomos o nosso trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo intitulado *Transformações na cidade, novos costumes e (a) fazeres na Teresina dos anos de 1970* buscamos formular um entendimento sobre a cidade de Teresina no período, atentando as transformações que estavam ocorrendo, alguns setores serão privilegiados, no que concerne a entender um possível processo de urbanização da capital, assim como procurar captar acontecimentos que saíam na imprensa e que dizem respeito a novos comportamentos entendidos no mundo e que eram possíveis de serem percebidos em Teresina.

No segundo capítulo denominado *O Centro e O Lazer noturno* elegemos o centro como zona análise sobre a cidade, para definir a presença de lugares da noite dispostos ao lazer da população, buscando dar mais características a essa zona e as reformulações que foram postas sobre ela, a partir disso cartografamos bares, restaurantes, churrascarias, cabarés e praças nessa região, na intenção de dotar essa zona central como um circuito de lazer para a cidade na década de 1970. E no terceiro capítulo intitulado *O outro lado da noite: representações do perigo na noite da cidade nos jornais da década de 1970*, buscamos outro olhar sobre a noite de Teresina, a partir das representações que eram feitas nos jornais que circularam na cidade no período, buscamos enxergar construções da noite na cidade como lugar de medo e perigo, e entender como eram criadas imagens de lugares perigosos e sujeitos indesejáveis na capital durante essa década.

---

<sup>39</sup>Esse conceito elaborado Michel de Certeau buscou designar que nenhuma produção humana é realizada a partir de uma posição de neutralidade e deve ser compreendida considerando o seu produtor e de onde ele fala. Este lugar de falar pode ser institucional, econômico, social, racial e etc.[...] Por extensão, qualquer obra é também o resultado de um lugar institucional que é definido em função do lugar ocupado pelo indivíduo no corpo social. Esse lugar social evidenciado na escrita, mas não explícito é o que o autor chamou de 'não dito'. A produção historiográfica também se vincula a um lugar de produção social que introduz pressões, privilégios e métodos. Cf. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.p.56-104.



## **1. TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE, NOVOS COSTUMES E (A) FAZERES EM TERESINA DOS ANOS DE 1970.**

### **1.1. A urbanização de Teresina na década de 1970**

Nos diversos percursos que atualmente tematizam a cidade de Teresina durante toda a década de 1970, apontando as transformações e marcantes acontecimentos decorrentes no período, são demonstradas muitas possibilidades para se entender um universo de vivências, de temas, de agentes e experiências com a cidade, e apontam objetos e fatores que podem ser mais contextualizados gerando múltiplas compreensões. Esse entendimento ganha corpo principalmente ao compreendermos a ampliação dos campos de preocupação da historiografia, que não é uma inquietação recente, mas que cada vez mais favorece e contempla temas antes negligenciados<sup>40</sup>, vem diversificando suas temporalidades, incorporando novas metodologias e focalizando em novos espaços, novos sujeitos, comportamentos e práticas.

Sem generalizações, essas novas abordagens, que se condicionam em sua maioria pela escolha do plural nas suas análises, permitem que se construam trajetórias de interpretações, que facilmente se cruzam com elementos novos, novas sensações, novos cenários, novas fontes metodológicas, gerando um trabalho que está em constante movimento. Nesse sentido, a escolha desse capítulo para compor a cidade de Teresina durante a década de 1970 contempla o múltiplo.

Observando Teresina na nossa cartografia pelos espaços de lazer durante a noite na década de 1970, foi importante analisarmos a cidade e suas mudanças no período, identificando-a como um espaço que é transformado por diversos agentes e de diferentes formas e horários, que agem, intervêm, criam e recriam, como bem colocou Ana Fani Alessandri Carlos<sup>41</sup>. Trazemos aqui impressões de uma Teresina que está se urbanizando, atravessada por um momento de intervenções e pequenas rupturas, buscamos nesse capítulo associar essas impressões, analisar como a cidade durante a

---

<sup>40</sup> Sobre história cultural é importante ver: BURKE. Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2005; BARROS. José D'Ássunção. *História cultural: um panorama teórico e historiográfico*. *Textos de História* (Revista do Programa de Pós-graduação da UNB). Vol. 11 nº 1/2.2003. p. 145- 171.

<sup>41</sup> CARLOS. Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo. Contexto. 2000.p. 22.

década de 1970 se contextualizava, não somente como um cenário, mas também como um agente<sup>42</sup>, no entendimento de que muitas mudanças no cotidiano da população passam a ocorrer das próprias transformações urbanas.

A década de 1970 num contexto amplo se aponta como um período de reformulação de padrões<sup>43</sup>, resultado de uma conjuntura e de movimentos globais que vem desde a década de 1960<sup>44</sup>, houve o surgimento de condutas que buscaram transformar o campo social e político, que fizeram emergir práticas inteiramente novas e revolucionárias, que criaram maneiras de contestação e abriram formas sensíveis de experimentações. A partir disso, vamos perceber como frações da população de Teresina se beneficiaram e se reconheceram em novas formas de experimentações, de que maneira fizeram aparecer espaços e práticas novas de lazer no cotidiano da cidade.

Peter Pal Pelbart<sup>45</sup> vai dizer que a cidade historicamente existe em função de uma circulação, de entradas e saídas em tempos diferenciados, pela própria definição de que cidade é um fluxo, é produção, é multiplicidade, mas também há forças que tendem a querer torná-la totalização, fechamento, interioridade. Teresina durante a década de 1970 pode ser enxergada pelo embate entre essas duas posições, marcada por significativas modificações no seu aspecto físico, urbano, modernizada, e com a inauguração de novos matizes comportamentais, como também ainda carente de infraestrutura, com problemas dos mais diversos, mantendo práticas antigas e matizes já arraigadas no cotidiano e na vivência da cidade, seriam a chegada de novos costumes se opondo a velhos costumes, ou como novos fazeres na cidade marcada por afazeres<sup>46</sup>. Pelos jornais analisados vemos que muitas vezes Teresina se pontua pelo discurso do contraditório.

---

<sup>42</sup> Peter Pal Pelbart vai falar da cidade do possível, e demonstrar o espaço como meio agenciador de comportamentos, na maneira como os sujeitos se põem, se criam, a partir dos artefatos que a cidade pode vir a favorecer ou bloquear, “que trajetos ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca, que forças ela aglutina ou esparze, que acontecimentos ela engendra, que potencias fremem nela a espera por novos agenciamentos”. Cidade, lugar do possível. In: PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

<sup>43</sup> CANEVACCI, Massino. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: EDUSP, 1993. p.18.

<sup>44</sup> QUEIROZ, Teresinha. Juventude, cultura e linguagem na década de 60. QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

<sup>45</sup> Op.cit.

<sup>46</sup> Neste trabalho ao pensar Teresina durante a década de 70, nos surgiu a definição dos termos fazeres e afazeres, promovendo uma diferença entre ambos os termos. Na avaliação da linguística a noção de afazeres sugerem atividades relacionadas a trabalho, ocupações, obrigações, responsabilidades cotidianas que indicam repetição. Já fazeres vem do verbo fazer que sugere ação, deslocamento, criação, realizar algo a partir de formas comportamentais, de ação. Nesse sentido, pensamos tratar Teresina desses dois modos, uma cidade de costumes arraigados nos afazeres do cotidiano, e pensar essas mudanças como formas de fazeres, de novas práticas comportamentais e subjetivas.

A cidade de Teresina, capital do Piauí, no ano de 1970 contava com 220.487 habitantes<sup>47</sup>, o discurso de alguns jornais do início da década era de uma cidade em forte crescimento, com um processo de urbanização latente, que se pronunciava no desenvolvimento e aparecimento de novas zonas habitacionais, reformas dos seus espaços públicos e investimentos nas áreas de educação, habitação, saúde e lazer. Os jornais como porta voz do período vão informar sobre as várias transformações pela qual a cidade vinha passando, nos dando uma dimensão e levantando uma memória sobre o período<sup>48</sup>, apontando a cidade como um canteiro de obras, entendimento esse sobre a cidade também de parte da população que acompanhava essas modificações<sup>49</sup>.

Com a chegada da década de 1970, há um notável aumento de um discurso modernizador, alguns jornais visavam produzir uma capital mais atualizada, aparelhada, desconstruindo tenazmente a imagem de estado atrasado e pobre das décadas anteriores. Isso se reflete ao momento, em boa parte marcado pelo desenvolvimento econômico com que passa o Brasil nos primeiros anos da década de 1970, que se integrou economicamente com o mundo, aumentando o poder de consumo da classe média, gerando um imaginário de crescimento, pois esses primeiros anos refletem o período do “milagre econômico” e o das grandes obras no cenário nacional.

O país vivenciava um Governo Militar, houve uma intensificação da centralização política e o aumento da repressão à oposição com a chegada do General Médici à presidência. Nesse contexto, não só os governadores<sup>50</sup>, que já eram indicados pelo próprio presidente, mas também os prefeitos das capitais e das áreas consideradas de segurança nacional foram nomeados, pois se pretendia colocar em prática um plano de desenvolvimento nacional integrado.

A primeira metade dessa década foi um período de euforia desenvolvimentista, com um redirecionamento na economia e na política mais voltado para os setores de desenvolvimento e da modernização do país. A imagem era a legitimação do poder do

---

<sup>47</sup> *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina*. COPLAN S.A. 1970. Arquivo Público do Piauí.

<sup>48</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nós e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 111-153

<sup>49</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

<sup>50</sup> Durante os anos de 1970 o estado do Piauí foi governado por João Clímaco de Almeida (1970-1971), Alberto Tavares Silva (1971-1974), Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978), Djalma Veloso (1978-1979) e Lucídio Portela (1979- 1983). A prefeitura Municipal de Teresina foi ocupada por Wagner Saraiva de Lima (maio a junho de 1970), Haroldo Borges (1970-1971), Joel da Silva Ribeiro (1971-1975), Raimundo Wall Ferraz (1975-1979) e José Raimundo Bona Medeiros (1979-1982).

governo autoritário, com os militares conduzindo uma política econômica voltada, principalmente, para a ampliação da taxa de crescimento a um curto prazo, aumentando o Produto Interno Bruto (PIB) e mantendo o controle da inflação no país<sup>51</sup>.

O que podemos perceber nesses anos é uma aproximação da política estadual à federal, baseadas na doutrina de segurança nacional que exigia uma integração econômica de todo o território brasileiro e facilitava a transferência de recursos federais para o Estado, assim, as ações do governo do estado eram definidas pelas diretrizes de crescimento pensadas nacionalmente, que passou a dimensionar um olhar para as regiões mais pobres.<sup>52</sup> As ações no campo da construção civil marcaram a memória social relativa à década de 70, no Piauí em particular, muito dessa memória se mostra aos anos iniciais governados por Alberto Silva<sup>53</sup>.

Em matéria do jornal *O Dia* cujo título “Piauí caminha a passos largos com o progresso”<sup>54</sup>, a reportagem faz um levantamento sobre as mudanças que vem ocorrendo em Teresina e no interior, criticando a idéia da cidade ficar nos piores índices entre as capitais do nordeste e mostrando que na capital o governo não tem medido esforços para transformar a cidade num cartão postal de referência na região<sup>55</sup>. O traçado urbanístico era destaque nas manchetes, com uma visão naquele momento que mais se assemelhava a construir um cartão-postal para quem fosse de fora, em boa parte as mudanças partiam dessa premissa, pois para quem vinha aqui “o resultado é que tendo uma imagem negativa de Teresina, o viajante leva para fora a idéia de que todo o Estado é ruim, sujo, feio, sob todos os aspectos, desagradável”<sup>56</sup>.

Tirando a idéia de Estado atrasado e pobre, Teresina deveria ser vista como uma espécie de *hostess* de entrada para o Piauí como um todo. Em outra matéria cujo título “Teresina é o berço do Nordeste”<sup>57</sup>, traz um apanhado de vários setores da capital: saúde, educação, vida social, igrejas, restaurantes, pontos turísticos, comércio, transportes e comunicação, mostrando que os serviços de Teresina são de uma “cidade

---

<sup>51</sup> FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1973.

<sup>52</sup> MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

<sup>53</sup> Cf. FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

<sup>54</sup> PIAUÍ caminha a passos largos com o progresso. Teresina, *O Dia*, 19 fev. 1973. P.4.

<sup>55</sup> *Ibid.* p.4.

<sup>56</sup> POR QUE falam mal do Piauí. Teresina, *O Estado*. 06 jun. 1971. P. 11.

<sup>57</sup> TERESINA é o berço do Nordeste. Teresina, *O Dia*, 6/7 de fev. 1972. P. 4.

moderna e hospitaleira”<sup>58</sup>, mapeando cada setor, na intenção de revelar todo o progresso que aparentemente a cidade passava no momento. A intenção das matérias e reportagens que circulavam no jornal estava alinhada muitas vezes à voz dos gestores do Estado e do município, mostrando e vendendo uma capital moderna, aparelhada, na matéria citada acima vemos isso, ao conceder elogios ao empenho do governador que “não tem medido esforços em dotar o Piauí de uma infraestrutura que nunca se acompanhou antes no Estado”<sup>59</sup>.

Essas modificações se põem como uma entrada da capital do Estado do Piauí em um cenário nacional, a idéia de que Teresina não pode se isolar<sup>60</sup> é marca presente nos discursos dos jornais, que vão dinamizando os acontecimentos, apontando que há ações na capital que dão sinais de novos tempos, enaltecendo a todo momento uma cidade que está acontecendo, mas também citando os problemas, cobrando soluções, muitas das vezes dando voz a própria população, na idéia de que modernizar passa pelos costumes, pelos hábitos e pela maneira como os habitantes se comportam e exigem uma cidade com serviços, limpa, higienizada<sup>61</sup>.

A idéia de que havia um processo de urbanização em curso pôde ser observada de várias maneiras, na apresentação de bairros novos, na iluminação das ruas, nas formas de se locomover pelos espaços da cidade, de estudar, de se divertir, mostrando uma urbanização que se atrelou as mudanças nos costumes da população.

Desde o final da década de 1960, o aumento do número de habitantes já era um ponto observado pelos gestores, na intenção de criar meios de ordenamento dessa demanda, a capital recebia uma grande quantidade de migrantes desde os anos de 1950, oriundos de municípios do próprio Estado ou de estados vizinhos como o Ceará e Maranhão, essas migrações apresentavam como motivações a busca por educação, saúde, e melhores condições de vida que uma capital poderia vir oferecer.

A imagem de capital em crescimento, moderna, pode ser apontada como consequência a essas mobilizações, tornando Teresina uma escolha, buscando na cidade um centro urbano, e como tal podendo oferecer toda sorte de possibilidades de ascensão em setores econômicos, culturais e sociais, principalmente durante essa década, marcadamente notada, como já foi dito, pelo crescimento da industrialização e pelas mudanças nos modos de consumo.

---

<sup>58</sup> TERESINA. Op. Cit. p. 4.

<sup>59</sup> TERESINA. Op. Cit. p. 4.

<sup>60</sup> TERESINA não pode se isolar. *O Dia*. 16. Abr. 1973. P. 9.

<sup>61</sup> GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Para Regianny Lima Monte<sup>62</sup> a cidade viria possivelmente a construir o imaginário de lugar promissor, o que era divulgado nos jornais, e no discurso dos governantes mostrando as intervenções que estavam sendo feitas e as que viriam a ser, criando uma realidade de cidade moderna, que já contava com um sistema de abastecimento de água e luz regulares, um intenso tráfego de veículos, sistema de transmissão de televisão, abertura e duplicação de ruas e avenidas, que estavam recebendo cobertura asfáltica<sup>63</sup>, dentre tantas outras recorrentes modificações.

Concomitante a isso, nesses anos é observado o aparecimento de novos bairros em Teresina. A construção de conjuntos habitacionais pontuava, em partes, atender a esse fluxo migratório bem como organizar parte da população que ocupou regiões da cidade de forma desordenada como na Avenida João XXIII e no bairro Ilhotas<sup>64</sup>.

No final da década de 1960 é inaugurado o conjunto habitacional Parque Piauí na zona sul da cidade, os conjuntos inaugurados pelo Ipase no bairro Monte Castelo, e na zona norte no bairro Aeroporto, alargando a cidade para essa zona, que se encontravam pouco povoada desde o bairro Marquês até o bairro Poti Velho e atendendo a idéia de ocupar as zonas próximas ao Aeroporto da cidade, assim como o Parque Dirceu Arcoverde na zona sul e o bairro Buenos Aires na zona norte.

A formação desses conjuntos aponta uma notável descentralização da capital, a maioria deles passaram a abrigar moradores de diversos segmentos sociais, no entanto, como afirma Regianny Lima<sup>65</sup> as várias dessas famílias ainda eram provenientes dos interiores e de zonas rurais, o que refletia em boa parte nos hábitos que eram observáveis pelo cotidiano da cidade, revelando um contraditório sobre Teresina, uma cidade que se pontua moderna de vários modos mas que ainda espacializa hábitos e práticas arcaicas, no entanto, percebemos essas migrações pois alguns dos espaços de lazer que surgiram na cidade foram consumidos e usados em vários momentos pela população de migrantes que escolheram Teresina durante o período.

Na zona leste, inicia-se um processo crescente de ocupação, nas décadas anteriores a região que abrigava fazendas e sítios, passa a ser ocupada pela classe média

---

<sup>62</sup> MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

<sup>63</sup> Ibid.

<sup>64</sup> PREFEITO vai acabar com as favelas. *O Estado*. 09. Abr. 1975.

<sup>65</sup> MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

ascendente da cidade<sup>66</sup>. Os jornais vão mostrar como vantagens da zona que era buscada como moradia pelo clima, pela presença de modernas residências e pela distância do barulho de veículos e de outros inconvenientes do centro e de áreas mais congestionadas da cidade<sup>67</sup>. Iracilde Moura Fé<sup>68</sup> vai dizer que a zona leste de Teresina, surgida com os bairros Jockey Club, São Cristovão e Fátima era carente de boa infraestrutura, boa parte da região não possuía rede de esgoto e nem calçamento nas ruas, no entanto a região foi tida como zona nobre da cidade, onde se instalariam os clubes, os restaurantes e churrascarias, e a Universidade Federal do Piauí, e foi tomada por altos preços de imóveis e loteamentos<sup>69</sup>, limitando o acesso de moradia a alguns bairros pelo fator econômico. O jornal vai trazer que o metro quadrado na região seria o mais caro da cidade, até mais valorizado que no centro e que a vida social naquela zona seria intensa “porque nos três bairros estão situados 90 por cento dos clubes da cidade e um grande número de churrascarias e lanchonetes”<sup>70</sup>.

Em 1971, foi criada na região a Universidade Federal Do Piauí, fundação que passou a oferecer maior acesso ao nível superior aos moradores de Teresina, aos jovens que desejassem continuar seus estudos e não encontravam a oportunidade no Estado. Para Cid de Castro Dias<sup>71</sup> a criação da universidade nesse momento significava oferecer um maior número de vagas e cursos a serem ofertados, permitindo que aqueles jovens que não possuíam condições financeiras de seguir um curso superior em outras cidades encontrem a oportunidade em seu próprio Estado.

Nesse contexto, ocorre uma valorização da educação no Piauí. Nos jornais, que muitas vezes acolhiam o discurso do governo, mostrava a criação da Universidade como importante contribuição ao desenvolvimento educacional do Piauí<sup>72</sup>, que somando-se as outras ações que estavam sendo feitas pelo governo “o estado vai tirar de vez sua mancha de atraso”<sup>73</sup>. A universidade, como lugar de difusão de saberes, representou para muitos um espaço de amparo e dispersão de cultura e conhecimento, de consumir o que vinha de fora e sociabilizar na cidade entre os novos espaços de manifestações culturais, como no ambiente da universidade.

---

<sup>66</sup> ZONA leste cresce e aumenta a especulação imobiliária. Teresina, *O Dia*, s/d.

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. *Teresina urbanização e meio ambiente. Scientia et spes*, Revista do Instituto Camilo Filho, Teresina, v.1, n.2, p.181-206, jun. 2002.

<sup>69</sup> ZONA leste cresce e aumenta a especulação imobiliária. Teresina, *O Dia*, s/d.

<sup>70</sup> Ibid.

<sup>71</sup> DIAS, Cid de Castro. *Piauí: projetos estruturantes*. Aliena publicações. Teresina. 2006.

<sup>72</sup> UNIVERSIDADE já é uma realidade. Teresina. *O Estado*. 17 de ago. 1974. P. 7.

<sup>73</sup> Ibid. p. 7

A idéia de que Teresina “possuía um intenso parque comercial”<sup>74</sup> é mostrada pelas novas maneiras de consumo e de ações de reestruturação da zona comercial da cidade. A chegada de alguma loja à Teresina, trazendo com ela toda a sorte de novidades, de novos produtos tecnológicos, de vestuário, alimentícios, de transporte gerava um frisson na população, e encenava possibilidades de consumo de gêneros que muitas vezes eram procurados em cidades vizinhas como Fortaleza ou em grandes centros comerciais<sup>75</sup> nacionais, produtos que eram já muitos desejados pelos anúncios que saíam nos intervalos dos rádios e da televisão<sup>76</sup>. Um consumo que foi bastante apreciado na época, com o milagre econômico no início da década se intensificou o desejo e o consumo de bens eletrônicos, tecnológicos, como televisão, aparelhos de som, telefone e outros utensílios. A matéria circulada no jornal *O Dia* cujo título “Piauí terá mais 15 mil telefones”<sup>77</sup> mostra bem isso, ao exibir a implantação de quinze mil linhas telefônicas em todo o Estado, iniciando os trabalhos pela capital, garantindo a integração por um “sistema de comunicação moderno, exigido pelo próprio progresso da sociedade moderna”<sup>78</sup>.

A reestruturação do centro comercial da cidade se alinha a essas ações, com um cambeamento de lojas que iam surgindo em torno da Avenida Frei Serafim, e outras direcionadas as novas zonas habitadas da cidade, como a Piçarra, com a formação de mercados de consumo regionais<sup>79</sup>. A prefeitura de Teresina buscou elaborar um plano de ordenamento do centro comercial, de controle no tráfego de veículos na região e também na segurança dos prédios comerciais<sup>80</sup>.

Nesta década, podemos citar ainda como exemplo de obras transformadoras da infraestrutura da cidade e que criaram referenciais na memória do teresinense, a construção do estádio Alberto Tavares Silva, o “Albertão”, o Zoobotânico de Teresina, o prédio da CEPISA na Avenida Maranhão e o do Tribunal de Justiça, além da implantação do Terminal de Petróleo de Teresina, da ampliação e pavimentação das avenidas Frei Serafim, Miguel Rosa e da pista de pouso de Teresina no bairro Aeroporto, “que diariamente modernos aviões ligam esta cidade à diversas capitais do

<sup>74</sup> TERESINA é berço do nordeste. *Jornal O Dia*. 6 fev. 1972. P. 4.

<sup>75</sup> Cf: SILVA. Pablo Josué Carvalho. *Longe de Casa: memórias e vivências nas pensões estudantis em Teresina (1965-1970)*. Anais II Encontro de História Campus Possidônio Queiroz. 08-11 novembro 2015. Oeiras. Piauí. 08-11 novembro 2015.

<sup>76</sup> EIS as novas séries de filmes do canal 4. *O Estado*. 06 nov. 1976.

<sup>77</sup> PIAUÍ terá mais 15 mil telefones. *O Dia*, 10 set. 1974.

<sup>78</sup> *Ibid.*

<sup>79</sup> COMÉRCIO de Teresina será descentralizado. *O Estado*. Teresina, 22 out. 1976. P. 7

<sup>80</sup> *Ibid.* p. 7.



país”<sup>81</sup>. Segundo discurso do próprio governo era chegada a hora de mudar a face de atraso ao qual a cidade era associada, dando ares modernizados, algo que só seria possível com investimentos estruturais.

Pensar a cidade de Teresina e seus espaços de lazer noturno nos evoca pensar na iluminação como um fator importante para que houvesse um aumento da circulação e ocupação nesse turno, e em novas experiências que foram surgindo a partir da iluminação das ruas, dos bairros e das praças. Na capital do Piauí, a iluminação com o abastecimento de energia durante a década de 1970 foi uma das grandes preocupações do governo, como percebemos nas matérias que saíam nos jornais<sup>82</sup> do período, vendo que a intenção de uma cidade em crescimento, modernizada, passava pela distribuição de energia<sup>83</sup>.

Charles Baudelaire<sup>84</sup> já caracterizava a Paris do século XIX existencialmente modificada pela iluminação a gás das ruas, dos cafés, dos bares, fazendo a noite um lugar de experimentações. E Maria Izilda Matos<sup>85</sup> vai dizer que o aparecimento da energia elétrica se vincula com uma atmosfera de apropriação de novos hábitos que estendiam o tempo da cultura e fazem parte de uma aspiração de modernidade, ligada a novos valores culturais expressivos de uma urbanidade civilizada. A iluminação, portanto, é um conceito moderno que altera os hábitos e modifica as vivências e o tempo na cidade moderna.

Com isso, discussões em torno da problemática distribuição de rede de abastecimento tanto na capital como nos interiores já vinha durante muito tempo e com a intenção de dotar o estado de infraestrutura básica, em 1959 foi criada a Cepisa (Centrais Elétricas do Piauí S/A), uma empresa de economia mista, um investimento que visava solucionar a distribuição e abastecimento de energia na capital e nas cidades do interior<sup>86</sup>.

A partir de 1971, a iluminação pública passou a se aprimorar mais na capital, já que o funcionamento nas ruas de Teresina só se estendia até as vinte e duas horas<sup>87</sup>.

---

<sup>81</sup> TERESINA é berço do nordeste. *O Dia*. 6 fev. 1972. P. 4.

<sup>82</sup> CEPISA. 1000 km. De linhas de transmissão. Teresina. *O Dia*, 02 fev. 1973.

<sup>83</sup> *Ibid.*

<sup>84</sup> BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas II)

<sup>85</sup> SANTOS, Maria Izilda de Matos. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP, Edusc, 2007

<sup>86</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, p. 195-214.

<sup>87</sup> CEPISA explica porque energia tem problemas. Teresina, *O Dia*, 05 jan. 1973. P. 3.

Com o aumento da rede vários bairros e ruas importantes da cidade ganharam novos postes e uma nova iluminação “com novas lâmpadas [...] sendo instaladas pela Cepisa, que tiveram fabricação especial, com o filamento reforçado, para maior durabilidade<sup>88</sup>”.

A construção da Barragem de Boa Esperança e a inauguração da unidade geradora da Usina Marechal Castelo Branco aparecia nos jornais como importância fundamental para expandir a oferta de energia elétrica na capital e também nas cidades do interior. Segundo o jornal *A Hora*, no ano de 1972, a energia elétrica já era uma realidade em muitas cidades do Piauí, onde “a CEPISA já concluiu e estão prontas para serem inauguradas as redes de distribuição de energia elétrica de Palmeirais, Jeromenha, Manoel Emídio, Bertolândia, Barro Duro, Bom Jesus, Uruçuí, Aroazes, Novo Oriente e Cocal”<sup>89</sup>.

A Avenida Frei Serafim, no centro da cidade, recebeu iluminação especial, e teve seu passeio público composto por fontes luminosas que viraram o cartão postal da cidade e ponto de flâncina durante a noite. Francisco Alcides do Nascimento<sup>90</sup> vai mostrar que o gasto com as fontes luminosas foi de um montante de Cr\$ 680 mil, “sendo que esse valor diz respeito apenas os serviços a cargo da Frente de Obras e Urbanização (FOU), excluídas, portanto, as despesas com iluminação”<sup>91</sup>, considerado um número alto de investimento. Os jornais pontuavam a iluminação da Avenida Frei Serafim e dos bairros como uma grande novidade na cidade, que a muito tempo era desejado pela população.

A iluminação de várias ruas permitiu que experiências diferentes na cidade pudessem ser promovidas durante a noite, no Jornal do Piauí de 19 de janeiro de 1971, vai noticiar nesse sentido, a seguinte matéria:

Teresina está ganhando nova feição no seu quadro geral. A iluminação pública é um exemplo dessa afirmativa, pois com a recente instalação da rede podemos oferecer aos que chegam, uma visão perfeita do quanto evoluímos nos dois últimos anos, notadamente no tocante ao setor energia. E não é apenas Teresina, mais o Piauí inteiro, que começa a sentir esse sulco de progresso com a energização do seu interior. [...] Andar a noite pelas ruas não representa mais riscos, Teresina hoje é uma cidade iluminada<sup>92</sup>.

---

<sup>88</sup> “Informativo da Cepisa”. *Estado do Piauí*, 1 abr. 1971, p.1. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, p. 195-214.

<sup>89</sup> *Ibid.*

<sup>90</sup> *Ibid.*

<sup>91</sup> *Ibid.*

<sup>92</sup> TERESINA iluminada. *Teresina, O Dia*, 19 jan. 1971. P. 5.

A idéia de apresentação da cidade com fatores positivos ao visitante é percebida no trecho citado, assim como se movimentar durante a noite seria possível em uma cidade que é iluminada e não oferece riscos. Várias matérias vão exibir características positivas a iluminação, no entanto outras vão ser mais críticas, ao mostrar que ainda são limitados os serviços de iluminação na capital. Apesar da rede de distribuição ter crescido comparada a décadas anteriores<sup>93</sup>, a iluminação de ruas como projeto ainda era incipiente, por vezes fornecendo energia somente aos bairros que ficavam no entorno do centro e registrando várias quedas. Algumas matérias nos jornais vão afirmar exatamente o oposto da nota anterior citada, que algumas praças da cidade foram beneficiadas em detrimento de outras, e o perigo de andar a noite em certos lugares:

Andar pelas ruas de Teresina a noite é perigoso. A falta de iluminação é completa, e a exceção da Avenida Frei Serafim, a cidade vive parcialmente as escuras, inclusive provocando facilidades para a ação de criminosos. A Praça da Bandeira não possui um único poste, e isso transformou o local num ponto de marginais, onde a prostituição alcança um índice muito alto. O assunto merece maior destaque quando se sabe que o Governo do Estado está trabalhando para embelezar a cidade, melhorando a aparência de certos setores. [...] A situação de contraste entre a Avenida Frei Serafim e a Praça da Bandeira chega a ser chocante. Enquanto em uma predominam as fontes luminosas e as filas de postes bem iluminados, a Praça da Bandeira permanece sem uma única lâmpada, dando margem ao aumento da marginalização<sup>94</sup>.

As mudanças na Avenida Frei Serafim com suas fontes e seus passeios luminosos parecem ter tido mais destaque por parte do governo do que em outros lugares da cidade<sup>95</sup> como frisa a matéria. A iluminação nos mostra essa cidade contraditória mais uma vez entre o que se via como moderno e bom, mas como isso não era experimentado em toda a cidade, não chegava a todos os espaços, muitas praças, como exemplo disso, foram beneficiadas com a iluminação e com reformas em detrimento de outras. Claudia Fontineles<sup>96</sup> vai mostrar bem isso ao analisar a reforma na Praça Pedro II durante a década de 1970, reforma essa que criou tensões e gerou

<sup>93</sup> TERESINA. Op. Cit. p. 5. .

<sup>94</sup> ILUMINAÇÃO pública. O Dia, Teresina, 13/14 mar. 1975.

<sup>95</sup> Para Francisco Alcides no Nascimento o modelo de reformas nos espaços público da cidade nesse momento se fizeram de forma autoritária, no sentido de espaços que foram totalmente reconstruídos alterando a forma de os usuários interagirem com a cidade, além do mais muito da proposta de redefinição de lugares em Teresina nessa década, tinha o caráter embelezador. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, p. 195-214.

<sup>96</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970). História e Perspectivas, Uberlândia (54): 167-188, jan./jun. 2016.*

conflitos noticiados pelas páginas dos jornais. Em parte, pela priorização que as reformas movidas pelo governo nesse momento, e enxergadas de forma autoritária, deu a determinados logradouros do centro e relegou outros ao esquecimento. Como podemos ver, esses jornais analisados, observados o seu lugar de fala<sup>97</sup> não são unânimes quanto as mudanças que a capital recebia, também abriam espaços para expor os problemas e a contradição que ainda acometiam a capital do Piauí, compreendendo que “cidade é um emaranhado do contraditório, onde a multiplicidade de sujeitos e práticas podem se tocar ou não”<sup>98</sup>. Das queixas do período, que fugiriam de um aspecto urbanizado pensado sobre a cidade, são apontados os conjuntos recém inaugurados que não possuíam infraestrutura<sup>99</sup>, os problemas de distribuição de alimentos<sup>100</sup>, de habitação, oferta de trabalho, de transporte<sup>101</sup> apontando uma cidade que ainda na intenção de se modernizar carecia de mais estruturação.

No entanto, compreendemos que as mudanças iam ocorrendo, pelo menos a cidade ia mudando e realizando microrrupturas, modificações na população e em suas maneiras de interagir com os espaços de um modo geral nesse momento. Muita coisa soava como novidade, a luz permitiu uma incorporação no uso das ferramentas de lazer noturno pelo centro da cidade, a Frei Serafim, a Praça Pedro II, com o teatro, e seus bares ao redor se tornaram espaços perceptíveis de movimentação durante a noite, alterações nos costumes da população iam acontecendo, com a idéia de que urbanizar também passa pelos hábitos e nas maneiras que são observadas na cidade em transformação.

## 1.2. Novos costumes na cidade urbanizada

Os jornais que circulavam em Teresina traziam informações de mudanças que ocorriam no mundo inteiro, relacionadas a comportamentos, política, novas referências de comunicação, de entretenimento, modismos, de práticas culturais, etc. A cidade que para alguns mantinha ares de provincianismo na manutenção de costumes considerados velhos ia sendo preenchida, de forma gradual, por evidências que sinalizavam e

<sup>97</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.p.56-104.

<sup>98</sup> BENATTE, Antônio Paulo. *O centro e as margens: boêmia e prostituição na "capital mundial do café"* (Londrina: 1930-1970). Curitiba: UFPR, 1996. [Dissertação de mestrado.]

<sup>99</sup> POPULAÇÃO sofre o drama da falta d'água. O Dia. 10 fev. 1973. P. 1.

<sup>100</sup> A COMIDA do teresinense: feijão, arroz e carne. O Dia.

<sup>101</sup> NINGUÉM está satisfeito com os transportes coletivos. O Dia. 10 set. 1974.

expressavam mudanças. Essas microrrevoluções e microrrupturas<sup>102</sup> vão dizer respeito, não de forma unânime a toda a população, mas vai atingir a cidade de várias maneiras, observamos isso principalmente nas formas de sociabilidade, nas experimentações de alguns espaços culturais, de lazer, no consumo de música, de álcool, na sexualidade, nas redefinições de papéis, entre tantos outros.

Para alguns autores, estes processos de mudança nos padrões comportamentais se ligam a um novo quadro de referências que veio desde a década de 1960, movimentos que ocorriam mundo afora, que buscava questionar padrões, reformular códigos e normas, criar novas linguagens, que pareciam responder a muitas das angústias de cidadãos mundo afora<sup>103</sup>. A alteração de referenciais fixos de identidades veio a descentralizar papéis definidos aos sujeitos<sup>104</sup>, o que alterou o modo como eles se relacionavam com o mundo a que pertenciam. A cidade acaba funcionando com isso, como mediador, pois é nela que o habitante vive, define e realiza seus lugares de experimentação<sup>105</sup>.

Tomando isso como ponto, percebemos a urbanização da cidade, com a chegada de novos costumes que iam criando brechas, gerando repercussões, e promovendo alguma mudança nos comportamentos na capital. Como as discussões sobre o divórcio na década de 1970 que ganharam as páginas nos jornais em circulação na cidade. A exemplo, o jornal O Dia de 15 de fevereiro de 1973 vai pontuar uma discussão sobre o divórcio no Brasil, considerando na reportagem que a sociedade brasileira até então permite a dissolução conjugal através do desquite<sup>106</sup>, mas não protege os direitos, nem define nada sobre a nova família que está surgindo, e prossegue defendendo o divórcio:

O deputado Florim Coutinho justificou emenda constitucional de sua autoria visando a implantação do divórcio no Brasil. Lembrou que muitas tentativas já foram feitas na câmara por ilustres deputados e advertiu que as sociedades são variáveis e que a sociedade brasileira de hoje, não é a mesma de 10 anos atrás. Houve mutações na sua forma de comportamento, concedendo-se a mulher a liberdade e o direito de colaborar decisivamente no processo de sustentação econômica do lar. O casamento a 10 anos constituía-se de maneira a colocar a mulher numa situação inferior, de doméstica, unicamente

<sup>102</sup> QUEIROZ, Teresinha. Juventude, cultura e linguagem na década de 60. QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

<sup>103</sup> Cf: WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual e teórica. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença* (Org.). Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2014.

<sup>104</sup> Ibid.

<sup>105</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo. Contexto. 2000.

<sup>106</sup> UMA emenda para o divórcio no Brasil. Teresina, O Dia, 15 fev. 1973. P. 4.

voltada a criação dos filhos. Agora as estatísticas demonstram o número incontável de mulheres, casadas, que em plena vigência do casamento, passaram a trabalhar para empresas públicas ou privadas, com o fim de participar do processo familiar<sup>107</sup>.

Percebe-se pelo trecho que o tema do divórcio em 1973 se encontrava em âmbito de discussão, sabendo que no Brasil aprovava-se a dissolução do lar a partir do desquite desde a década de 1910<sup>108</sup>, o divórcio, como posto pela fala do deputado, visava garantir os direitos da família de forma legal, em especial da mulher, compreendendo as transformações pela qual a sociedade vinha passando, rompendo de certo modo com referenciais que já não respondem a sociedade brasileira de então.

As mudanças e discussões sobre o comportamento feminino que se pautaram nessa década não atingia todas as camadas sociais, mas foram as que mais se intensificaram no período, em curso ainda, muito possibilidade de transformações foram enxergadas nesse momento, seja nos âmbitos micro ou macros. Para Suely Rolnik<sup>109</sup> essa década foi importante em diversos contextos especialmente para a mulher, pois elas começaram a se desterritorializar de certos papéis ligados ao lar, ao ninho, ao homem e à família, e iam conquistando gradativamente os espaços públicos<sup>110</sup>, como é perceptível no trecho acima, na discussão sobre o divórcio a mulher podendo ser colocada como provedora do lar, tanto quanto o homem.

O divórcio, no entanto, como um dos passos importantes na libertação da mulher segundo Heloísa Buarque de Holanda<sup>111</sup>, vinha contra uma série de instituições que resguardava e mantinha posições hegemônicas sobre a condição feminina, como as instituições religiosas. Acirrando o debate em 1975, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, pontuava considerações sobre a emenda do divórcio:

Quando a Presidência e a Comissão Episcopal da Pastoral da CNBB decidiram em fevereiro convocar extraordinariamente a Comissão representativa da entidade, o clima era de indisfarçável apreensão.

<sup>107</sup> UMA Op. Cit. p.4.

<sup>108</sup> Na discussão do Código Civil, em 1901, houve no Brasil mais uma tentativa de adoção do divórcio, que vinham desde o século XIX, mas apenas foi instituído o desquite, que na prática consistia unicamente na separação de copos já consentida. Somente em 26 dezembro de 1977 foi sancionada a Lei Nelson Carneiro (6.515/77), que homologou o divórcio no Brasil. Ver: ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. *Rompendo os vínculos: os caminhos do divórcio no Brasil 1951- 1977*. Tese de Doutorado. UFG – GO. 2010.

<sup>109</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

<sup>110</sup> Ibid.

<sup>111</sup> DIAZ. Lucy. Feminismo: a mulher precisa de um homem como o peixe de uma bicicleta. In: DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003

Hoje, entretanto, a Igreja Católica do Brasil está otimista, a impressão geral captada nos meios religiosos é a de que ainda não chegou a hora da vitória da tese divorcista. [...] a Igreja Católica tenta mostrar a importância da família, concebida como instituição e não como consequência de mero vínculo contratual, como fator de resistência a massificação ainda de fortalecimento social<sup>112</sup>.

Mostrando a família como indissolúvel e na condição de resistência na sociedade, as instituições religiosas eram contra a implementação do divórcio no Brasil. Em Teresina as repercussões eram percebidas, e as instituições religiosas da cidade seguiam a ordem, e mantinham a palavra contra a medida. No entanto, tais discursos não podem ser vistos como representantes da sociedade no geral, posicionamentos ao contrário do que era pregado pelas instituições religiosas são observados. O jornal *Estado Interessante*, em resposta a posição da igreja sobre o tema, vai se manifestar na época concedendo a seguinte resposta as instituições religiosas, direcionando seu discurso ao padre que teria dado uma entrevista ao mesmo jornal publicada tempos antes:

Meu caro Pe. Homero, li com interesse e respeito seu artigo sobre o divórcio publicado no suplemento dominical. Quero salientar de principio que lhe tenho a maior consideração devido as posições que tem tomado frente a alguns problemas que tem surgido ultimamente na problemática do mundo moderno. O homem ou a mulher nem só em relação ao amor como em relação qualquer outra coisa tem sempre um caráter de exclusividade. Isto não quer dizer que seja nato da espécie humana. [...] o que me pareceu é que você estava querendo dizer alguma coisa mas não teve a abertura necessária, ficou num jogo de empurra-empurra e não foi objetivo [...] se o casal faz seu casamento de livre consciência, logo ele também de livre consciência pode desmanchá-lo, o padre não deveria meter o seu bedelho a não ser dar seu testemunho de igreja<sup>113</sup>.

Percebemos a partir desses enxertos que mudanças como sinal de avanço da sociedade eram ensejadas por parcelas da população sobre temas que eram colocados cotidianamente, que repercutiam nas notícias e possivelmente se atrelavam aos hábitos vistos nos espaços da cidade, no modo dos seus habitantes se colocarem diante de novas condições dadas ao ambiente urbano. A notícia sobre a aprovação do divórcio no Piauí no ano de 1977 vem coadunando essa situação, como coloca o jornal sobre o fato:

---

<sup>112</sup> DISCRICÃO: nova arma da CNBB n campanha contra o divórcio. Teresina, *O Dia*, 03 de abr. de 1975. P. 4.

<sup>113</sup> MEU caro Pe. Homero. Teresina, *O Estado Interessante*. 09 abr. 1972.

Com seis votos contra e 13 a favor, a Assembléia Legislativa aprovou ontem em sua sessão requerimento de autoria do deputado Francisco Figueiredo, líder do movimento democrático brasileiro, pedindo menção aos representantes dos dois partidos que tem apoiado a batalha do senador carioca Nelson Carneiro, pela implementação do divórcio no Brasil. O assunto empolgou tanto o plenário como as pessoas que estavam assistindo a sessão. Há quem diga que para o Piauí, e sua condição de estado subdesenvolvido culturalmente foi uma vitória esmagadora. Há quem diga ainda por outro lado, que os 13 votos a favor do requerimento representam uma vitória de uma nova mentalidade que já está tomando forma<sup>114</sup>.

A aprovação do divórcio e a mulher entrando no mercado de trabalho, são percepções gradativas de circulação da figura feminina no espaço público, da rua, das universidades, do bar, da noite. Essas transformações de mentalidade, como cita o texto acima, se referem sobre essas alterações, num momento de dispersão de novos modos em uma cidade modernizada, o papel feminino também deva ser posto e enxergado dessa maneira. Diante disso, tomamos como exemplo a cantora piauiense Lena Rios, conhecida como “Barradinha”, que ocupou vários cenários musicais da cidade durante a década de 1970, figura da noite na capital, e como observável comportamento de mudança do feminino, ela vai se apresentar em entrevista a um periódico da época da seguinte maneira:

Me chamo Lena Rios, tenho a idade do mundo, canto porque cantando me digo. Muitos me perguntam se existe uma diferença entre Lena Rios e Barradinha. Existe sim, barradinha é uma menina simples da cidade pequena, que tinha dotes artísticos e partiu para o sul do país em busca da glória e do sucesso. Pela música abandonou o que considerava a coisa mais importante da sua vida: o seu esposo. Há uns momentos em que a Barradinha existe. É uma moça triste, solitária e as vezes revoltada. Quanto a Lena Rios, ela é o sonho, a esperança, a ilusão e o som, é o amor e a curtição<sup>115</sup>.

A cantora, que ocupou vários lugares da cidade ainda pacata em costumes, como mulher, também se traduz por vários significados, pela sua fala percebemos que há um rompimento com a figura feminina arraigada do lar e da esposa, para produzir outros referenciais sobre ela própria, múltipla e cheia de significados, podendo com isso ocupar espaços antes não permitidos, da noite, da música, e tantos outros. Assim como ela, possivelmente se enxergaria na cidade outros referenciais de mulheres que

---

<sup>114</sup> ASSEMBLÉIA do Piauí já aprovou o divórcio. *O Dia*, 04 fev. 1978.

<sup>115</sup> LENA Rios falou. Teresina, *O Estado Interessante*, 26 mar. 1972. P. 4.



imbricariam para si novas atitudes, novos comportamentos. No entanto, as realizações femininas ainda são imbricadas de culpa em suas escolhas, como Lena Rios ao abandonar o marido para seguir um sonho pois possivelmente não teria encontrado realização se permanecesse no mesmo estado civil. Já Claudete Dias Miranda<sup>116</sup>, na década de 1970, vivendo a juventude, não reconhecia no casamento uma opção, como era esperado para o seu papel naquele momento:

O casamento nunca representou realização para mim! Eu sempre vi nos casamentos na minha vida, desde o casamento de meus pais até o casamento do meu avô com a minha avó, eu sempre vi casamentos mal estruturados. [...] assim, eu formei a visão de casamento e acho que existe um modelo falido. [...] Para mim o casamento era uma coisa que não fazia parte da minha vida afetiva [...] Quando eu já estudava em Teresina, ele (*namorado dela na época*) insistiu com a mesma história: a gente vai ficar noivo e casar, me lembro como hoje, ele sentado e me dizendo...Não de jeito nenhum, não! Você pode cancelar sua matrícula e a gente vai casar e pronto, eu disse não! Já tinha passado no vestibular, estava no primeiro ano da FAFI<sup>117</sup>. [grifos nosso]

Heloisa Buarque de Holanda<sup>118</sup>, ao buscar realizar-se por um ideal de pensamento libertário sobre a condição feminina da década, vai dizer que a idéia era romper com tudo que fosse determinante nas relações, inclusive o casamento, para ela, considerado tradicional e burguês. Claudete Miranda, Lena Rios e Heloisa Buarque de Holanda acabaram subjetivando um discurso de emancipação feminina presente na década de 1970, que ganhava os espaços, iam se colocando pontualmente como referencia de modificações no comportamento cotidiano na cidade.

Percebemos em Teresina, com isso, que certas frações da população acabavam encarando esses novos valores contra os valores arraigados por uma moral que pra eles possivelmente não funcionava mais. Essas atitudes são percebidas em algumas memórias sobre o período, como Arnaldo Albuquerque ao falar sobre Dora, sujeito

<sup>116</sup> Historiadora, pesquisadora e professora. Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (1970/1973); Especialização e Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (1980/1985); Doutorado em História Social, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994/1999); doutorado "sanduíche" em História Social Comparada pela *École des hautes études en sciences sociales de Paris* (1996/1997); Pós-doutorado em História Cultural pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (2004). Residiu em Teresina nos anos 1970 e participou de filmes experimentais ao lado de Torquato Neto, como *Adão e Eva do paraíso ao consumo* e *O terror da vermelha*.

<sup>117</sup> DIAS, Claudete Maria Miranda. Depoimento concedido a Elisângela Barbosa Cardoso. Teresina, fev. de 2002, apud CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970)*. Teresina: EDUFPI, 2012.

<sup>118</sup> DIAZ, Lucy. Feminismo: a mulher precisa de um homem como o peixe de uma bicicleta. In: DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003.

participante de grupos de jovens da época e sobre sua presença em um espaço de sociabilidade na capital:

[...] direto ao Gellati. Ouviram as novas novidades velhas, viram a Dora, adorando o sonho. Tomaram a mesma cerveja-conhaque-batida. Comeram o mesmo frito de tripas, evidenciador de uma caganeira *tomorrow*. As mesmas pessoas, muito mais bonitas e agradáveis, vistas agora através do barato.<sup>119</sup>

Tais mudanças no comportamento feminino na capital, de algum modo são apreendidas e merecem ser mencionadas como posições novas, a personagem do trecho citado pode publicamente sentar em um bar e consumir álcool na mesma maneira que os homens. O Gellatti um espaço de sociabilidade dos fins de tarde e da noite na cidade na época, pode funcionar assim como outros espaços de lazer na cidade, onde a presença da figura da mulher, equiparada ao homem nos seus hábitos, poderia ser encarada com alguma naturalidade, sem o espanto e cuidado com que ainda se relegava a mulher vista no espaço público.

Em uma matéria circulada no jornal de título “Mulher nas Forças Armadas”<sup>120</sup>, vai trazer, citando exemplos históricos e o que acontece em outros países, proposta de emenda que vê possibilidade de ingresso feminino nas Forças Armadas no Brasil. Segundo o jornal, a proposta seria uma oportunidade de emprego para as mulheres que tem encontrado dificuldade no mercado de trabalho, de seguir a carreira militar. Segundo o defensor da emenda “o Brasil, cujo o progresso atual o coloca em situação privilegiada entre as demais nações, não poderia ficar atrás nesse setor de igualdade do direito feminino”<sup>121</sup>.

Ana Maria Baiana vai afirmar que as mudanças femininas observadas na década de 1970 são resultados de processos da década anterior, com conquistas observáveis na formação de espaços para si dentro da sociedade, principalmente espaços de luta. Ela vai afirmar que:

A revolução das mulheres já vinha se desenrolando desde os anos 60. Havíamos mudado nossos padrões de vida, e muitos tabus foram combatidos na moita, acreditando na valorização do cotidiano e na politização das relações pessoais. Agora era a hora de fazer o ato de ‘falar em nome próprio’ ser entendido como político. Mas não era fácil. Em 1975, Cidinha Campos foi proibida pela censura de falar, do

<sup>119</sup> ALBUQUERQUE. Arnaldo. Ô de casa, apud BEZERRA, José Pereira. *Anos 70: por que essa lâmina nas palavras?* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993. p.62.

<sup>120</sup> MULHER nas forças armadas, um projeto. *O Dia*, 18 fev. 1973. P. 11.

<sup>121</sup> *Ibid.* p. 11.

palco, a milhares de mulheres, sobre a mulheridade na sua peça-confissão-debate *Homem não entra nº 1*<sup>122</sup>

Percebe-se com isso que a sociedade na dicotomia entre valores novos e os valores arraigados ainda mantinha certa repreensão à mulher no espaço público, mas fazendo parte de movimentações que incidiram nos anos de 1960, o movimento de libertação da mulher foi matéria em jornal da cidade. Com uma longa reportagem<sup>123</sup> apresentando as ativistas dos movimentos feministas, Gloria Steinem, Betty Friedan e Kate Mullet, a matéria circulada aponta as revoluções e mudanças feitas pelas campanhas e pelo engajamento do movimento feminista para o mundo, mostrando destaque na escolarização feminina, com a conquista da equidade de direitos em algumas instituições de ensino no mundo, bem como outros ganhos sociais<sup>124</sup>.

Assim como Chico Buarque cantava em 1970: “essa moça tá diferente já não me conhece mais, está pra lá de pra frente está me passando pra trás, essa moça tá decidida a se supermodernizar”<sup>125</sup>, os discursos sobre a igualdade de direitos da mulher ia sendo noticiados pelos veículos de comunicação de Teresina e possivelmente ressignificados pelos espaços múltiplos da cidade.

A escolaridade feminina e o que diz respeito a sexualidade eram os pontos mais discutidas nas matérias que os jornais traziam. Falar sobre sexualidade feminina nesse momento é falar da pílula anticoncepcional, como afirmou Heloísa Buarque de Holanda<sup>126</sup>, que dividiu opiniões médicas, religiosas, e da sociedade como um todo, o preconceito, o temor, o medo e a desinformação<sup>127</sup>. Para Lucy Diaz<sup>128</sup> o resultado foi mais contido, segundo ela a pílula tinha ejetado a mulher para um lugar no futuro, mas não garantia nada, ela foi resultado da evolução da ciência e não uma conquista feminina. As mulheres continuavam em seus lugares contidas e reprimidas, ou fora deles, liberadas e confusas, ou tudo ao mesmo tempo, liberadas, confusas e reprimidas<sup>129</sup>. A autora concerne dúvidas sobre o processo da pílula na mulher e no social, assim como matéria que circulou no jornal O Dia no ano de 1969:

<sup>122</sup> DIAZ, Lucy. Feminismo: a mulher precisa de um homem como o peixe de uma bicicleta. In: DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003.

<sup>123</sup> O MOVIMENTO de libertação da mulher. Teresina, *O Dia*, 21 ago. 1973.

<sup>124</sup> Ibid.

<sup>125</sup> ESSA moça tá diferente. Chico Buarque de Holanda – nº4. 1970.

<sup>126</sup> HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

<sup>127</sup> Ibid.

<sup>128</sup> DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003.

<sup>129</sup> Ibid.

A declaração do professor é decorrente de notícias procedentes nos Estados Unidos, segundo as quais cobaias inoculadas com anticoncepcionais teriam morrido em consequência de câncer uterino. Já o ginecologista Campos da Paz, uma das maiores autoridades neste campo da medicina, afirma que a experiência norte-americana é prova de que os seres humanos são bem diferentes das cobaias. E prossegue: Há mais de dez anos, vinte milhões de mulheres tomam pílula anticoncepcionais e não se registrou, até agora, nenhum aumento de morte por incidência do câncer uterino na população feminina. Reserva - Outros médicos consultados a respeito das experiências dos cientistas americanos, mostraram-se reservados quanto às consequências do uso dos anticoncepcionais. Afirmam que elas ainda estão na primeira fase e que nada indica haver perfeita identificação do seu uso. Para esses médicos, a pílula anticoncepcional torna-se prejudicial no organismo da mulher, quando é tomada em demasia e sem atender em hipótese alguma às necessidades do momento<sup>130</sup>.

As pautas que colocavam a sexualidade como ponto de discussão geravam dúvidas, anseios e repercussão. Em Teresina, um movimento de mudanças pode ser observado de algum modo por parte da população. A história oral, dado seus cuidados em termos de método, nos traduz uma forte senso de resgate com a vivência do momento a ser revisitado, optando pelo testemunho vivo, considerado como indicio<sup>131</sup>, sendo assim, o jornalista Durvalino Couto<sup>132</sup>, em entrevista vai falar sobre a sexualidade nessa década ao dizer:

E então começou a acontecer a revolução sexual por conta da pílula anticoncepcional e dos costumes que vieram a agregar essa cultura de massa. Então por incrível que pareça numa época de grande repressão política... certo... houve grandes transformações sociais. Eu mesmo sou de uma geração que não precisou procurar por prostitutas pra se iniciar sexualmente, comecei a transar com a minha namorada, ela usava pílula, e isso no começo gerou uma série de confusões, porque as mães ficavam horrorizadas porque iam mexer nas bolsas das filhas e encontravam uma cartela de pílula anticoncepcional e um baseado, né!<sup>133</sup>

A fala do sujeito histórico que vivenciou o período propicia a reflexão sobre os novos comportamentos relacionados a sexo nessa década, bem como as novas formas de sociabilidade também vistas na capital. Ao ensejar que a prática social de não ter que

<sup>130</sup> PÍLULA não causa câncer. *O Dia*. Teresina, 3 abr. 1969.

<sup>131</sup> VOLDMAN. Daniele. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA. Marieta de Moraes. AMADO. Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. FGV. Rio de Janeiro. 2006. P. 249.

<sup>132</sup> Durvalino Couto Filho nasceu em Teresina em 1953. Filho do médico Durvalino Couto e de Erice Gonçalves Couto, funcionária do Ministério da Fazenda. Mudou-se para Brasília em 1971, para estudar jornalismo, mas sempre volta à capital piauiense e participa ativamente das produções do grupo aqui denominado de experimental. Poeta, músico, compositor e publicitário, é o autor do livro: *Os Caçadores de Prosódias* de 1994.

<sup>133</sup> ENTREVISTA de Durvalino Couto concedido a Jaislan Honório Monteiro. Revista DesEnredos - ano IV - número 15 - Teresina - Piauí - outubro novembro dezembro de 2012.

recorrer a uma prostituta para relações sexuais, e onde ele, permaneceu com a namorada na segurança da pílula anticoncepcional como método contraceptivo e de contenção já aponta uma mudança de padrões.

É interessante perceber, pois ao cruzar fatos, nessa década de 1970 há uma decadência dos cabarés na cidade de Teresina quanto aos números de clientes, em matérias divulgadas nos jornais, as sociabilidades promovidas nos cabarés, principalmente os da região da Paissandu, haviam perdido muito dos seus clientes<sup>134</sup>. O jornal aponta a decadência fruto da urbanização da cidade e abertura de novos pontos de sociabilidades no momento, no entanto, sugerem que as mudanças nas práticas sexualizantes em Teresina afirmadas acima possam servir de indicador também a tais mudanças.

Dentro desse processo de urbanização da cidade aliada aos novos costumes o jornal o Dia vai perguntar COMO ANDA O SEXO?<sup>135</sup>. Em reportagem o periódico vai trazer longa discussão sobre as possibilidades de mudanças nas práticas sexuais na década, e vai dizer:

Uma mudança no conceito da prática sexual está correndo todo o mundo, transformando-se em objeto de estudo de psicólogos, geneticistas e cientistas de outras áreas. O cinema muito tem contribuído para divulgação das novas formas de sexo. O sexo grupal que hoje já não causa mais escândalos em cidades mais adiantadas e vem assumindo proporções muito grandes<sup>136</sup>.

E a reportagem segue afirmando que novas modalidades da prática sexual tem se exercido nas sociedades modernas, a masturbação, o sexo em grupo, o *ménage a trois*, trocas de casais, segundo a matéria seriam práticas que já estariam em voga nas sociedades modernas de alguns países, e profissionais de saúde, tais como psicólogos e biólogos vão aparecer na matéria dando o seu parecer sobre essas novas condições, incluindo temas de discussão como a erotização, o uso dos corpos, a sua diversidade, o desejo e o prazer como parte biológica da condição humana<sup>137</sup>.

Portanto mudanças comportamentais refletidas nos espaços da cidade, por seus indivíduos, fazem do ambiente citadino um plano do lugar, onde segundo Ana Fani Alessandri Carlos<sup>138</sup> o habitante realiza suas experiências e cria relações através do

<sup>134</sup> CASAS noturnas e infernhos levam cabarés a falência. Teresina, O Dia, 11 abr. 1975.

<sup>135</sup> COMO ANDA O SEXO? Teresina, O Dia, 25/26 fev. 1973.

<sup>136</sup> Ibid.

<sup>137</sup> Ibid.

<sup>138</sup> CARLOS. Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo. Contexto. 2000.

vivido, produzindo o lugar e sendo produzido por ele ao mesmo tempo. Notamos essa percepção em Teresina, onde lugares de lazer, de passeio, de estudo, de conversar, são intermediados pelo urbano que se pôs a essa cidade nesse momento.

### 1.3. A cidade preparando o lazer nos anos de 1970

Em um texto publicado em 09 de abril de 1972, o autor José Paulo Cunha vai expor uma série de características sobre as décadas até então, misturando fatos e personagens históricos e mostrando cenários e acontecimentos referentes a Teresina, como podemos observar:

Pra todo mundo: alô. Agora sentem-se e escutem bem: era uma vez um rei que tinha uma filha muito bonita chamada Narda. Ela ia se casar com Super Homem mas Mandrake não estava querendo por que ele já tinha feito o diabo com ela e não admitia que outro lhe tomasse o seu quinhão do trono. Hitler a tudo assistia, entre um chope e outro. E foi ai que estourou a 3ª guerra mundial e Hitler teve de sair para lutar no seu gabinete, que ficava bem em frente ao [Bar] *Carnaúba*. O Fantasma não trabalhava mais, pois tinha se aposentado com a ajuda de um pistolão. Pato Donald e Tio Patinhas não sabiam mais o que fazer, pois tinha chegado a Sêca no Piauí e acabado com as suas fazendas de porcos e as plantações de café. Enquanto isso estava acontecendo [...] Jesus começou o seu trabalho mostrando a todos as tábuas da lei, que havia roubado de Moisés, o qual não queria mais nada com o bolo, e deitou falação na rua inteira, começando pelas praias do Flamengo até o Porenquanto, através das ondas famosas da *Rádio Difusora de Teresina*. Nesta época aconteceu um terremoto, no qual o Kennedy morreu, vocês não se lembram? Pois é. Em meio a tudo isso apareceu Caetano Veloso. E Gil, de pistola em punho, afastava todos os que queriam tocar no rei da Bahia. Marilyn Monroe entre os Sete Anões, fazia streap-tease bem no meio da Getúlio Vargas, enquanto Karl Marx, que agora era diretor do First National City Bank, um dos maiores capitalistas da época, deliciava-se a observar as curvas da linha crioula que o Rio de Janeiro havia produzido. E de dentro daquela nuvenzinha cinzenta que gosta de estacionar ai bem em frente ao relógio da *P-II* [Praça Pedro II], desceu um anjo com uma espada de fogo. Adão, que já não queria nada com Eva, pois já andava de flertes com a Elisabeth Taylor, se mandou e foi para a Suécia, onde já havia o **divórcio**. Por lá encontrou com Che Guevara, e se não me engano, foram juntos fazer revolução na *Praça Rio Branco*. Mas o anjo que desceu da nuvem, que não era outro senão o Prof. Ari foi pruma das emissoras de rádio e andou falando das delícias da *mini-saia*, defendeu a moral e os bons costumes. Quando acabou de falar, entrou no “*Albertão*”, o velho estádio de futebol, que brevemente iria ser substituído pelo *Lindolfo Monteiro* e foi ver um River-Flamengo sensacional. Na entrada deu uma esmola pruma criancinha faminta e sentiu-se puro [...] A criança dizia que

queria era comida e amor, mas ele dizia que tudo isso era em nome da moral e dos bons costumes<sup>139</sup>. [grifos nossos]

A citação é longa, mas importante, pois mostra bem a cidade de Teresina na década de 1970 a como nos referimos, lugares importantes no momento de lazer e diversão, o que era consumido no período e aliado a isso, os novos costumes observados na cidade. Com “uma linguagem irônica, debochada e irreverente”<sup>140</sup> é importante percebermos que o lazer na cidade, os espaços de cultura, diversão, entretenimento nessa década, segundo o trecho podem ser processados a partir das formas de urbanização da capital. Assim, vários cenários apareceram como diversão do teresinense médio, como lugares ocupados, as praças da cidade, bares, restaurantes, clubes, e tantos outros que eram praticados pela diversidade que era a população da cidade. O teatro, o cinema e a televisão foram ferramentas de lazer de destaque em Teresina durante toda a década de 1970.

A Praça Pedro II, citada no texto acima, era um espaço de lazer do teresinense desde décadas anteriores, espaço de sociabilidades históricas, localizada no centro da cidade, no seu entorno ficavam o Teatro 4 de Setembro, o Cinema Rex, e alguns bares e restaurantes que funcionaram nessa década. A praça era frequentada por um público diverso, em suma moradores que viviam no entorno das zonas centrais. Durante esse período o espaço passou por uma mudança que dividiu opiniões, pois segundo críticos, as linhas arquitetônicas da praça teriam sido removidas com as reformas autoritárias promovidas pelo governo<sup>141</sup>, Claudia Fontineles<sup>142</sup> enxerga uma batalha pela memória e a preservação de experiências passadas nas críticas que circularam no período nos meios de comunicação. No entanto, as críticas também apontariam a distinção com que as reformas foram idealizadas, já que outros logradouros que necessitavam de reformas não foram beneficiados como a Praça Pedro II.

O lazer pode ser visto nesses espaços como fruto de impressões e ações políticas estatais, tanto que a praça, o teatro e os cinemas foram os alvos de lazer mais

<sup>139</sup> CUNHA, Paulo José. *Aulinha de Cultura*. Teresina, O Estado Interessante, 09 abr. 1972.

<sup>140</sup> CASTRO. Francisco José Leandro Araújo de. *Virar ao avesso os sentidos: linguagem, micropolítica e (re) apropriação midiática no jornalismo experimental juvenil teresinense nos anos iniciais da década de 1970/ Francisco José Leandro Araújo de Castro*. – Teresina: Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2014. p. 100.

<sup>141</sup> Cf: FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

<sup>142</sup> \_\_\_\_\_. *Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970)*. História e Perspectivas, Uberlândia (54): 167-188, jan./jun. 2016.

destacados no período em ações do governo. O Teatro 4 de Setembro com a reforma teve seu espaço interno modernizado, com a implantação de um novo sistema de som e de iluminação, preservando-se as linhas de estilo neoclássico da fachada do prédio, mas foi demolido o Restaurante Carnaúba, que ficava ao lado do teatro, para dar lugar a uma galeria, pertencente ao corpo do Teatro.

A reinauguração do teatro após a reforma ocorreu em março de 1975, estreou com uma montagem do *Auto do Lampião do Além* de Gomes Campos<sup>143</sup> e com a direção de Murilo Eckhardt<sup>144</sup>, e com ela se seguiram várias montagens de peças teatrais e shows, demonstrando um forte consumo cultural naquele espaço de lazer da cidade<sup>145</sup>. O autor e dramaturgo Ací Campelo<sup>146</sup> nas suas memórias recorda esse momento como importante para a cultura piauiense de divulgação do teatro como forte setor das artes e de lazer em Teresina, para ele “foi um período em que a cultura piauiense parecia viver um oásis em pleno país que a policia espancava atores, quebrava teatros, proibia músicas e prendia artistas”<sup>147</sup>.

Peças importantes com atores nacionais passaram a ser recebidas no Teatro com o incentivo da Secretária de Cultura do Estado, como Procópio Ferreira, que veio “para duas apresentações no Teatro 4 de Setembro, nos dias 20 e 21 do corrente, para encenação da Peça”*Vendedor de Gargalhadas*”<sup>148</sup>, um sucesso nacional. Os jornais da época fizeram menção enorme ao espetáculo, ao número do público que compareceu<sup>149</sup>, e homenagens que foram feitas a os artistas, inclusive pelo governador Dirceu Arcoverde<sup>150</sup>. A casa recebeu tantos outros espetáculos importantes nessa década,

<sup>143</sup> LAMPIÃO do Além ou a força plástica do inferno. Teresina, O Dia, 20/21 abr. 1975. P. 9.

<sup>144</sup> Antônio Murilo de Macedo Eckhardt, diretor, cenógrafo e montador, veio ao Piauí coordenar as ações do Cepi- Centro de Pesquisas interdisciplinares, fruto de ações do Projeto Piauí, desenvolvido durante o governo de Alberto Silva, fazendo parte de um plano de integração ao Sistema Social de Educação para o nordeste, o que incluía vários setores artísticos, dentre eles a música e o teatro.

<sup>145</sup> CAMPELO, Ací. *O novo perfil do teatro piauiense (1950-1990)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

<sup>146</sup> Francisco Ací Gomes Campelo é professor, dramaturgo e escritor. Nasceu em Largo da Pedra – MA em 05 de agosto de 1955. Formado em Artes Cênicas e Pós-graduado em História sócio-cultural pela Universidade Federal do Piauí. Pertence a União Brasileira de Escritores, secção Piauí. Foi diretor do Teatro 4 de Setembro durante as décadas de 80 e 90, membro do conselho de Cultura do Estado e Diretor de Arte da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Pertence a Academia de Letras do Vale do Longá, Academia de Artes e Letras de Pedro II e Academia de Letras do Nordeste Brasileiro. Atualmente é diretor da Escola Técnica de Teatro Gomes Campos.

<sup>147</sup> CAMPELO. Op. Cit.

<sup>148</sup> SECRETARIA da cultura traz artista do Rio. Teresina, *O Estado*, 16 mai. 1975.

<sup>149</sup> BILHETERIA de Procópio foi record. Teresina, *O Dia*, 21 mai. 1975.

<sup>150</sup> PROCÓPIO Ferreira recebe placa de ouro no Piauí. Teresina, O Dia, 22 mai. 1975.



mostrando - se como um espaço de lazer importante para o teresinense como parte de ações estatais.<sup>151</sup>

Gustavo Gutierrez<sup>152</sup> vai apontar o teatro como uma ferramenta popular de lazer no período, no entanto vivia-se uma repressão em meio a um Regime Militar e as ações e produções culturais no período sofriam imensa repressão através dos órgãos repressores dos Departamentos de Censura, artistas e dramaturgos eram constantemente vigiados e presos e suas peças eram proibidas se fossem consideradas imorais, com temas políticos ofensivos e desrespeitassem a moral da família. Em suas memórias Ací Campelo mais uma vez relembra um episódio de ação da censura de uma montagem exibida no Teatro 4 de Setembro em Teresina:

Quando fiz a estreia de minha primeira peça no Teatro 4 de Setembro, símbolo e orgulho de nossa cultura, que me deu o impulso de nunca mais parar, no ano seguinte senti as garras da ditadura rondando ao meu lado. Minha segunda peça falava sobre um coronel latifundiário que era morto por um roceiro. Fui chamado a Polícia Federal, onde o censor foi direto e grosso: “pode mudar o final da peça. Um roceiro não pode matar um coronel, ainda mais pro questão de terra”. Caramba, mas sem aquele final a peça não existiria. A sentença final do censor: “Então não apresente a peça”. Putz![...] Negocieei com o censor. No final da peça faríamos apenas menção que o coronel iria morrer, e , antes que ele caísse a luz se apagaria, lindo não! O censor engoliu, e mandou dois agentes assistir ao ensaio geral. Como o diretor era eu, assim fizemos, como raramente eles iam assistir ao espetáculo fizemos o texto do jeito que estava, e o coronel terminava estirado no palco, morto pelo roceiro. Pura transgressão!<sup>153</sup>

Assim como Ací Campelo, vários artistas teatrais do período tiveram suas peças proibidas pela censura, o que prejudicou em boa parte o cenário cultural do país<sup>154</sup>. Como uma casa de lazer, o teatro 4 de setembro compunha com o Rex e a Praça Pedro II um corredor cultural da cidade nesse momento.

<sup>151</sup> Com incentivos da Secretária da Cultura do Estado grandes atores do cenário nacional e montagens teatrais que faziam parte de circuitos nesse momento fizeram presente na casa, atores como Raul Cortez, Claudio Corrêa e Castro, Regina Duarte, Zilka Salaberry, Milton Gonçalves, e tantos outros, tornando o Teatro 4 de setembro uma referência entre os meios produtores do período. CAMPELO, Ací. *O novo perfil do teatro piauiense (1950-1990)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

<sup>152</sup> ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. GUTIERREZA, Gustavo Luís. *O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas a globalização*. Editora Phorte. São Paulo, 2011. P. 70.

<sup>153</sup> CAMPELO, Ací. *Tempo de Lembrar 3 - anos de chumbo e a verdade de cada um*. Via blog do autor. 02 de abril de 2002. Disponível em: <http://amusaesquecida.blogspot.com.br/search/label/acicampelo>. Acesso em 05/12/2016.

<sup>154</sup> ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. GUTIERREZA, Gustavo Luís. *O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas a globalização*. Editora Phorte. São Paulo, 2011.

O cinema nessa década também foi importante ferramenta de lazer da população da cidade. Inicialmente as apresentações de películas da capital foram apresentadas no Teatro 4 de Setembro, que funcionou durante décadas como sala de projeção<sup>155</sup>, com a reforma que se seguiu na casa, o serviço foi desvinculado em 1973, no seu entorno ainda se encontrou em funcionamento durante a década de 1970 o Cine Rex que ficava ao lado, o Cine São Raimundo, bem próximo, o Cine Royal, no cruzamento das ruas Coelho Rodrigues com Treze de Maio e o Cine Poeira, no bairro Piçarra, o único que não ficava no centro<sup>156</sup>. As sessões nesses cinemas variavam, mas costumavam ocorrer durante a tarde e a noite, a qualidade e o público desses espaços também eram bastante diversificadas.

Criticas sobre as películas eram recorrentes nos jornais<sup>157</sup>, em suma sobre a má qualidade oferecida pelas casas de cinemas e pela pouca variedade de filmes, para Reinaldo Coutinho a maioria dos cinemas da cidade “eram quentes, mal cuidados, poltronas desconfortáveis e exibiam geralmente filmes antigos”<sup>158</sup>. No início da década os jornais expunham como Teresina ia mal de diversão, só restando dois cinemas para o público e ambos com programação limitada e com uma péssima distribuição de filmes<sup>159</sup>. Tais queixas já apresentavam o contato com que a população que frequentava e consumia esses cinemas com as informações dos lançamentos de filmes nacionalmente e que passavam ao longe por Teresina. Certa sociabilidade modificou com o Cinema Royal, que ao ser instalado representou um diferencial na cidade segundo Reinaldo Coutinho, que formalizou novas maneiras de se portar diante das sociabilidades apresentadas na casa, como afirma:

O conforto do Cine Royal assombrava o aficionado teresinense, acostumado a ir ao cinema de trajes simples. Agora o próprio ambiente impunha vestimentas mais adequadas, calçados ao invés de chinelos, comportamento a altura, etc. os ingressos também eram mais caros. E o ar condicionado? Nada mais do calorão que os rangentes ventiladores dos outros cinemas não conseguiam amenizar. Chegou após o início da exibição? Não tinha problema: sessão contínua permitia o usuário ficar na sala de sessões que quisesse. Geralmente essas exibições eram: 15 às 17 horas; 17 as 19; 19 as 21horas, com pequenos intervalos entre as sessões<sup>160</sup>.

<sup>155</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>156</sup> COUTINHO. Reinaldo. *Imagens da Cidade Verde*. Litteris. Rio de Janeiro. 2008.

<sup>157</sup> OS CINEMAS nada oferecem. Teresina, O Dia, 18 de ago. 1973.

<sup>158</sup> COUTINHO. Reinaldo. *Imagens da Cidade Verde*. Litteris. Rio de Janeiro. 2008.

<sup>159</sup> EXISTEM espetáculos culturais em Teresina, Teresina, O dia, 18 ago. 1973. P. 5

<sup>160</sup> COUTINHO. Op. Cit. p. 54.

No entanto, a frequência de filmes variavam conforme a distribuição, e muito dos filmes dessa época eram proibidos pela censura imposta pelo Regime a esse veículo. Filmes como *Teorema*, *Laranja Mecânica*<sup>161</sup>, *Último Tango em Paris*<sup>162</sup> e o *Exorcista*<sup>163</sup> foram filmes que chegaram no Brasil e foram consumidos em Teresina com anos de atraso

Para Marcelo Ridenti<sup>164</sup>, houve um refluxo cultural no regime de ditadura no Brasil, porque a oxigenação do pensamento nacional foi cerceada, com censura tanto as peças teatrais, como a filmes nacionais e estrangeiros e a programação da televisão, conduzindo a um pensamento e a uma visão idealizada pelo Estado. No entanto, tal sociabilidade nesses espaços do cinema é resguardada na memória de quem os frequentou, a sociabilidade no entorno do cinema na capital era bastante utilizada como ferramenta de lazer no entrono no centro, a cidade se dinamizou mais os cinemas continuaram por lá durante boa parte do período.

Outra importante ferramenta de lazer para a população teresinense foi a televisão. Recebendo desde o final dos anos de 1960 um sinal de redes de transmissão do Maranhão e do Ceará, somente em 1972, Teresina ganharia a estação de TV Rádio Clube<sup>165</sup>. Fundada por iniciativa do empresário Valter Alencar<sup>166</sup>, a televisão do Piauí, fazia parte da política de telecomunicações adotada pelo governo militar, que fez com que as transmissões televisivas se integrassem nacionalmente, pois a política de integração nacional utilizou os meios de comunicação para difundir e popularizar o Regime e encontrou na TV uma grande aliada<sup>167</sup>. A urbanização da cidade se liga a instalação do sinal de televisão no Estado, que modificou hábitos e inseriu novas formas

---

<sup>161</sup> Cf: FARIAS, Francisco Rafael Lima, Nelson Rodrigues e Arnaldo Jabor se encontram no cinema: as representações estéticas da família brasileira na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

<sup>162</sup> ULTIMO tango: arte ou pornografia?. Teresina, *O Estado*, Teresina. 07 fev. 1973.

<sup>163</sup> EXORCISTA: seis desmaios em dois dias de exibição. Teresina, *O Dia*, 03 mai. 1975.

<sup>164</sup> RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo. Editora da Unesp, 1993.

<sup>165</sup> SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

<sup>166</sup>Valter Alencar nasceu na cidade de União em 1913 e faleceu em Teresina em 1972. Formado em direito, atuou como jornalista, promotor público, chefe de polícia, presidente do Tribunal de Contas do Estado e presidente da Ordem dos Advogados do Piauí. Como empresário, mobilizou iniciativas e conseguiu fundar em 1972 a TV Clube. In: SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2010.

<sup>167</sup> Ibid.

de lazer para o teresinense, agora ligado e integrado nacionalmente, encurtando distâncias.

A implantação do sinal de TV representava para o Estado sua inserção na modernidade, foi um sinônimo de progresso e urbanização que o governo buscou atribuir ao Estado<sup>168</sup>. A televisão em Teresina como lazer propiciou novas formas de sociabilidade, onde a família se reunia na sala, muitas vezes com a presença dos vizinhos para assistir aos programas favoritos.

Gustavo Gutierrez<sup>169</sup> vai colocar que após o rádio, a televisão se configurou como a maior atividade de lazer do brasileiro, desde o seu surgimento, há um aumento da força desse equipamento progressivamente, um meio de comunicação das massas, dos interesses de consumo, doméstico, da busca do prazer, da representação da cultura, da pausa dos usos dos espaços da cidade<sup>170</sup>. Para o autor, as novelas foram a grande invenção nacional, capazes de prender mais de 70 % dos telespectadores, com seu linguajar cotidiano, temas da vida privada e diversidade cultural. O Brasil já contava em 1978 com 15 milhões de receptores de sinal de TV<sup>171</sup>.

Tais referenciais sobre a popularização da televisão e dos programas exibidos na cidade pode ser vistas pelo trecho abaixo, do Jornal Tribuna Democrática, onde parcela da população, principalmente de jovens engajados em movimentos culturais da cidade, que tinham espaços de divulgação em jornais, e que enxergavam a televisão de maneira negativa, pois para eles, ela pregava a alienação e o consumo, esse trecho mostra a recepção que parcela dessa população enxergava a tv:

Bichos chegou a indústria pro nosso Estado, tal A Fábrica, é assim quando a gente suspirava aliviado com o *the end* das pupilas, somos atacados de novo pelo maior animal nocivo que se tem em casa: a televisão leva pra dentro do seio da família toda a burrice da subcultura [...] lá em casa até o Mimi (o gato lá de casa) aprendeu a chorar. A vizinha parece que é parente do pessoal da novela, trata os tais com a maior intimidade, compreende o drama e discute com uma tia minha a respeito das atitudes tomadas pelo Nino [...] é assim bicho, aos domingos lá em casa eles convida o Flávio Cavalcante pra jantar, o bicho fica conversando até meia noite e não tem quem aguente. Assistam televisão vocês<sup>172</sup>

<sup>168</sup> SANTOS. Op. Cit.

<sup>169</sup> GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, SP. Autores Associados.2001.

<sup>170</sup> Ibid. p. 74

<sup>171</sup> Ibid. p. 74

<sup>172</sup> OLIVEIRA, Edmar. Animal Nocivo ou Flávio Cavalcante janta lá em casa. *Tribuna Democrática*, ano I, 1 de ago. 1971.

Como ferramenta de lazer a televisão encontrou espaço em Teresina, Claudia Fontineles<sup>173</sup> vai dizer que com a televisão muitos bares e restaurantes passaram a oferecer a transmissão televisiva em cores, assim como forma de sociabilidade nas praças dos bairros, onde era colocado uma televisão com a exposição de programas assistidos de forma coletiva por parte da população desses bairros que não tinham o aparelho em casa. Assim, a televisão, o teatro e o cinema, bem como outras atividades de lazer foram proporcionadas pela urbanização dos serviços da capital. De forma fragmentada e diversificada, Teresina passar a servir para seus habitantes de várias maneiras na sua busca por diversão e lazer durante a noite da década de 1970, seja no consumo de programas, como o teatro e o cinema, ou no consumo de música, de comida, de bebida, e nos fazeres mais simples de encontros nas praças, no *trottoir*, no andar pela cidade pelo simples prazer<sup>174</sup>.

Maria Izilda Santos de Matos<sup>175</sup> vai afirmar que dentre as várias representações que se fizeram sobre a noite, veiculadas a momentos mágicos, propensos ao amor romântico, à transgressões, a liberação de desejos, muitas também acompanharam o “processo de glamourização e estetização, nas transformações dos serviços de entretenimento noturno em mercadorias, e na criação do consumo também chamado de estetização da noite”<sup>176</sup>. A autora cita como exemplo no seu estudo a cidade de São Paulo durante a década de 1920, que passou por uma enorme proliferação de atividades e serviços noturnos nesse período.

Para ela, essa criação de práticas culturais, artísticas, shows e espetáculos, bares e casas de diversão, o consumo sobre esses espaços de lazer na cidade durante a noite, seria própria da idéia de modernidade, onde o caráter metropolitano também deve ser atribuído e enxergado na cidade pela circulação das atividades de lazer. Buscamos perceber no nosso próximo capítulo os lugares de lazer noturnos na cidade de Teresina cartografados pela zona central da cidade, como ponto de confluência a uma série de bares, boates, restaurantes e outras casas de uso e consumo diverso.

---

<sup>173</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. P. 207.

<sup>174</sup> Op.Cit.

<sup>175</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP, Edusc, 2007

<sup>176</sup> Ibid, p. 92.

## 2. O CENTRO E O LAZER NOTURNO

### 2.1. Dimensões geográficas de um circuito de lazer

Como vimos no capítulo anterior, durante a década de 1970 Teresina passou por notáveis mudanças na sua estrutura física, pelo que era divulgado nos jornais do período, as modificações nos seus espaços, o conseqüente aumento da cidade e do número de habitantes, a abertura de bairros, de avenidas com cobertura asfáltica, e inauguração de novos empreendimentos sugerem uma “entrada” da capital do Piauí no aparelhamento modernizador pelo qual passava o país nesse momento<sup>177</sup>. Podemos notar que dadas essas mudanças, a cidade também veio a empreender algumas posturas e comportamentos pouco ou nunca antes reconhecidos na capital, a funcionar como um agenciador de novas maneiras de interagir e sociabilizar<sup>178</sup>.

Com isso, o espaço da noite e da cidade à noite se torna mais propício a formação de um aparato que vai misturar essas duas relações, o aparecimento de lugares ligados ao lazer, ao divertimento, ao entretenimento, e à praticas novas e que são agenciadas por toda essa ludicidade ou possibilidades que a noite vem a permitir e representar.

No final dos anos de 1960 uma problemática da vida noturna teresinense era manifestada por jornais e cronistas que apontavam como ponto negativo a limitada atuação de políticas culturais de Estado na produção de eventos, de shows, de espetáculos teatrais e na definição de mais espaços voltados ao lazer para a população, já que nessa década a compreensão sobre Teresina era de uma “cidade de vida noturna quase morta, pouco servida de casas de diversão no centro urbano”<sup>179</sup>, a década de 1970 com toda a dinâmica positiva que a cidade passava, era necessário que o lazer e as diversões do teresinense também seguissem o ritmo de transformação e correspondessem as vontades e desejos de seus habitantes.

A formação de opções de lazer à noite que passaram a caracterizar um cotidiano noturno envolveu uma série de agentes, o governo estadual e municipal, a população, a urbanização da cidade, as remodelações de praças e avenidas, uma iluminação mais

---

<sup>177</sup> PIAUÍ caminha a passos largos com o progresso. O Dia, 19 fev. 1973. P. 4.

<sup>178</sup> BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventude em Transito: práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

<sup>179</sup> Estado do Piauí, 20 jun.1963. p.1

distribuída, um marcante desenvolvimento de atividades culturais e o consumo de idéias que soariam pela busca de prazeres e de diversões, fazendo com que se dimensionassem na cidade certas espacialidades, lugares específicos, zonas de Teresina que seriam cartografadas propriamente à busca da diversão e do lúdico noturno.

Espacialidades como essa, que vão surgindo nos espaços urbanos, segundo Margarete Rago<sup>180</sup>, seriam provenientes dos ideais de modernidade que florescem nas cidades brasileiras nos fins do século XIX e que vão fazer do ambiente da noite um sem fim de experiências ligadas a apreciação do moderno, na música, na dança, na comida, na bebida, no vestuário, nas práticas sexuais, etc. com isso gerando ruas, avenidas, complexos e bairros voltados unicamente ao consumo noturno, mapeamentos de pedaços da cidade que ela vai chamar de “geografias do prazer”<sup>181</sup>, com toda uma economia circundante em torno do lazer e do entretenimento<sup>182</sup>.

O cotidiano noturno em Teresina no início da década de 1970 se mobilizava ainda em torno do centro da cidade como a principal zona de movimentação de lazer no período, era no centro que se localizava o Teatro 4 de Setembro, o Teatro de Arena, o Clube dos Diários, os cinemas da cidade, as praças, e que viu surgir com o passar da década mais opções com bares, restaurantes, churrascarias, boates, alguns lugares sofisticados, outros menos, lugares de apresentações musicais para artistas locais e nacionais, lugares de trocas afetivo-sexuais, a cidade foi-se movendo por novas formas de sociabilizar no entorno do centro.

Em 1972 o jornal O Dia divulgava diariamente um *Roteiro da Cidade*<sup>183</sup>, uma parte do jornal indicava serviços em Teresina, telefones úteis, serviços públicos, e lugares de lazer e passeio, seria um roteiro do que achar e fazer na capital do Piauí. Das sugestões, restaurantes, bares, boates e outras casas noturnas. Entre os restaurantes que são publicizados pelo roteiro do jornal, o destaque é o Carnaúba, que ficava na Praça Pedro II ao lado do Teatro 4 de Setembro, o Talher de Ouro e o Sagaró, bem próximos,

<sup>180</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991. P. 54

<sup>181</sup> Ibid. p. 54.

<sup>182</sup> A formação de circuitos de lazer, para José Guilherme Magnani, leva em consideração os tipos de serviços que são oferecidos, as zonas que eles se atribuem, formalizando os grupos que vão referenciar aquele lugar. Como circuitos formados na periferia, onde são recorrentes determinados tipos de atividades, ou circuitos nos grandes centros na atualidade como o Rio de Janeiro e São Paulo, onde há bairros que são definidos pela condição econômica, dado os preços do serviço oferecido, circuitos de gastronomia, circuitos gays, circuitos de prostituição, etc. O reconhecimento de tais atividades nesse lugar por seus frequentadores é o que torna aquele espaço um circuito. MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. VI. 17, nº 49. São Paulo 2002.

<sup>183</sup> ROTEIRO da cidade, Teresina, O Dia, 21 de mar. 1973.

na Rua Senador Teodoro Pacheco, este último, era o restaurante do Clube das Classes Produtoras, das churrasarias havia a Beira Rio na Avenida Maranhão e a Churrascaria Avenida, na Avenida Frei Serafim, estas que também tinham uma boate e que funcionavam em dias propícios com atrações locais e nacionais, assim como a Barbarella, boate que também ficava na Frei Serafim. A publicidade sobre esses espaços que são postos no jornal mostram eles como serviços que a cidade de Teresina teria a oferecer em termos de lazer e entretenimento.

Em suma, esses lugares eram de frequências de públicos diversificados, assim como os horários de funcionamento, a questão que apontamos é que todos são localizados na zona central da cidade, possibilitando com isso reconhecer um zoneamento mais expressivo às práticas e experiências com a noite pelo centro de Teresina, como espaço significativo e historicamente produzido para a presença de vida noturna de lazer, divertimento e boêmia.

Durante os anos de 1970 a zona central passou por seguidas reformas durante as gestões que ocuparam a prefeitura da cidade, algumas buscaram fazer uma reconfiguração das ruas, atentando ao aumento do fluxo de automóveis e pedestres<sup>184</sup>, também a idéia de acabar com o “aspecto interiorano” da zona comercial, evitando a presença constante de carroças e de animais de carga<sup>185</sup>, estando presente sempre um discurso de “higienizar e embelezar” a região. Alterações que influenciava diretamente o modo dos habitantes utilizarem as ferramentas de lazer, no entanto é importante definir o que consideramos cartografar como centro de Teresina. De acordo com o que afirma Rogério Barreto, entendemos cartografia da seguinte maneira:

Ao longo do tempo, os mapas das cidades mostraram suas ruas, seus prédios, Igrejas, pontes, seu espaço abrangente, seus limites geográficos e políticos. Suas culturas urbanas foram, assim, modeladas, formatadas pelo modo como o espaço foi organizado. E foi a cartografia, como uma gramática do espaço, que ordenou, classificou, normatizou e organizou o espaço urbano, de acordo com regulações cartográficas definidas historicamente, isto é, de acordo com as regras dominantes em determinado tempo e lugar<sup>186</sup>.

Em Teresina, dentro da sua própria constituição histórica, a zona central se definiu no entorno das construções de prédios de administração pública, igrejas e das famílias que habitavam a zona, formalizando os serviços da cidade a partir desse

---

<sup>184</sup> WALL FERRAZ vai organizar o centro da cidade. Teresina, O Estado, 09 abr.1975.

<sup>185</sup> FISCALIZAÇÃO observa sujeira. Teresina, *O dia*, 18 de mai. 1975.

<sup>186</sup> BARRETO. Rogério. *O centro e a centralidade: aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Cadernos do Curso de Doutorado em Geografia da FUP. 2010.



contexto<sup>187</sup>. Na primeira metade do século XX, há uma projeção de crescimento da capital e urbanização de zonas afastadas do centro, esse crescimento demográfico, formando zonas habitacionais para além do centro, ocupando as regiões norte, sul e leste, porções da cidade que eram pouco povoadas iniciou uma notável descentralização durante a década de 1970<sup>188</sup>.

No entanto, a estrutura de serviços comerciais, de saúde, educação, serviços transacionais e básicos no geral, não acompanharam a formação desses bairros, pelo contrário, a criação de conjuntos habitacionais nesse momento, como o Conjunto Parque Piauí, o Conjunto Dirceu Arcoverde<sup>189</sup> na zona sul e o conjunto do Ipase na zona norte, hoje grandes bairros da cidade, que serviram para desafogar o crescimento populacional, em boa parte recorrente pelo fluxo de migrações e também resolver a questão das ocupações ilegais como foi citado no capítulo anterior, eram consideradas estruturalmente mal planejadas, já que os serviços de saneamento, distribuição de rede de energia, água e transporte eram ineficientes, fatos que tomavam diariamente as páginas de reclamações dos jornais de circulação na capital<sup>190</sup>. Mostrando aspectos contraditórios sobre Teresina, distante da intenção de ser vista como urbana e modernizada.

A região do centro com isso constituía ainda o *coeur de ville* na definição de Rogério Barreto<sup>191</sup>, o coração da cidade, historicamente representativo e geograficamente condutor das ações e das práticas cotidianas dos teresinenses. Esse período é visto como um momento de forte construção de obras em outras áreas da capital, dinamizando e espalhando prédios públicos e outras construções afastadas do centro da cidade<sup>192</sup>, no entanto é no centro de Teresina que se encontram os serviços de saúde mais desenvolvidos, com clínicas e hospitais, serviços médicos que surgiram no entorno do Hospital Getúlio Vargas, o maior hospital público do Piauí, localizado na

---

<sup>187</sup> CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina In: *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. Obra Completa. 2.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

<sup>188</sup> FILHO, Manuel Ricardo Arraes. *Cidade Descarnada: memória e resistência dos antigos moradores do centro de Teresina*. Documentário. 2013. link: <https://www.youtube.com/watch?v=8WgctkyPxeY>.

<sup>189</sup> Cf: MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

<sup>190</sup> POPULAÇÃO sofre o drama da falta de água, Teresina, *O dia*, 10 fev. 1973. P. 1.

<sup>191</sup> BARRETO, Rogério. *O centro e a centralidade: aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Cadernos do Cursos de Doutorado em Geografia da FUP. 2010

<sup>192</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Avenida Frei Serafim, as escolas e colégios mais conhecidos, tais como o Liceu Piauiense, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, também na Avenida Frei Serafim, a Escola Normal na Praça Marechal Deodoro, o Colégio Diocesano, na Praça Saraiva, a Faculdade de Filosofia e Direito, dentre outros. Os jornais ainda destacavam o centro como lugar de encontro de bens e serviços.

É no centro a zona comercial da cidade, de lojas e dos mercados, com o prédio do Mercado Central, popular mercado de produtos diversos, em um quarteirão ligando a Praça Marechal Deodoro e do outro lado a Rua Lizandro Nogueira, os prédios de administração pública e das decisões políticas, como o Palácio de Karnak, sede do governo estadual, e a Prefeitura da Cidade. O crescimento da população e dos bairros, ampliando as relações e as vivências com outros espaços se torna acentuado nesse momento, no entanto na nossa cartografia o centro constitui espaço favorável como zona de circulação também para as horas livres e de lazer.

A população convergia diretamente para essa zona como, muitas vezes, única forma de utilizar os serviços, e já que “as distâncias eram relativamente curtas”<sup>193</sup> entre os bairros, como sugere o jornal *O Dia* se referindo aos moradores que moravam no entorno da zona norte e zona sul, o trajeto era feito a pés pelo teresinense, tornando fluida a fronteira entre o centro e os bairros decorrente dessa circularidade.

Em 1973, o periódico alternativo *Toco Cru Pegando Fogo* de forma humorada criticava o sistema de transporte em Teresina, considerando que “andar a pés pela cidade era a forma mais utilitária de se locomover”<sup>194</sup>. E esse andar vai ser muito usado na maneira de cartografar os equipamentos de diversão e entretenimento pelo centro da cidade nos anos 70, onde a configuração espacial auxiliava na prática do andar pela capital, a circulação pelos bares, a utilização das praças, o trajeto pelas ruas e avenidas era a maneira comumente encontrada pelos que usavam a noite. Nesse sentido Barreto<sup>195</sup> vai dizer sobre os centros das cidades que:

De uma forma geral, a área central era vista como a parte da cidade que é mais acessível, sobretudo na utilização de transportes públicos, não só para os residentes, mas também para os visitantes ocasionais. Esta área representa também para os cidadãos a memória da cidade, o coração da urbe. O visitante procura-a para descobrir o passado, conhecer as características arquitetônicas, o ambiente social e cultural e os espaços comerciais que ali se concentram<sup>196</sup>.

<sup>193</sup> NINGUÉM está satisfeito com os transportes coletivos. Teresina, *O Dia*, 05 mar. 1974.

<sup>194</sup> VIAGE ao Ininga City. *Toco Cru Pegando fogo*. Nº 2. s/d

<sup>195</sup> BARRETO. Rogério. *O centro e a centralidade: aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Cadernos do Cursos de Doutorado em Geografia da FUP. 2010

<sup>196</sup> BARRETO. Op. Cit.. p. 4.

É do centro que partem os direcionamentos iniciais para os planos de urbanização da cidade. Em Teresina, com o primeiro plano de ordenamento urbanístico da capital, em 1969, onde colocava o centro como coração da vida urbana integrando aos bairros por uma infraestrutura viária que tornaria mais dinâmica esta comunicação<sup>197</sup>. No início de 1970, o alargamento da Avenida Miguel Rosa, como consequência desse plano, que deveria ligar a cidade de norte a sul, causa transtornos entre as famílias que vivem no seu entorno, que são expulsas de suas residências para a realização da obra<sup>198</sup>, sendo remanejadas para os bairros mais periféricos<sup>199</sup>.



**IMAGEM 1:** Mapa da densidade de edificação urbana de Teresina. *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina*. COPLAN S.A. 1970. Arquivo Público do Piauí

<sup>197</sup> CARDOSO. Luciene Brito. *Paisagem cultural do centro de Teresina: significado dos seus elementos morfológicos*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife. 2006.

<sup>198</sup> Cf. MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

<sup>199</sup> FAMILIAS do Buenos Aires não querem os favelados. Teresina, 16 abr. 1975.

A Avenida Miguel Rosa demarca a fronteira entre o centro e os bairros da zona norte, a Avenida Frei Serafim notadamente centralizada, se configura a separação entre os lados do centro norte e o centro sul. O centro e a zona sul são limitados pela Avenida José dos Santos e Silva, dividindo essa zona dos bairros Vermelha e Piçarra, e limitando-se pelo bairro Cabral e Ihotas à zona leste. A oeste fazendo fronteira com o rio Parnaíba, separando o Piauí do Maranhão. Pelo mapa relacionado a densidade de edificações na cidade na década de 1970, fica claro a definição entre o centro e os outros bairros, mostrando um número grande de edificações pelas zonas centrais ainda, e os bairros com que o centro faz fronteira.

Muitas vezes essa divisão também era marcada pela desigualdade, enquanto o centro era alvo de reformas nesse período e exibia seus melhoramentos, os bairros no seu entorno eram caracterizados por toda a sorte de problemas: falta de saneamento, transporte, calçamento nas ruas, rede de energia, violência, etc. No mapa acima, as demarcações da região do centro fica destacadas, assim como os bairros ao seu redor, que mantinham uma relação proximidade, as fronteiras eram fluidas, observadas principalmente nos modos de circulação da população.

As praças que ficavam no centro eram territórios de circulação no período durante a noite, umas mais utilizadas que outras e de formas bem diversas. Uma cartografia pela cidade vai mostrar que se vivenciava uma decadência das sociabilidades em algumas praças no início dos anos de 1970, já que nas décadas anteriores eram lugares bastante escolhidos para os passeios, conversas nos fins de tarde e a noite, para encontros e desencontros.

Alguns jornais vão apontar a ausência do poder público o que teria ocasionado a deterioração desses logradouros, passando a receber maus usos, o que seria um desrespeito para com a população<sup>200</sup>. Alvo de reformas nas gestões que passaram pelo Estado na década de 1970, a Praça Pedro II, espaço representativo à história da cidade e às práticas de sociabilidades, por exemplo, mantinha no seu entorno alguns bares e restaurantes, além do Teatro 4 de Setembro, o que recebia um fluxo maior do que as outras praças de movimentação durante a noite, e de diferentes camadas sociais, o que caracterizaria um ambiente bastante diversificado<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> PRAÇA Pedro II será reformada. Teresina, O Estado, 09 de fev. 1976.

<sup>201</sup> “Nos anos de 1960 a Praça Pedro II era movimentadíssima nas noites de domingo. Para lá eram marcados encontros amorosos. Naquela época existia o coreto, o abrigo dos engraxates e dos “filhinhos de papai” que esnobavam com os seus carrões no meio da praça – onde existia uma passagem para veículos. A praça Pedro II era dividida em duas, com a parte alta, do lado do quartel da Polícia Militar, e a

As críticas em torno das reformas na Pedro II realizadas no período e que ecoaram por certo momento, são indícios de como a memória pode operar na relação com os lugares, criando ligações individuais e coletivas com eles, e que passam a ser herdadas e sugerir um pertencimento, seria aquela memória que Pierre Nora<sup>202</sup> vai dizer que parte da interação e que se enraíza no concreto, no espaço, gerindo os lugares de memória. As vivências na praça, que com a reforma também ganhou nova iluminação a vapor de mercúrio, as mudanças do fluxo de veículos no entorno da praça, dando uma nova cara a região o que acabaria a sugerir novas vivências acompanhando essas mudanças. Dentro da nossa cartografia, é importante ver que esses espaços caracterizam o centro como lugar significativo de ocupação e lazer que permaneceu durante a década de 1970.

Já a Praça Conselheiro Saraiva durante o dia era um forte corredor de movimentações comerciais, bem centralizada por comércios e lojas, funcionava como ponto rodoviário de passageiros que faziam percursos para as cidades mais próximas do Piauí e do Maranhão. Os serviços na praça geralmente eram buscados por pessoas pobres, sem muita condição financeira, que vinham atrás de serviços médicos em Teresina ou de rápidas passagens para outras cidades, e que acabavam por se hospedar nas pensões e hotéis de baixo custo que vieram a se formalizar no entorno da praça.

No entanto, com péssima iluminação durante a noite, os jornais denunciavam e condenavam as práticas recorrentes na escuridão da Praça Saraiva, que o lugar era “ponto de encontro preferido de marginais, batedores de carteira, homossexuais e mulheres de prostíbulos”<sup>203</sup> e constantemente “frequentada pelo curical, devido a escuridão”<sup>204</sup>. A proximidade da praça com a Rua Paissandú, uma das zonas do baixo meretrício da cidade, de práticas que deveriam ser encobertas e silenciadas, sugerem esse cuidado maior, e a presença do discurso normativo e de contenção com o ambiente.

---

parte baixa, onde os jovens desfilavam enquanto outros ficavam observando, sentados nos bancos de cimento, olhando o movimento ou “tirando casquinha” o que hoje chamam de “paquera”. Os engraxates que faziam ponto do abrigo a eles destinados tinham bons lucros, pois os jovens gostavam de andar com os cabelos brilhando (com brilhantina) e os sapatos lustrando. As jovens se contentavam com o convite de assistir uma sessão às 5 (17 horas) no Cine Rex ou mesmo no Teatro 4 de Setembro, para depois tomar um sorvete no Bela Vista. Quando soava o apito da antiga Usina Elétrica era hora de todos irem pra casa. Não existiam as churrascarias, aqueles que pretendiam se divertir mais ou iam pra algum clube social ou “desciam” pra Paissandú que era mais movimentada e tinha atrações como a Boite Sujeito, onde se entrava em uma rua e saía em outra.” A PEDRO II ameaçada ficar sem passeios. Teresina, *O Dia*, s/d.

<sup>202</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

<sup>203</sup> OS PROBLEMAS de Teresina. Teresina, O Estado. 16 ago. 1975.

<sup>204</sup> Ibid.

Já a Praça João Luís Ferreira, seria a preferida por casais que frequentavam todas as noites, porque era mais tranquila<sup>205</sup>.

Mais abaixo, se encontra a Praça Marechal Deodoro, na Avenida Maranhão, nas margens do Rio Parnaíba, que tinha no seu entorno também prédios historicamente representativos a história da cidade<sup>206</sup>, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo, os prédios da antiga residência do governador, e do Mercado Central, o que tornava o espaço um fluxo comercial bastante acentuado durante o dia, e também por funcionar como o terminal de transporte coletivo da cidade. A praça mantinha um Teatro de Arena no seu interior, inaugurado em 1952, que recebiam com baixa frequência eventos promovidos pela Secretária e pelo Departamento de Cultura<sup>207</sup>. A praça como ferramenta de lazer noturno pode ser cartografada de forma pouco utilizada, assim como a Praça Saraiva havia certa recomendação também aos usos que eram dados a praça durante a noite.

A proximidade com o Mercado Central fazia da Praça Marechal Deodoro um espaço de vendedores ambulantes de frutas, carnes e miúdos, com carroças puxadas por jumentos o que fazia da praça e seu entorno uma sujeira e mantendo um aspecto interiorano indesejado<sup>208</sup>. As distinções que existiam entre esse logradouros do centro se pautavam mais fortemente quando se percebia os discursos e as ações interferidas sobre eles, as maneiras de serem enxergadas e ocupadas, enquanto os jornais mostravam a Pedro II como centro de referência as sociabilidades no centro, as demais praças eram tidas como ermas, perigosas e sujas. Tais distinções como sugere Bourdieu mostram como um aspecto simbólico de diferenciação é criado e como os discursos que condicionam as práticas emergem e participam dessa distinção<sup>209</sup>.

A Avenida Frei Serafim, a principal artéria do centro da cidade, convergia um grande fluxo de transportes e de pessoas nessa época. Com os governos do período, a avenida se tornaria um dos marcos modernizantes da capital, espaço que seria higienizado, que se tornaria o cartão postal e de lazer do teresinense. Seu passeio público composto pela construção de fontes luminosas e suas largas vias seriam símbolos do governo Alberto Silva e do próprio crescimento e embelezamento da capital.

<sup>205</sup> A PEDRO II ameaçada ficar sem passeios. Teresina, *O Dia*, s/d.

<sup>206</sup> BASTOS, Claudio de Albuquerque. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina. PMT, 1994.

<sup>207</sup> HOJE tem folclore no Teatro de Arena. Teresina, *O Dia*, 21/22 de abr. 1975.

<sup>208</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2009.

<sup>209</sup> Ibid.

Na nossa cartografia sobre o centro de Teresina, a Avenida se torna um corredor de circulação, onde convergia os transportes públicos que vinham de outros bairros, fazendo da avenida um passar quase que obrigatório, se tornou zona de passeio e atração da população com o espetáculo das fontes luminosas e com a nova iluminação moderna das lâmpadas a vapor de mercúrio clareando a avenida desde a ponte JK até a Igreja de São Benedito. A avenida era palco dos principais eventos públicos na capital, como desfiles de Carnaval que se realizavam em fevereiro e tomavam a avenida por arquibancadas e blocos carnavalescos, as paradas militares, bem como outros eventos que a cidade recebia e tinha a avenida como espaço de utilização para esses acontecimentos.

O centro de Teresina era ponto convergente de lazer para boa parte da população de Teresina nessa década, que buscava se divertir durante a noite com as opções de bares, restaurantes, boates, cabarés, promovendo usos diversos e práticas que se configuraram na memória da cidade. Andar por alguns desses espaços buscando cartografa-los e levantar características sobre eles será o tema da nossa próxima seção.

## **2.2. De bar em bar: cartografia dos espaços de lazer noturno em Teresina na década de 1970**

A cartografia sobre o centro de Teresina na década de 1970 revela muitos bares, churrascarias, boates, botequins, cabarés, e tantos outros lugares de diversão, onde cada um exprimia distintas maneiras de ocupações, formulavam dinâmicas próprias, mostrando uma Teresina que se propõe urbana e assim se repercutia pelas várias opções de lazer que permitiam múltiplas vivências e experiências no ambiente da noite. Essa cartografia pelo centro e suas margens, mostra um pouco do lazer do teresinense, que lugares a população da cidade buscava para diversão nessa década.

Nessa composição, ficou localizado às margens do centro durante alguns anos da década de 70 o *C da Gia*<sup>210</sup>, no início da Avenida João XXII, bem na saída das alças de acesso da ponte Juscelino Kubistchek. Como um lugar de sociabilidade nesse momento, de frequência noturna, o *C da Gia* surgiu como memória na fala de alguns

---

<sup>210</sup> Na verdade o bar foi denominado de Cu da Gia, porém, alguns frequentadores cortavam parte da primeira palavra, ficando chamado de C da Gia. Segundo o dicionário informal cu da gia é uma gíria comumente usada para se referir a algo pequeno, apertado, feio ou estranho.

entrevistados<sup>211</sup> para essa pesquisa, possibilitando inseri-lo nessa cartografia e conhecer um pouco das características e do contexto de usos desse bar.

Assim, foi possível identificar que era um lugar de frequência bem diversificada, incluía a presença de estudantes da Universidade Federal do Piauí<sup>212</sup>, tanto homens como mulheres, de trabalhadores com menos renda que passavam por lá após a saída do trabalho e provavelmente a caminho de casa se permitiam aproveitar o bar e relaxar um pouco, de personagens da vizinhança, que era uma área ainda pouco urbanizada e caracterizada nesse momento por algumas residências fruto de invasões e ocupações ilegais, práticas que causaram um grande debate na cidade nessa década<sup>213</sup>.

O nome do bar, *C da Gia*, permite a imaginação para as possibilidades de ter sido assim chamado, possivelmente foi chistosamente denominado pelos frequentadores por causa da posição do estabelecimento, de proporções bem pequenas, em uma esquina, espremido entre um posto de combustíveis e um hotel<sup>214</sup>, era uma palhoça pouco sofisticada, com um balcão de atendimento na parte interior e poucas mesas que ficavam dispostas na calçada em frente ao bar<sup>215</sup>. Na mistura que era o espaço, fechando cedo da noite e com um cardápio bem limitado, o bar acabava funcionando como um lugar de passagem, tanto pra quem ia pra casa após tomar a saideira, como pra quem ia continuar no circuito da noite. Podemos sugerir que o C da Gia era um “esquenta”<sup>216</sup> pra alguns, dentro do circuito da noite pelo centro de Teresina.

Esse circuito como indica José Guilherme Magnani<sup>217</sup>, pode ser formulado por diversos fatores e criar sua própria locomoção dentro de um trajeto, em Teresina o andar a pés como locomoção entre os lugares era corriqueiro nessa época, principalmente

---

<sup>211</sup> Utilizamos a modalidade de entrevista dirigida aos sujeitos para compor um entendimento sobre aspectos específicos que girassem em torno de espaços de lazer na noite da cidade nos anos de 1970, assim como colhemos entrevistas que já haviam sido feitas com alguns sujeitos que utilizaram outras modalidades e técnicas, algumas recolhidas no Núcleo de História Oral da UFPI e outras disponíveis em dissertações e em meios eletrônicos de divulgação.

<sup>212</sup> VIAGE ao Ininga City. *Toco Cru Pegando fogo*. Nº 2. s/d.

<sup>213</sup> DESFAVELAMENTO provoca debate. *O Estado*. Teresina, 19 de abril de 1975.

<sup>214</sup> O professor Francisco Carvalho Filho nasceu em Ribeiro Gonçalves em 09 de abril de 1952, mudou para Teresina na década de 1960, estudando nos colégios Diocesano, Liceu Piauiense e Helvidio Nunes, graduou-se em História pela Universidade Federal do Piauí, tornando-se funcionário público pela Secretária do Estado do Piauí desde os anos de 1980. CARVALHO FILHO, Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

<sup>215</sup> CARVALHO FILHO, Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

<sup>216</sup> Esquenta é um termo geralmente usado pelos que saem a noite e fazem várias paradas em vários lugares de diversão. O primeiro lugar a se parar serviria como um aquecimento, um lugar de passagem para dar sequência aos outros.

<sup>217</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1984. P. 137



entre os espaços de lazer do centro, podendo indicar por um lado os limitados serviços de transportes coletivos durante a noite<sup>218</sup>, os altos preços cobrados pelas corridas de táxis<sup>219</sup>, bem como a proximidade que ainda se mantinha entre os bairros urbanizados e os lugares de diversão da capital<sup>220</sup>, o que permitia esse trajeto.

Michel de Certeau<sup>221</sup> vai afirmar que a prática do caminhar pela cidade promove uma diversidade de sensações, cria estratégias praticadas de forma poética, caminhos que moldam os lugares e criam espacialidades, lugares únicos e por vezes experimentados de formas diferentes por diferentes indivíduos<sup>222</sup>. Assim, chegar ao circuito do centro em busca de diversão e opções de lazer saindo do esquentado do *C da Gia* era preciso atravessar a ponte Juscelino Kubistchek. Como? a pé, de carona em carros de amigos, de coletivo, o que fosse possível<sup>223</sup>.

A ponte erguida na década de 1950, de importância estratégica no processo de urbanização das zonas leste da capital<sup>224</sup> durante essa década de 1970, fazia a ligação com o centro a partir da Avenida Frei Serafim, remodelada durante a gestão do governador Alberto Silva, com a cara de cartão postal da capital, com iluminação moderna, era ponto de flâncina em seus passeios por diferentes grupos durante a noite, e oferecia dentro do circuito cartografado do centro alguns lugares de sociabilidades de dinâmicas bastante diferentes, que conviviam e se contrastavam, além da própria avenida ser local público de festividades marcantes durante a década como o carnaval<sup>225</sup>.

Nesse circuito de lazer, bem na Avenida Frei Serafim, no quarteirão entre as ruas Anísio de Abreu e Arêa Leão ficava a Churrascaria Avenida, uma casa bastante conhecida e frequentada, como nos indicaram os anúncios nos jornais e as citações

<sup>218</sup> EMPRESA ameaça tirar ônibus de circulação a noite. Teresina, *O Dia*, 10 out. 1973.

<sup>219</sup> NINGUÉM está satisfeito com os transportes coletivos. Teresina, *O Dia*, 05 mar. 1974.

<sup>220</sup> Na dissertação *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980* podem confirmar essa prática, o autor narra os acontecimentos que se dão com seus personagens e mostra a circularidade que ocorre pela cidade, na reconstituição de suas histórias os indivíduos estão constantemente atravessando os bairros da cidade a pé durante a noite, podemos considerar com isso que era uma prática comum por parte da população da cidade nesse momento. Cf: SANTOS. Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2013.

<sup>221</sup> CERTEAU. Michel. *A Invenção do Cotidiano*, 2.ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996. P. 176

<sup>222</sup> Ibid. P. 176

<sup>223</sup> CARVALHO FILHO. Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

<sup>224</sup> CARDOSO. Luciene Brito. *Paisagem cultural do centro de Teresina: significado dos seus elementos morfológicos*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife. 2006.

<sup>225</sup> ALEGRIA na avenida. Teresina, *O Dia*, 08 mar. 1973.

constantes dos eventos que lá ocorriam na Coluna da Elvira Raulino<sup>226</sup>. Na cidade, era forte a presença de churrascarias como proposta de lazer e divertimento, o que fez Albert Piauí<sup>227</sup> dizer em suas memórias que “Teresina só tinha churrascaria como diversão”<sup>228</sup>, mas pela nossa pesquisa não é possível afirmar. No entanto, a popularização de casas desse tipo surgia como novidade e atraía um público grande e diversificado, considerando com isso as diferentes qualidades das churrascarias e as diferentes localizações.

Um *menu* regional e nacional, música ao vivo, pista dançante, ar condicionado, brisa do Parnaíba, shows nacionais, bebidas internacionais, e um interminável jorro de novidades, todos esses serviços eram ofertados por essas várias churrascarias. A intenção era garantir um público disposto a se entreter, se divertir e usufruir de tudo o que lhe fosse permitido na noite. Muitas dessas maravilhas que eram oferecidas nesses locais foram encontradas em anúncios nos jornais O Dia e O Estado, que descreviam os serviços que cada casa disponibilizava, fazendo questão de citar nesses anúncios a estrutura do espaço, as reformas, a iluminação moderna, a higiene dos serviços, com a intenção de atrair o público específico, que iria buscar o que a casa oferecesse, e sempre chamando a atenção para uma novidade.

Foi possível perceber que nesses anúncios vão estar presentes constantemente a idéia de modernidade e urbanização da capital também ligada à vida noturna, em algumas matérias dos jornais que vão elencar as mudanças pela qual a cidade passava na década de 1970, os bares, restaurantes e churrascarias são apresentados como serviços modernos que a cidade passa a oferecer<sup>229</sup> dentro das mudanças estruturais e de modernização da capital, ligando ao que era posto nos anúncios, isso fica bastante evidenciado, mostrando como os jornais vendiam essa cidade a partir das formas de lazer e dos lugares de lazer encontradas nela.

---

<sup>226</sup> Elvira Mendes Raulino de Oliveira, nascida em Teresina em 21 de setembro de 1946, é uma conhecida jornalista do Piauí, iniciando sua vida atuando nos jornais como colunista social, atuou também na televisão e no rádio. Criou o jornal Diário do Piauí e a Rádio São José dos Altos, foi presidente da Aspitur – Associação Piauiense de Turismo, tinha um trânsito e amizade no meio político e de entretenimento do Brasil, sendo jurada convidada diversas vezes do Programa do Chacrinha, na Rede Globo, e foi também prefeita da cidade de Altos, no Piauí.

<sup>227</sup> Albert Nunes de Carvalho, nascido em Luzilândia no Piauí, em 24 de setembro de 1953, é um quadrinista e chargista, que trabalhou em diversos jornais da capital na década de 1970 e 1980, criador da Fundação Nacional de Humor.

<sup>228</sup> PIAUHY, Albert. Teresina. Entrevista cedida a Bernardo Aurélio. 14 de out. 2008. In: OLIVEIRA, Bernardo Aurélio de Andrade. *Políticas Públicas culturais e São de Humor do Piauí*. Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em história do Brasil. (Dissertação Mestrado). 2015.

<sup>229</sup> TERESINA é o berço do Nordeste. Teresina, *O Dia*, 6/7 de fev. 1973.

Mostrando como era comum a presença desses tipos de casas de lazer, Elvira Raulino constata que durante a década de 1970 havia “um inflacionado comércio de churrascarias na capital”<sup>230</sup>, e o jornal *O Dia* ao apresentar a vida social da cidade, vai caracterizar algumas, que seriam pontos de encontro comum da população, e espalhadas pelos quatro cantos da cidade. São citadas a Churrascaria Ponte, a Beira Rio, a Churrascaria do Gaúcho, a Verdecap, a Paulista, a Savage, a Churrascaria Oasis e a Churrascaria Avenida<sup>231</sup>, essa última na Avenida Frei Serafim, e presente na nossa cartografia pelo centro.

A Churrascaria Avenida era um local sofisticado, de destaque dentre as outras, bem localizado, no coração da cidade, onde funcionou até o início da década de 1970 a Boate Vagalume, era ponto de encontro da sociedade teresinense, o que pode ser revelado pela presença constante dos eventos que lá aconteciam nas páginas dos jornais e na coluna social da jornalista Elvira Raulino, o que sugere um certo destaque e uma distinção. A Coluna da Elvira foi a fonte principal para cartografarmos a Avenida como espaço de lazer, durante um período a jornalista assumiu a direção da casa, o que tornou mais constante as citações sobre a churrascaria na coluna social.

Pelas notícias que circulavam e que nos dão indícios sobre a casa, podemos tentar significar a churrascaria Avenida pela busca de atrair ou mesmo representar o público frequentador de forma mais elitizado, refinado e menos diversificado, comumente vai se usar os termos *grand mond* e *high-society*<sup>232</sup> nas notas da coluna, para se referir a esses frequentadores, dentre eles políticos, muitos empresários e outras autoridades da cidade<sup>233</sup>. Em nota da coluna, a jornalista convida a sociedade para as novidades da casa:

Desde ontem foi reaberta a Churrascaria Avenida, agora sob a direção da redatora deste jornal, toda a campanha foi feita motivada no milagre da ressurreição e no “vestir azul pra sorte não mudar”. A sorte está lançada e tudo vai depender do apoio da sociedade. Com relação a casa, está perfeitamente limpa, organizada, com excelente cardápio e terá um movimentado roteiro de promoções. A boate deixou de existir para dar lugar a um salão de danças para ninguém botar defeito. O

<sup>230</sup> FLASH. Teresina, *O Dia*, 05 de ago. 1973.

<sup>231</sup> TERESINA. Op. Cit. P. 4.

<sup>232</sup> Termos em francês que ganharam o Brasil no século XIX e geralmente usados para se referir a pessoas que ganhavam destaque dentro sociedade, esses termos passaram a ser usados nas notas e colunas de jornais quando queria destacar e dar status social a certo grupo ou individuo. EMERIM. Carlida. *Colonismo Social e discurso: para quem e com quem a sociedade fala*. VII Encontro Nacional de História da Mídia. 19 a 21 de agosto de 2009. Fortaleza-Ce. Anais de Evento.

<sup>233</sup> PONTO a ponto. Teresina, *O Dia*, 08 de mar de 1973.

som é da pesada, bem ao gosto do ‘velhos’ e dos ‘jovens’. De parabéns a sociedade por ter agora mais uma opção<sup>234</sup>.

Nos circuitos que são promovidos ao lazer, há também características que definem públicos, locais e ambientes a serem frequentados ou não, espaços que são limitados, distintos a certos grupos, sejam elas distinções políticas, ideológicas ou econômicas<sup>235</sup>. Seria possível afirmar que a Churrascaria Avenida era uma casa de lazer na cidade que mantinha um padrão de freguesia com um poder aquisitivo mais elevado da capital, seja jovens ou velhos, como afirma no trecho citado acima, dispostos a pagar o preço dos serviços oferecidos e aproveitar as apresentações nacionais que marcaram presença na casa na época, como a cantora Elke Maravilha que veio animar o carnaval de 1975<sup>236</sup>, ou Eliana Pitman, e os artistas locais que estavam sempre presentes: Lena Rios<sup>237</sup>, Eddie Mandarin e Banda, Pedro Veras, Renato Piau, e tantos outros.

Na nossa cartografia, a Avenida pode ser vista como um espaço de distinção, na definição de Pierre Bourdieu a distinção partiria como certos grupos se colocam e como sua maneira de usar e selecionar determinados bens acabam por produzir um modo de diferenciação entre os mais variados grupos, e as práticas sociais movidas a partir do consumo material e do consumo simbólico por esses grupos é que fortaleceria as distinções sociais<sup>238</sup>. Na Coluna da Elvira outros lugares de vida noturna apareciam dessa mesma maneira, nos dando indícios de outras opções de lazer que se distinguiam pela frequência e sofisticação buscado pelo espaço, como o Restaurante Carnaúba, na Rua Treze de Maio, ao lado do Teatro 4 de Setembro bem na Praça Pedro II.

O Restaurante Carnaúba, ou Carnaubinha, como ficou reconhecido entre alguns frequentadores, um deles o poeta e escritor H. Dobal<sup>239</sup>, que dedicou parte da memória de seu roteiro sentimental por Teresina ao restaurante, ficava na lateral do teatro. Era um lugar de decoração rústica, construído com tranças de carnaúba, e que buscou se apresentar desde a sua inauguração com um conceito inovador, primando entre o estilo

<sup>234</sup> INAUGURADA a nova Avenida. Jornal da Elvira, suplemento do jornal *O Dia*, Teresina, 18/19 novembro de 1973.

<sup>235</sup> BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para a reflexão sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2009.

<sup>236</sup> CARNAVAL com Elke Maravilha. Teresina, *O Dia*, 07 fev. 1975.

<sup>237</sup> BARRADINHA em Teresina. Teresina, *O Dia*, 15 fev. 1973.

<sup>238</sup> BOURDIEU. Op.cit.

<sup>239</sup> DOBAL, H. *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*. Prosa reunida. Teresina, Plug, 2007.

rústico das características regionais e o requintado, visto nos serviços oferecidos, na culinária internacional, no menu de bebidas e na sofisticação do ambiente<sup>240</sup>.

De propriedade do argentino Osvaldo Fassi<sup>241</sup>, o Restaurante foi inaugurado em 1952, fazendo parte do roteiro de comemorações do centenário de Teresina, e desde esse início foi tido como um lugar moderno, diferenciado, e que se somaria as opções de lazer durante os fins de tarde e as noites do teresinense<sup>242</sup>. O cardápio internacional se mostrava como o diferencial da casa, bem destacado nos anúncios dos jornais, assim como a localização, no coração da cidade, na Praça Pedro II, que nesse momento, como vimos, era a referência de espaço de lazer, de circulação, de encontros e onde sempre se tinha alguma novidade.

Sobre as características do restaurante, o poeta H. Dobal buscou defini-lo na época de sua inauguração como “uma cousa que de longe parece uma *log-cabin* americana, mas de perto se revela uma mistura excelente de gêneros: buate, restaurante, café-concerto, sorveteria”<sup>243</sup>. Essas várias maneiras de ser reconhecido que são apresentadas pelo poeta também podem indicar nessa pesquisa maneiras de reconhecimento por parte da população com o espaço, mostrando que a casa possivelmente se apresentava para cada frequentador das formas que o poeta a definiu, no sentido como cada um a buscava: seja para um café, para um sorvete, como uma boate ou como um restaurante de culinária diferenciada. Assim, a diversão e o entretenimento estariam garantidos, seja pelo jeito com que a casa se ofertasse.

“Formando um conjunto simpático e como nunca houve na cidade”<sup>244</sup>, o Restaurante Carnaúba desde que foi inaugurado também se distinguia em alguns aspectos, notavelmente não se apresentou como um lugar popular, era uma opção de lazer para poucos, pelos anúncios nos jornais o menu internacional, os preços de seus serviços e a sofisticação do espaço requeria um público com um poder aquisitivo mais elevado, o que incluía políticos, empresários, pessoas de destaque na capital, e outras figuras que constantemente eram citadas nas colunas sociais.

---

<sup>240</sup> MATOS, Matias Augusto de Oliveira. *Pelas quebradas, várzeas e chapadas: uma viagem gastronômica pelo Piauí*. Teresina: Alínea Publicações, 2004.

<sup>241</sup> O argentino Osvaldo Fassi, foi o dono e chef de cozinha do Restaurante Carnaúba, além disso dirigiu o Restaurante Sagaró, arrendou no final da década o restaurante do Centro de Convenções, e segundo Matias Matos, foi o pioneiro em prestar um completo serviço de banquetes em residências, incluindo pessoal, serviços de prataria, louça e talheres e naturalmente as refeições, sobremesas e bebidas. In: MATOS, Matias Augusto de Oliveira. *Pelas quebradas, várzeas e chapadas: uma viagem gastronômica pelo Piauí*. Teresina: Alínea Publicações, 2004.

<sup>242</sup> Ibid.

<sup>243</sup> DOBAL, H. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina.

<sup>244</sup> DOBAL, H. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina.

Uma nota da coluna da Elvira na época dizia que “estava muito movimentado o Carnaúba esse fim de semana, a presença de políticos e da nata da sociedade se fez em peso”<sup>245</sup>, outra nota anunciava que “o carnaval do Carnaúba vai primar pelo requinte esse ano”<sup>246</sup>, e mais ainda “o Restaurante Carnaúba está com novidades na sua cozinha internacional, não deixem de conferir”<sup>247</sup>. Essas pequenas notas nos dão mais referências sobre o Restaurante, a maneira como ele é representado nesses finais de 1960, vinculando a casa a um entretenimento mais sofisticado, evidenciando a frequência que lá se reuniam, políticos, sociáveis, possivelmente encontros que rendiam muitos planos e trocas de ideias, e que eram regadas as bebidas da moderna cozinha internacional do lugar.

As características sobre o Carnaúba podem vir em contraposição ao Teatro 4 de Setembro, ao Cinema Rex e a Praça Pedro II, que, alinhados pela proximidade, formavam um corredor de lazer do teresinense pelo centro durante a década de 1970. Diferente do Carnaúba, esses podem ser vistos como territórios de lazer mais populares, no sentido de se apresentarem e permitir uma frequência mais variada, assim cada ambiente desse pode ser reconhecido como um território, segundo Magnani<sup>248</sup>, um território são enxergados por relações sociais em um espaço concreto, mais de um território pode dividir uma espaço contíguo, mas funcionar por dinâmicas próprias, a partir de identificações ou reconhecimentos, territórios convivem, certas vezes se sobrepõem, se desterritorializam e as vezes se misturam<sup>249</sup>.

No início dos anos de 1970, os projetos de revitalização do centro da cidade, de logradouros e prédios públicos como vimos no capítulo anterior, promovem a demolição do Carnaúba em 1972, fazendo parte da reforma do Teatro 4 de Setembro, e no lugar do Restaurante foi edificado uma galeria junto ao teatro. Tais reformas também se aplicaram as praças da cidade, como a Praça Pedro II. Para Fonseca Neto, a praça que foi modificada em seu *layout* também modificou certas maneiras de usufruir o espaço, alterando um pouco as formas de sociabilidade do teresinense médio por esse espaço do centro<sup>250</sup>. O Carnaúba, naquele ano de 1972, torna-se, portanto um lugar de memória

---

<sup>245</sup> PONTO a ponto. Teresina, *O Dia*, 22 de mar. 1969.

<sup>246</sup> \_\_\_\_\_. Teresina, *O Dia*, 12 fev. 1969.

<sup>247</sup> \_\_\_\_\_. Teresina, *O Dia*, 06 jun. 1969.

<sup>248</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1984. P. 137.

<sup>249</sup> Ibid.

<sup>250</sup> FONSECA NETO, Antônio dos Santos. *Teresina 70: café da manhã com cuscuz ideal, picolé amazonas à tarde*. *O Dia*. Encarte Comemorativo aos 150 Anos de Teresina. Teresina, p. 205.

naquele espaço do centro, servindo nos inícios dos anos de 1970 ainda como lugar de sociabilidades e lazer de frações da população teresinense<sup>251</sup>.

Os espaços de lazer noturnos também podem funcionar como marcadores identitários. Semelhante ao processo de distinção proposto por Bourdieu, onde a ocupação de certos lugares criariam marcações simbólicas e promoveriam algumas representações, Nestor Perlongher vai dizer que partindo da escolha por determinado local, os indivíduos estariam concordando a participar da realidade que ali ocorre, estando dispostos a serem identificados pelo discurso de terceiros como pertencentes àquele local, ao jogo e as dinâmicas que possam ali ser desenvolvidas<sup>252</sup>.

No entanto, o autor atenta também para a fragilidade com que essas identidades podem ser moldadas a partir da ocupação de espaços, citando que o indivíduo da modernidade tende a pertencer a mais de um grupo e a ocupar mais de um espaço, o autor afirma com isso que identidades devem ser vistas no plural e que determiná-las pelo uso de certos lugares seria frágil<sup>253</sup>, o mais interessante seria perceber isso como uma representação e buscar ver quais os discursos de instituições ou de grupos que criam essas representações<sup>254</sup>.

No nosso circuito, passando pela Avenida Frei Serafim, o Bar Gellatti pode ser lido a partir desses conceitos, um lugar de sociabilidade noturna que marcou um tempo, criou certas representações, que é lembrado e que talvez possa ser reconhecido por certas características identitárias: um espaço da contracultura do momento, de jovens engajados politicamente, ou de práticas consideradas transgressoras?

O Gellatti, que levava esse nome devido a um sorvete que era distribuído em Teresina durante os anos de 1970, foi um espaço reconhecido por alguns pela frequência da juventude teresinense, aberto aos finais de tarde, entrando na noite, com um cardápio

---

<sup>251</sup> Ao sair do lado do Teatro o Argentino Osvaldo Fassi monta o Carnaúba na Avenida João XXIII com as mesmas intenções do primeiro, no entanto o restaurante durou pouco tempo. E foi em homenagem a ao velho Carnaúba que Milton Borges Sampaio já falecido, um frequentador e admirador, fundou em 1990, o Restaurante Carnaúba, localizado desde sempre na Avenida Jockey Club. O atual administrador é seu filho Hemiliano Sousa Sampaio. O Carnaúba do Jockey surgiu já com a estrutura semelhante ao do outro Carnaúba, com as paredes de troncos da planta, os troncos, com o tempo apodreceram, “20 anos depois, agora em estrutura firme, porém com a organização peculiarmente familiar, o Carnaúba permanece com a mesma proposta, o seu forte: a tradição das comidas regionais”. FEITOSA, Lia Monielli Costa. *Bastardos Comensais: alimentação e modernidade em Teresina na década de 1970*. Monografia. Universidade Estadual do Piauí. Teresina. 2012.

<sup>252</sup> PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>253</sup> Ibid.

<sup>254</sup> Cf: WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução conceitual e teórica*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença* (Org.). Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2014.

de bebidas e comidas onde se destacava “o famoso frito de tripa”<sup>255</sup>, muito apreciado com uma cerveja gelada<sup>256</sup>, o bar era frequentado por estudantes da UFPI, alguns ligados ao movimento estudantil, por jovens de classe média teresinense<sup>257</sup> ligados a artes e por interessados em curtir o espaço nos finais de tarde e a noite.

O espaço era usado para trocar idéias, promover encontros, paqueras, ouvir e comentar as músicas dos artistas que despontavam no período, e de algum modo se manifestar, de forma consensual ou por táticas microbianas, ao descontentamento do momento, a discussão que aparecesse e ganhasse a mesa do bar<sup>258</sup>.

Era um bar simples, nada sofisticado, como muitos dos bares em Teresina nessa época tinham essa característica, como apontou nossa pesquisa. O bar apareceu como espaço significativo nessa década de 1970 a partir dos relatos de memória levantados por frequentadores do local, por uma literatura já produzida sobre o espaço e por servir como cenário de alguns filmes em super-8, tipos de filmes não comerciais, que foram escritos, dirigidos e produzidos por grupos de jovens da época em Teresina<sup>259</sup>.

Localizado na Avenida Frei Serafim, próximo ao cruzamento com a Coelho de Rezende, as pesquisas mostram que o bar funcionou como opção de lazer nesse local durante a primeira metade da década de 1970, não sendo possível identificar o início e nem o final de funcionamento da casa. Durvalino Couto, poeta, escritor e jornalista teresinense, e frequentador do bar, cita que O Gelatti “era um ponto de encontro da contracultura, da cultura alternativa e dos malucos de todas as tribos”<sup>260</sup>.

Era um bar típico em suas características físicas, quase comum, a dinâmica de frequência e das movimentações do bar, o modo como ele passou a ser usado é que o fez ser significado e traduzido em memórias, depoimentos e outras produções,

<sup>255</sup> COUTO FILHO, Durvalino. *Depoimento* concedido a Francisco José Leandro Araújo de Castro em 11 de maio de 2011. In: SILVA, Paulo Ricardo Muniz. *Cajuína e coca-cola: identidades e estéticas juvenis em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

<sup>256</sup> OLIVEIRA, Edmar. *Le Chat Que Rit. Boquitas Rouge*, Teresina, p. 03, 1973.

<sup>257</sup> BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. *Táticas caminantes: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade*. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, São Paulo Jan/Jun., 2007.

<sup>258</sup> Ibid.

<sup>259</sup> Alguns filmes em super-8 foram produzidos por jovens da capital do Piauí nos anos de 1960 e 1970, o autor Paulo Henrique Vilhena Filho vem qualificá-los como a “Geração Torquato Neto”, uma vez que demonstra a influência do poeta tropicalista em muitos dos jovens contemporâneos a ele, influência esta que é vista para muito além das idéias constantes nos filmes, como na participação do poeta na gravação dos filmes mesmo. In: SILVA, Paulo Ricardo Muniz. *Cajuína e coca-cola: identidades e estéticas juvenis em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

<sup>260</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. Jan. 2012. In: MEDEIROS, Hermano Carvalho. *Acordes na cidade: Teresina e música popular nos anos 80*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2013.



indicando a importância desse espaço para uma juventude que promovia significativas manifestações culturais na cidade no período, jovens escritores, músicos, cineastas, engajados na produção de filmes e na formação de uma imprensa alternativa na cidade<sup>261</sup>.

Tendo como fonte o jornal o Gramma<sup>262</sup>, que foi produzido por um desses grupos que não só frequentaram, mas praticaram<sup>263</sup> na definição de Certeau, o bar, na época, no jornal o Gellatti vai aparecer sendo referência em várias notas publicadas, em textos curtos, em crônicas e em alguns contos. Esses textos evidenciam como o bar fazia parte tanto do cenário da cidade de Teresina como um espaço de lazer e sociabilidades<sup>264</sup>, também revela a identificação por parte dessa juventude com o espaço, usando-o e praticando-o tanto na forma material, como simbólica. Sobre o bar, Frederico Ozanan Lima<sup>265</sup> vai caracterizá-lo da seguinte forma:

Do lado de fora, na parte superior, uma placa da *coca-cola*. Algumas mesas e cadeiras preenchem o espaço exterior. Dentro, um balcão espreita mesas e cadeiras desarrumadas. Com letras vermelhas, escrito em cima da porta lateral, a expressão *Gelatti* denuncia o nome daquele lugar. Era um lugar que pulsava em significados na década de 70 em Teresina. Espaço de convergência de parte da juventude dessa década, o *Gelatti* é o típico “lugar que se completa pela fala, [pela] troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores. Frequentado por jovens do movimento contracultural piauiense, o bar era ponto de encontro nos fins de tarde de homens e mulheres que tramavam a sua atuação na literatura, nos jornais, no cinema, nas artes plásticas e no teatro na cidade de Teresina<sup>266</sup>”.

---

<sup>261</sup> Tais apropriações do espaço se mostram, quando no lançamento da edição de número 1 do jornal *Gramma*, a pista da Avenida Frei Serafim do lado onde se encontra o Bar foi fechada e ali foi feito o lançamento, com shows de artistas locais. COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009.

<sup>262</sup> Esses jornais foram produzidos por um mesmo grupo – Grupo Gramma- e focalizavam assuntos como música, cinema, literatura e quadrinhos, tratando principalmente sobre temas próximos de suas vivências habituais como a cidade, a universidade, e as “transas” cotidianas, com destaque especial à entrevistas e à produção literária, sobretudo poética. In: BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventude em Transito: práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. 2015. f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

<sup>263</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*, 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996. P. 176.

<sup>264</sup> Além do Gellatti, outros espaços, como as praças da capital, Praça da Liberdade, Pedro II os clubes, Clube do River, Clube do Flamengo eram citados nesses jornais como fazendo também da parte da vivência de lazer dessa juventude da época na cidade.

<sup>265</sup> LIMA, Frederico Ozanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina, 2007.

<sup>266</sup> LIMA. Op. Cit. p. 78.

Pelo trecho citado, fica mais evidente que o consumo do espaço era preferido pela juventude, sendo inclusive escolhido como cenário de filmes produzidos por esses jovens, mas não podendo afirmar que se limitava somente a este grupo, a esta juventude, mas que provavelmente em sua maioria se reconheciam pela linguagem em comum promovida no espaço, pelos gostos, pelos códigos próprios dessa juventude, que pode ser identificada durante a década de 1970 segundo Laura Brandão<sup>267</sup>, propriamente pelo consumo, tanto de lugares como de produtos e artigos do período, filmes, livros, artigos de artes e a música.

Durvalino Couto rememora que a radiola do Gellatti era ponto dos lançamentos da época, em depoimento ele cita nomes como Gal Costa, Caetano, Jorge Ben, e outros artistas, cujos discos eram presença constante na radiola do bar<sup>268</sup>, revelando mais uma vez o que era consumido e caracterizado sobre o Gellatti.

Frequentado por homens e mulheres, podemos incluir o Gellatti na nossa cartografia pelos espaços de lazer no centro durante a década de 1970 enxergando esses significados sobre ele, dizendo que o bar carregava algo de identitário por parte da juventude teresinense, principalmente a que se envolviam em movimentos denominados de contracultura<sup>269</sup>, que tiveram no bar um espaço de manifestação de seus desejos, de sensibilidades, revelando mais um modo de divertimento da população na cidade durante esses anos.

Os bares de Teresina, na nossa cartografia, são os lugares de memória mais representativos no lazer da população, havia uma contingência de bares espalhados pelo centro da cidade e pelas áreas que margeiam o centro, que criavam naturalmente uma relação-aproximação, bares que funcionavam dia e noite, bares populares, bares cujo público cativo eram universitários, bares de má reputação, etc. Alguns reconhecidos levavam o nome do dono do estabelecimento, como o Bar do Leôncio no bairro Marquês, o Bar da Dona Dezinha na Praça da Liberdade, o Bar do Araújo na Praça do

---

<sup>267</sup> BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventude em Transito: práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. 2015. f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

<sup>268</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. Janeiro 2012. In: MEDEIROS, Hermano Carvalho. *Acordes na cidade: Teresina e música popular nos anos 80*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2013.

<sup>269</sup> Movimentos que apareceram na década de 1960 para questionar os padrões difundidos pelos discursos de poder que limitavam o indivíduo, esses movimentos pregavam uma mudança das políticas relacionados ao corpo, ao sexo, as relações e aos comportamentos, e se difundiu na produção de modismos, na linguagem, na escrita, na produção musical e outros setores. Cf.: PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura?*. Ed. Brasiliense. 8º ed. RJ.1992.

Liceu, Bar do Paulo na Pedro II e o Bar da Loura no baixo da Paissandu<sup>270</sup>. Outros preferiam serem denominados por um nome que sugerissem características sobre eles, como o Roda Viva na Avenida João XXIII, o Amarelinho no Marquês e o Bar da Encruzilhada<sup>271</sup> entre as ruas Vinte e Quatro de Janeiro e Olavo Bilac.

Haviam distinções entre esses bares naturalmente, a frequência muitas vezes os definiam, os que funcionavam durante o dia e durante a noite, ou os que funcionavam intermitentes, quem consumia o bar durante o dia, do horário do trabalho, corrido, ganhavam uma dimensão diferente do que os que o utilizavam somente durante a noite.

Daniel Lins aponta que o bar é um lugar que não se oferece facilmente a leitura, segundo ele por ser um espaço multirrepresentativo, pois nele se encontra o mundo na mistura de temas apresentados, na diversidade de indivíduos, na presença do álcool, do jogo, servindo como um lugar de dispersão de desejos e de catarse de sentimentos<sup>272</sup>, o bar acaba por se tornar uma memória material. Assim, ele vai apresentar uma gama de possibilidades de representações que se fazem do bar:

O bar, embora tenha tantas vezes mudado de nome, segundo as épocas – adega, bar, baiuca, bodega, boieira, boteco, buteco, botequim, locanda, tasca, tasco, taverna, tenda, boteco-copo-sujo, pé-sujo, - sempre teve como razão principal de existir, entre outras: encontrar os amigos, fazer novas amizades, acalmar, saciar, matar a sede, ficar a par do que acontece na vila, na cidade, no país, estancar as lágrimas, amenizar a dor de corno, a dor de cotovelo, chorar o amor perdido e confessar em público, sem dizimo nem indulgências, compradas a preço de ouro, seu abandono, seu dilaceramento<sup>273</sup>.

O autor apresenta certas sensibilidades como formação constituinte do ambiente do bar, o chorar, o confessar, o saciar, seriam formas sensíveis que podem ser reconhecidas de formas individuais ou coletivas<sup>274</sup> no espaço ocupado do bar. Práticas despertadas por sensações, desejos, que devem ser reconhecidas como parte do vivido, no cotidiano, na cidade e que se torna memória que ganha materialidade quando historicizada e contada<sup>275</sup>.

---

<sup>270</sup> SANTOS, Deusdeth Nunes dos. Rádio calçada. Teresina: Editora Júnior, 1995, p. 13.

<sup>271</sup> Ibid.

<sup>272</sup> LINS, Daniel. *O Último copo*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2013. P. 42

<sup>273</sup> Ibid. p. 43

<sup>274</sup> PESAVENTO, Sandra. Pensar com o sentimento, sentir com a mente. In: RAMOS, Alcides. MATOS, Maria Izilda Santos. PATRIOTA, Rosângela. *Olhares sobre a História*. Hucitec, São Paulo, 2010.

<sup>275</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista*: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP, Edusc, 2007. P. 37.

Na década de 1970 havia espaços que promoviam regularmente apresentações musicais na cidade, shows de artistas ao vivo que faziam parte da programação de alguns bares, espaços de sociabilidades que eram mediados pelas sensibilidades no consumo musical. Como no Roda Viva, um bar e boate que existiu na segunda metade da década de 1970 até boa parte dos anos de 1980<sup>276</sup>, um espaço que ficou marcado pela produção de vários shows de artistas de destaque localmente. Estando localizado às margens do nosso circuito cartografado do centro, o Roda Viva ficava na Avenida João XXIII, em frente a rotatória que fazia ligação à Avenida Kennedy e a rodovia PI-112, bem na zona leste da cidade, que nesse momento passava por um processo ainda de urbanização.

O nome do bar pode indicar referência tanto à rotatória ou como referência musical à canção *Roda Viva*<sup>277</sup> de Chico Buarque, que levava o mesmo nome do bar. O cantor piauiense Geraldo Brito ao compor um cenário musical de Teresina nos anos de 1970 faz citação ao Roda Viva, como um palco importante de apresentações de artistas locais como Rosinha Lobo, Renato Piau, Lázaro do Piauí e ele próprio.<sup>278</sup>

Como o Roda Viva, A churrascaria Beira Rio<sup>279</sup>, na Avenida Maranhão, a Churrascaria Avenida, O Bar do Perninha na Coelho de Rezende<sup>280</sup>, e os clubes da cidade, como o Clube do River e o Clube do Flamengo complementavam parte da paisagem sonora da cidade, como espaços de lazer que também buscavam incrementar apresentações musicais no seu cardápio, e o repertório ofertado variavam conforme o público frequentador<sup>281</sup>, passando pela produção autoral, ou pela reprodução de músicas de artistas do momento, tomadas pelas informações musicais que chegavam dos grandes

---

<sup>276</sup> CARVALHO FILHO. Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

<sup>277</sup> *Roda viva*. Letra e música: Chico Buarque de Holanda. Álbum: Chico Buarque de Holanda –vol. 3. 1967.

<sup>278</sup> BRITO. Geraldo. *Musica no Piauí nos anos 70*. Cadernos de Teresina. Dezembro 94. P. 59.

<sup>279</sup> BEIRA RIO hoje estréia primeiro show de boate do Piauí. Teresina, O Dia, 12 jun. 1972.

<sup>280</sup> Em 1975, o Show Piau, produzido por Arnaldo Albuquerque e José Machado, que continha músicas autorais e intervenções poéticas permaneceu durante uma longa temporada na cidade, primeiro no Bar do Perninha, no bairro Marquês, depois foi apresentado no auditório Herbert Parentes Fortes, e de lá para o Teatro 4 de setembro, com a sua reinauguração, em março de 1975, mostrando com isso a cidade com vários espaços abertos a apresentações e de referências musicais. In: BRITO. Geraldo. *Musica no Piauí nos anos 70*. Cadernos de Teresina. Dezembro 94. P. 61.

<sup>281</sup> Nos clubes da cidade, como o River e o Clube do Flamengo, a frequência era da elite teresinense, quando havia as badaladas tertúlias, festas com predominância do rock'n roll e a Jovem Guarda, o público era cativo de jovens, já nos bingos e bailes de casais o público alvo eram os de mais idade, e contavam sempre com artistas como Eddie Mandarino e Banda e os Brasinhas pra fazer o som. Cf. COSTA, Fernando Muratori. *Seu gosto na berlinda: Um estudo sobre a produção e o consumo musicais nos anos 1970*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012

centros à Teresina<sup>282</sup>. A nossa cartografia analisou os sentidos sobre esses bares, mostrando as maneiras de apresentá-los como os bares musicais na cidade.

O Teatro 4 de Setembro pode ser destacada como a principal casa de diversão que abrigava as apresentações musicais de artistas nacionais durante boa parte da década de 1970, o teatro chegou a receber nesse período nomes como Luiz Melodia, Alceu Valença, Maria Alcina, Ney Matogrosso<sup>283</sup>, dentre outros artistas nacionais. Foi somente no final da década, quando foi inaugurado o Ginásio Dirceu Mendes Arcoverde, o “Verdão”, na Rua João Cabral, também no centro, que o teatro diminuiu e e o Verdão passa a receber os shows importantes que incluíam Teresina nos seus circuitos<sup>284</sup>.

Passando próximo ao centro, no bairro Marquês ficava o bar Amarelinho, no cruzamento da Avenida Miguel Rosa com a Coelho de Resende. O Amarelinho foi um bar que funcionou na cidade até 1977, de frequência bastante diversificada, incluía pessoas do bairro, trabalhadores da região, assim como atores, poetas, pintores, a classe artística da cidade, e pessoas com ou sem muito dinheiro<sup>285</sup>. O bar ganhou repercussão pelas páginas dos jornais no ano de 1977 por ser o último lugar por onde passou o carteiro Helzano Ferreira de Sá, sendo assassinado logo depois nas proximidades do local no dia 07 de maio do mesmo ano.

Uma notoriedade que fez tanto os meios públicos como a população nutrirem curiosidade sobre o espaço e a criar considerações e opiniões sobre ele, sobre as práticas que ali se davam, e os sujeitos que por ali passavam. Hélio Secretário dos Santos<sup>286</sup> na sua dissertação de mestrado intitulada *A Morte do Carteiro e Outras Histórias*, reconstrói as representações que se faziam sobre o Amarelinho durante a sua existência na década de 1970 e tenta compreender: seria o Amarelinho um lugar de sociabilidade homossexual na capital? Ací Campelo em entrevista ao autor afirma que o bar era reconhecido por esse nome pela cor destacada em amarelo de suas paredes, e dentro do bar várias cores que formavam uma decoração psicodélica, segundo ele o Amarelinho

---

<sup>282</sup> MEDEIROS. Hermano Carvalho. *Acordes na cidade: Teresina e música popular nos anos 80*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2013.

<sup>283</sup> Em entrevista a publicação nacional *Lampião da Esquina*, Ney Matogrosso fala sobre a série de três shows que havia feito em Teresina no Teatro 4 de Setembro no ano de 1979, revelando como a casa estava em lotação nos três dias e o público amistoso. NEY Matogrosso sem bandeira. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição dezembro de 79.

<sup>284</sup> MEDEIROS. Op. Cit.

<sup>285</sup> SANTOS. Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2013.

<sup>286</sup> Ibid.

“não era um bar igual aos outros, não apenas pela decoração, mas também pelos clientes que ali se encontravam”<sup>287</sup>.

Diante de tais colocações podemos perceber que a década de 1970 foi um parâmetro para a reestruturação de certos modos de compreensão das identidades, visto como algo fixo e imutável e condicionado por práticas seculares, passa para a tentativa de diluição de tudo que fosse determinante sobre ela, as relações, o sexo, a condição homem e mulher e o papel social do indivíduo como corpo político<sup>288</sup>. Termos como androginismo, o movimento gay, desbunde, começam a circular em jornais e ganha o mundo, apresentando figuras como David Bowie, o grupo Secos e Molhados<sup>289</sup> com Ney Matogrosso a frente, o grupo artístico formado por homens transformistas Dzi Croquettes<sup>290</sup>, os hippies e seus cabelos grandes, figuras que tomavam o cenário nacional, promoviam rupturas de comportamentos e questionavam a sexualidade de uma sociedade que pensava por condições binárias.

Lucy Dias<sup>291</sup> enxerga essas práticas como revoluções comportamentais que se tornaram revoluções sociais a medida que ganharam espaços, nas ruas da cidade, nas praticas culturais, criando territórios pra si, formando lugares baseados nas características e anseios em comum, no desejo e na busca por liberdades, dentro de um regime de Ditadura onde a vigília e a repressão eram constantes.

E a repressão era uma realidade para muitos, e vinha de todos as maneiras. Ací Campelo relembra a produção de um espetáculo em 1978 no Teatro 4 de Setembro, onde havia uma personagem na peça que era um travesti, por esse motivo o Departamento de Ordem da Policia Federal ordenou a retirada do personagem da peça<sup>292</sup>. Ou outro episódio, quando em 1975 foi apresentada no Teatro a peça nacional

<sup>287</sup> Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010.

<sup>288</sup> DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003.

<sup>289</sup> Foi um grupo vocal brasileiro formado por Ney Matogrosso, João Ricardo e Gerson Conrad que estreou na cena musical em 1973, com apresentações ousadas, figurinos extravagantes e uma maquiagem forte, para frações da população da época o grupo celebrava o desbunde, a ambiguidade sexual e a androginia. CF: SILVA, Robson Pereira. *A Contracultura no Brasil: Secos & Molhados e a indústria cultural na década de 1970*. VI Simpósio Nacional de História Cultural. UFPI – Teresina Piauí. Anais do evento.

<sup>290</sup> Grupo de teatro e dança brasileiro, que atuou de 1972 a 1976, inspirados em bloco de carnaval, os espetáculos formados somente por homens travestidos e maquiados de forma extravagante. A androginia pregada pelo grupo fez o Serviço de Censura e Diversões Públicas do Regime censurar várias apresentações, exilados fora do país, o grupo se tornou um sucesso na Europa em países como França e Itália. Brincando com gêneros e com as sexualidades, o grupo foi vanguarda nos movimentos de teatro no Brasil da época. *Dzi Croquettes*. Documentário. Dir: Tatiana Issa e Rafael Alvarez. 1h 50min. 2009.

<sup>291</sup> DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. Senac, São Paulo, 2003.

<sup>292</sup> CAMPELO, Ací. *O novo perfil do teatro piauiense (1950-1990)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

“Greta Garbo, quem diária acabou no Irajá” um monólogo encenado pelo ator Raul Cortez, no jornal da época uma crônica foi noticiada em forma de repúdio ao ator que interpretava uma personagem homossexual da peça:

Oh! 4 de setembro tu que abrigaste em tardes quentes a garotada, amalucada, desbundada, mas nunca desmunhecada, agora a quem abrigas? Oh! 4 de Setembro tu! Tu que abrigas em noites frescas a bixarada deslumbrada, rebolada e sempre desmunhecada Por que? Vamos responde. Quem “te passou na cara” pra ficares assim no mundo? Foi o teu amigo Rex ou Foi o Cine São Raimundo? Oh! 4 de setembro Se o Alberto soubesse Que tu ia ficar tão sapeca Que não viriam as estrelas Mas uma Greta Garbo careca te deixaria como estava quebrado e “levado da breca” Oh! 4 de setembro tudo posso te perdoar nesta minha última estrofe Mas não posso admitir Chamar o Rex e bofe<sup>293</sup>.

O texto satiriza características que fazem referências aos homossexuais, a determinadas linguagens próprias de uma visão do momento sobre esse grupo, de modo a criticar a apresentação do espetáculo. Pela posição divulgada no jornal, não é bem visto a ocupação que se fazia do teatro, e do tipo de público que o teatro abrigava durante as noites. Tais reações ou repressões semelhantes a homossexuais como essa, ocorriam no mundo inteiro, em São Paulo e Rio de Janeiro haviam fortes repressões policiais. Em São Paulo existia uma cruzada armada, segundo Celso Cury<sup>294</sup>, do conhecido Delegado José Wilson Richette, que era considerado o temor dos homossexuais, organizando rondas, prisões e fechamentos de lugares de sociabilidades gays na cidade de São Paulo<sup>295</sup>, o que gerou uma grande repercussão durante o ano de 1979.

No entanto o caráter da formação de espaços de lazer e sociabilidades homossexuais da década de 1970, mesmo perante certas repressões, segundo o autor James Green, parte como resistência, na criação de territórios importantes de subjetividades e de práticas subjetivas que faziam parte das transformações culturais importantes que aconteciam no mundo naquele momento<sup>296</sup>. Green vai cartografar um grande número de espaços de sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo

<sup>293</sup> OH! 4 de setembro. *Jornal Dia*, Teresina. 21/22 set. 1975.

<sup>294</sup> ESQUADRÃO mata bicha. Rio de Janeiro, *Lampião da Esquina*. Janeiro de 1979. P. 3

<sup>295</sup> Ibid.

<sup>296</sup> Green pontua a idéia de minorias aos grupos que passaram a reivindicar mais fortemente seus direitos civis perante a sociedade a partir desse momento, numa conjuntura propícia a repercussão de novas identidades, lutas como as do movimento negro, discussão de problemas indígenas, e a descriminalização e reconhecimento do homossexual vão ser as pautas mais marcantes quando se fala na década de 1970. GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Unesp.2000.

criados nesse sentido, lugares como a Boate Medieval, Nostro Mondo, Ferranucci, Men's Club, Galeria Alaska, o Jeca, e tantas outras, como lugares frutos desse reconhecimento. Notícias sobre esses lugares que existiam tanto em São Paulo como no Brasil inteiro eram encontradas no jornal *Lampião da Esquina*, que foi considerado o primeiro editorial homossexual que existiu no Brasil, funcionando durante os anos de 1978 a 1981<sup>297</sup>.

Para James Green, o jornal *Lampião da Esquina* foi a primeira publicação a introduzir no Brasil uma discussão real sobre os direitos civis de minorias, tendo como plano principal matérias e discussões sobre homossexuais, os temas se estendiam a discussões sobre negros, mulheres e as sociedades indígenas. Com um sistema de distribuição no Brasil inteiro, o jornal fazia referências as várias cidades brasileiras, a personalidades homossexuais desses lugares e atualizava sobre os lugares de diversão para esse público. No editorial de junho/julho de 1978 o jornal cita a nota intitulada “De Teresina para o mundo” caracterizando um lugar reconhecido na capital do Piauí:

Bar Gaiola das Loucas no baixo meretrício de Teresina, fica na rua João Cabral, na Paissandú. Gaiola instalada num tabique que já foi um grande galpão (café? cacau? bofes?). Freqüentadores assíduos: Vanusa, Eliana Pitman, Regina Duarte. Passatempo: sinuca, pastéis e quibes de zona. Em 1976 a policia tentou moralizar o ambiente, a bicharada se entrincheirou atrás de mesas e cadeiras [...] o bar Gaiola das Loucas existe até hoje, e tem um bloco carnavalesco onde se misturam democraticamente, peões de obra, estudantes, bichas de todas as origens e classes sociais, um fundúncio. Viva o Piauí, com amor, Rafaela Mambaba<sup>298</sup>.

A nota do jornal mostra que na cidade existiam lugares direcionados ao público homossexual, a Gaiola das Loucas, bar que virou bloco de carnaval em Teresina, existente até o início dos anos 90 pode se inserir ao Amarelinho, e ao Bar Sachas, localizado na Avenida José Santos e Silva, também reduto de artistas nos finais da década<sup>299</sup>, como lugares cartografados pela sociabilidade de homossexuais.

---

<sup>297</sup> Fundado em 1978 por Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, João Silvério Trevisan, Peter Fry e por colaboradores frequentes como Celso Cury e Darcy Penteadado, que se dividiam entre Rio de Janeiro e São Paulo na produção do jornal. O tabloide teve um total de 38 números contando com o número zero, e a circulação em todo o Brasil chegou a um número de 15 mil exemplares. FERREIRA, Carlos. *Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina*. Revista Alterjor, Vol. 1, nº 1. 2010.

<sup>298</sup> DE TERESINA para o mundo, Rio de Janeiro, *Lampião da Esquina*, edição junho /julho de 1978, p. 04.

<sup>299</sup> Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010.



Lugares que eram reconhecidos por códigos nesse momento. Enfileirados por uma repressão, podemos perceber que o reconhecimento sobre esses lugares de lazer homossexuais em Teresina, zonas de liberdade para suas práticas iam passando de um para outro, que passava a experiência do reduto e se encontravam de alguma maneira no jogo ali existente<sup>300</sup>. Ací Campelo sugere isso ao dizer que o Amarelinho não era um bar igual aos outros pelos clientes que ali se encontravam, homossexuais ou não, a escolha do espaço por alguns clientes não soavam como coincidência como nos indica Hélio Secretário Santos<sup>301</sup>. O Amarelinho portanto pode ser visto como um lugar praticado, na definição de Certeau<sup>302</sup>, através dos seus usos, que ele passou a ser ocupado e transformado por seus usuários, nas suas praticas e formas de sociabilizar.

Mas assim como o Amarelinho, o Sachas e o Gaiola das Loucas, havia espaços da cidade na década de 1970 caracterizados em discursos por uma tentativa de silenciar, do não falado, não muito revelado, em parte pelas práticas existentes nesses lugares serem consideradas impróprias a uma cidade moderna, urbana, limpa e higienizada. Como na região da Paissandú, emblemático espaço de boemia e outras representações da cidade, que vai revelar a presença de espaços de sociabilidades noturnos recriminados, cerceados pelo controle e pela norma.

Considerada a zona do baixo meretrício, na região haviam vários cabarés, também chamados de bares, bregas, chatêus e pensões que promoviam encontros e relações sexuais. A zona era reconhecida como um corredor de prostituição, no entanto não somente o sexo era vendido naquela região, a sociabilidade no espaço era mantida para alguns como refúgio para jogos, bebidas e com bares que não tinham hora para fechar.

A região da Paissandu, para Bernardo Sá Filho se constituiu como a mais tradicional zona boêmia e de prostituição em Teresina desde os anos de 1930, nessa década a região contava com “cabarés mais estruturados, clientes endinheirados e

---

<sup>300</sup> CARVALHO FILHO. Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

<sup>301</sup> SANTOS. Hélio Secretário dos. A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2013.

<sup>302</sup> Para Michel de Certeau quando ocupado, o lugar é transformado e passa à condição de lugar praticado, como, por exemplo, quando uma rua, geometricamente definida por um projeto urbanístico, é constantemente atualizada e transformada por seus usuários. Segundo o autor “se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, um lugar que é permitido circular) e proibições (um muro que impede prosseguir) o caminhante atualiza algumas delas, fazendo do espaço a sua maneira de uso. CERTEAU, Michel de. *Práticas do espaço. A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 157-197.

mulheres mais desejáveis”<sup>303</sup>, suas ruas adjacentes formavam uma zona, de modo que a palavra Paissandu, segundo ele, passou a significar no imaginário da cidade não somente o nome da rua, mas o de baixo meretrício<sup>304</sup>. Exatamente como ainda se referem os jornais dos anos 70 a toda essa região formada no centro, incluindo os arredores da Praça Saraiva e a Praça da Bandeira<sup>305</sup>.

Diferente da forma como H. Dobal descreveu a Paissandú nos anos de 1950, com seus cabarés e botequins com orquestras ao vivo e toda uma riqueza que remetia a Paris<sup>306</sup>, na década de 1970 a zona experimentava certa decadência, com cabarés a beira da falência, diminuição do público, assim como a ausência do glamour experimentado em outras épocas

Segundo o discurso dos jornais, que pautavam a região por forte presença da criminalidade, “os cabarés da região estariam por fechar por falta de frequência”<sup>307</sup>, o que daria lucro ao local seria a comercialização de bebida, e essa, fruto de cuidado e observação por parte da polícia<sup>308</sup>. Mais de 30 cabarés funcionavam nessa região em 1975<sup>309</sup>, frequentados em sua maioria por boêmios, jogadores e pessoas de baixa renda, esses espaços criavam uma sociabilidade diferente do restante da cidade, principalmente pelo discursos interpelados sobre eles. Margarete Rago vai dizer que esses lugares tendem ao discurso do danoso, pois operam com tudo que a sociedade em suas formas científicas e religiosas considerou durante o longo do tempo como danoso ao homem: o álcool, o jogo e a busca do prazer sem compromisso<sup>310</sup>. No entanto, os bares da região como um lugar fluido, sem barreiras, eram possível que o consumo não fosse definido somente por usuários costumeiros ou como os que eram demonstrados nos discursos.

O crescimento de churrascarias, boates e inferninhos na cidade seriam os responsáveis, segundo matéria do jornal, pela diminuição do público dos cabarés<sup>311</sup>, e com a intensificação do “trottoir” em outras zonas, as sociabilidades no local diminuiriam mais ainda, assim lugares na zona como o Bar da Loura, o Palhoça, o Bar

---

<sup>303</sup> FILHO, Bernardo Pereira de Sá. Cartografias do Prazer: boêmia e prostituição (1930-1970). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 56.

<sup>304</sup> Ibid. p. 56

<sup>305</sup> AQUI os marginais realizam as transas, Teresina, O Dia, 07 dez. 1973.

<sup>306</sup> DOBAL, H. *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*. Prosa reunida. Teresina, Plug, 2007.

<sup>307</sup> PROSTITUIÇÃO: qual a saída. Teresina, O Dia, 14 dez. 1973.

<sup>308</sup> Ibid.

<sup>309</sup> Ibid.

<sup>310</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991. P. 108

<sup>311</sup> PROSTITUIÇÃO: qual a saída. Teresina, O Dia, 14 dez. 1973.

do Campelo<sup>312</sup>, e tantos outros contavam como opção de público os boêmios, alcoólatras, curiosos, e aqueles que acreditavam que a diversão da noite não podia acabar, estando sempre a procura de um lugar aberto para satisfazer seus desejos. Ací Campelo, como um dos clientes da noite, nesse sentido vai dizer que durante essa época “bebia toneladas de *red label* e varava as noites atrás de festinhas nos cabarés que nunca fechavam<sup>313</sup>” numa permanente busca de um estado de boêmia<sup>314</sup>. Como ele, outros sujeitos buscavam esses lugares para distintas e variadas formas de uso, não somente as interpeladas pelos discursos que eram dispostas sobre esses lugares.

O Bar da Dona Dezinha, na Praça da Liberdade, o Skina’s Bar, o Palha de Arroz, o bar do Cecéu na Praça do Liceu, e o Danúbio eram outros lugares de sociabilidades na cidade que funcionavam sem hora pra acabar, que ofereciam bebidas a vontade do freguês<sup>315</sup>, e que demonstravam uma mistura no fluxo de consumidores, uma plêiade de boêmios, estudantes, homens a procura de outros parceiros e outras criaturas que flanavam pela noite sempre no imaginário de que ela não finalizasse.

A quantidade de casas destinadas ao entretenimento cartografadas pelo centro da cidade se esparavam pela movimentação nas ruas que a cidade mantinha nesse horário, como percebemos, havia uma forte circularidade entre os usuários dos espaços noturnos, várias vivências, marcadas por sensoriedades, sensibilidades e sonoridades se possibilitariam sentir, a partir das experiências de sujeitos sociais que compartilhavam múltiplas sociabilidades durante a noite.

Assim o circuito cartografado do centro chega ao Tijubina do Mafuá antes do dia amanhecer. Mantendo uma relação-aproximação com o centro pela circularidade que havia entre os seus flanantes e deixando marcas na memória de quem por lá passou, o bar e restaurante da dona Maria Tijubina<sup>316</sup> ficava no bairro do Mafuá, separado do centro pela Avenida Miguel Rosa, e conhecido na capital por comercializar uma grande variedade de comida típica nordestina, o restaurante costumava atrair um público tanto da cidade como de fora<sup>317</sup>. O Tijubina ganhou notoriedade por seus frequentadores

<sup>312</sup> SANTOS, Deusdeth Nunes dos. *Rádio calçada*. Teresina: Editora Júnior, 1995, p. 15.

<sup>313</sup> CAMPELO. Ací. Tempo de Lembrar 3 - anos de chumbo e a verdade de cada um. Via blog do autor. 02 de abril de 2002. Disponível em: [HTTP//amuaesquecida.blogspot.com.br/search/label/acicampelo](http://amuaesquecida.blogspot.com.br/search/label/acicampelo). Acesso em 05/12/2016.

<sup>314</sup> Ibid.

<sup>315</sup> Ibid.

<sup>316</sup> Maria Ambrosina da Silva, mais conhecida como Maria Tijubina, ex-meretriz de morada na Paissandu na década de 40 e 50, se instalou no Mafuá e abriu o restaurante na década de 1970.

<sup>317</sup> LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 58.

durante a década de 1970, com um público de vários níveis sociais e de toda a região da cidade, o restaurante acolhia além de boêmios que espreitavam uma última dose, também poetas, artistas e cantores locais e nacionais que escolhiam o lugar por funcionar até as altas madrugadas<sup>318</sup>.

Como costumava ficar aberto até o dia amanhecer, encerrar a noite na Tijubina era a prática de muitos que vinham de outros lugares da cidade, nessa lembrança Claudete Miranda vai dizer que o Restaurante “era muito famoso nas madrugadas e que amanhecer o dia lá era muito natural para os notívagos, comer buchada, sarapatel, caldo de carne e outros levanta-defunto, e tomarem a saideira ao som de um violão de algum seresteiro de plantão”<sup>319</sup>.

Todos esses ambientes espalhados pela noite de Teresina, mantinham aproximações a partir das sensibilidades e das práticas subjetivas que os evocavam, pensar no lazer e nas possibilidades de escolha desses espaços, é trazer a memória ao ponto mais sensível, namorar, paquerar, ter relações sexuais, promover bebedeiras, casamentos, separações, arruaças, tudo isso faz parte do universo dos espaços da noite. Além do mais observamos que se encontrar ou se reunir, é a motivação primordial para quem almeja uma boa noite.

Assim, uma cartografia sobre o centro durante a noite e as opções de lazer em Teresina na década de 1970, revela nuances de uma cidade onde gradativamente a urbanização dos espaços referente a formação de uma vida noturna desponta pouco a pouco, pela imprensa local e as memórias de quem viveu nesse período pode-se perceber que a cidade tinha uma vida a noite de espaços diversificados, e o centro mantinha uma circularidade por combinar mais opções de lazer nesse período.

---

<sup>318</sup> Ací Campelo conta que durante a década de 1970, os artistas de fora que vinham se apresentar no Estado, a procura de lugares que funcionassem a noite na cidade, eram levados pelo diretor do teatro na época, Açai Campelo, morador do bairro ao Restaurante da Tijuba, ganhando mais notoriedade na cidade a partir desses fatos. CAMPELO. Ací. Entrevista concedida a Francisca Lidiane de Sousa Lima. Teresina, 2006. In: LIMA. Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 58.

<sup>319</sup> DIAS. Claudete Maria Miranda. Entrevista concedida a Francisca Lidiane de Sousa Lima. Teresina, 2006. In: LIMA. Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 58.

### 3. O OUTRO LADO DA NOITE: REPRESENTAÇÕES DO PERIGO NA NOITE DA CIDADE NOS JORNAIS DA DÉCADA DE 1970.

*Do rio que  
tudo arrasta se diz que é violento.  
Mas ninguém diz violentas  
as margens que o comprimem.  
Bertold Bretch*

Neste capítulo analisaremos fatos sobre a noite na cidade de Teresina na década de 1970, com um olhar sobre a violência, o crime e o medo, a partir do que eram reproduzidos nos noticiários dos jornais, do que saía como manchete, nota, reportagem<sup>320</sup> de divulgação, que revele características de uma cidade em seus hábitos noturnos a partir de outros movimentos pela noite. Buscaremos refletir a representação feita por esses jornais sobre crimes, sujeitos indesejáveis, lugares danosos, e práticas que contrastariam de um ideal de cidade moderna, higienizada, e segura, que era pensada para Teresina nessa época, veremos como se estampa na capa do jornal o medo do perigo e da violência<sup>321</sup> e como se apresentaram as ferramentas de controle do social nesse momento.

Em suma, as matérias, notas e manchetes utilizadas serão do jornal O Dia e o jornal O Estado, circuladas na década, a maioria dessas matérias não vinham assinadas, o que caracterizaria a responsabilidade do editor do jornal na divulgação nesses casos, o jornal O Dia manteve até o ano de 1974 uma coluna de polícia, onde eram noticiadas especificamente ocorrências de cunho policial na cidade, roubos, crimes, investigações policiais e assuntos relacionados, depois desse ano essas notícias sairiam nas páginas aleatórias do jornal, dividindo espaço com outros assuntos sobre cidade, ou como

---

<sup>320</sup> Manchete seria a produção titular do enunciado, o título que é posto na notícia. Nota, notícia e reportagem equivaleriam como termos semelhantes, podendo identificar informação a respeito de um acontecimento novo, relato de uma situação ou de um estado de novidade, nota histórica, biográfica ou escrito sintético de um assunto qualquer. MARIGBEL, Adriana Oliveira. *As notícias de crimes: uma análise retórico-argumentativa do discurso jornalístico online por antecipação ao discurso jurídico*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo – SP, São Paulo, 2014. P. 19

<sup>321</sup> Existem várias áreas do conhecimento que tratam da violência, do crime e do medo como fenômenos, como questões conjunturais, filosóficas, científicas e históricas. A sociologia, a antropologia, e o direito têm desenvolvido pensamentos importantes sobre essas questões até o momento, mas acredita-se que as contribuições sobre tais temas tem oferecido inúmeras possibilidades aos historiadores de contribuir para o entendimento de elementos da história do país do século XX. ROMERO, Mariza. *Inúteis e Perigosos no diário da Noite*, São Paulo 1950/1960. Educ/Fapesp. São Paulo, 2011.

matérias especiais quando o assunto era importante socialmente e gerava repercussão, se prolongando quase que diariamente e ganhando manchetes de capa.

Para Vavy Pacheco, a utilização da imprensa no campo da pesquisa histórica, desde o final da década de 1970 generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintivos da produção acadêmica brasileira, a autora vai dizer que na atualidade nota-se muito o frequente uso da imprensa pelos profissionais de história como meio fundamental ou fonte complementar para análise de idéias, de projetos políticos, da questão social, dos comportamentos, e do cotidiano<sup>322</sup>. Tânia Regina Delucca percebe nesse sentido que a análise sobre esses periódico mostram intenções que fazem da notícia algo não aleatório, mas que revelariam motivações e maneiras de representação e publicidade daquela notícia<sup>323</sup>.

Adriana de Oliveira<sup>324</sup> vai dizer que a notícia do crime que é passada pelo jornal, na função de informar através dos meios jornalísticos da qual aquela instituição coduna, oferece por vezes uma linguagem simples, objetiva, em outros casos essas notícias são profundamente adjetivadas, utilizando uma linguagem científica, trazendo outras referências para o caso<sup>325</sup>. Percebemos que por vezes os jornais da cidade publicavam uma determinada ocorrência de crime obedecendo a um *lead* jornalístico: o que, quando e como; e por vezes o caso era tratado de forma mais aprofundada, ganhando discussões, trazendo peritos e sujeitos especializados naquele caso para compor a matéria.

Não tomamos de maneira mais aprofundada os códigos jornalísticos e características sobre a produção do fato ou da notícia pelo cânone do jornal, mas faremos leituras de algumas notícias nessa década problematizando a maneira como ela apresenta sujeitos, acontecimentos e lugares ligando-os a um discurso de perigoso, indesejável e desviante durante a noite, essa noite que historicamente é produto de um imaginário de práticas ligadas ao medo e insegurança<sup>326</sup> e que tem transformado os modos dos habitantes interagirem através dos espaços da cidade. Com isso,

---

<sup>322</sup>BORGES, Vavy Pacheco; JANOTTI, Maria de Lourdes M.; MARSON, Izabel. A esfera da história política na produção acadêmica sobre São Paulo (1985-1994). In: FERREIRA, Antônio Celso (org.). *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Unesp/Fapesp/ANPUH, 1999.

<sup>323</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>324</sup> Adriana Oliveira. *As notícias de crimes: uma análise retórico-argumentativa do discurso jornalístico online por antecipação ao discurso jurídico*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – SP, São Paulo, 2014. P. 19.

<sup>325</sup> Ibid. p. 21.

<sup>326</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Zahar. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. 2008.

perguntamos: Teresina como uma cidade de hábitos noturnos, demonstrava quais características na década de 1970 para apresentá-la como uma cidade de medo e insegurança?

Em 1977, as notícias colocavam Teresina vivendo sobre uma onda de crimes, de medo e muita insegurança quanto aos órgãos de controle. Afirmando isso, o Jornal O Estado trouxe a seguinte nota:

Crimes, assaltos, roubos e outros episódios dramáticos são próprios de uma cidade que está entrando na puberdade. De uma cidade que está crescendo. E ninguém admira que Teresina esteja entrando nessa fase púbere de sua vida social. Isso não é justificativa, mas se explica. O que não se explica é que todos os crimes fiquem não só na impunidade como no anonimato. Ou por outra, no obscurantismo. Porque anônimos eles não são. Em contrapartida, os meios de repressão não estão acompanhando o desenvolvimento dessa cidade. Quero dizer: enquanto Teresina está numa puberdade caracterizada por uma onda desenfreada de crimes, os meios de que a cidade dispõe para coibir essa onda ou já são demais caducos ou estão ainda a engatinhar. E isso não é possível. Urge uma tomada de posição<sup>327</sup>.

A matéria mostra que tais características seriam típicas de uma cidade em crescimento, que ganha novos hábitos, aumenta a população, o que faz com que os meios de repressão não deem conta de combater os crimes e muitos fiquem impunes, sem resolução. Muitos dos problemas apresentados nos jornais desde o início da década caracterizam exatamente o crescimento da cidade e a entrada dela em alguns índices nacionais, como o de cidade violenta, cidade com acentuado número de edificação, cidade com o maior número de veículos por habitantes<sup>328</sup>, números que faziam parte desse desenvolvimento e urbanização posto a capital do Piauí.

No início da década, o ano de 1974 até então foi experimentado como o ano mais violento da cidade<sup>329</sup>, e com índices de registros de roubos mais altos desde 1970<sup>330</sup>, em reportagem do jornal O Dia, é cartografado mês a mês do ano de 74 indicando os crimes solucionados e os em processamento nos órgãos de justiça, que mais uma vez também é alvo de críticas pela falta de policiamento o que permite muitos furtos, e aponta a lentidão com que são resolvidos os crimes<sup>331</sup>.

No entanto, a repressão durante a década de 1970 acabava vindo de todos os lados, os mecanismos de controle dentro de um regime de Ditadura se dispersava em

<sup>327</sup> MONTE, Lamartine do. *O Estado*, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977.

<sup>328</sup> TERESINA tem um veículo para cada mil habitantes e um ônibus para 1.600. *O Dia*. 06 out. 1972.

<sup>329</sup> 1974 ANO de violência com mais de cem mortos. Teresina, *O Dia*, 31 dez. 1974.

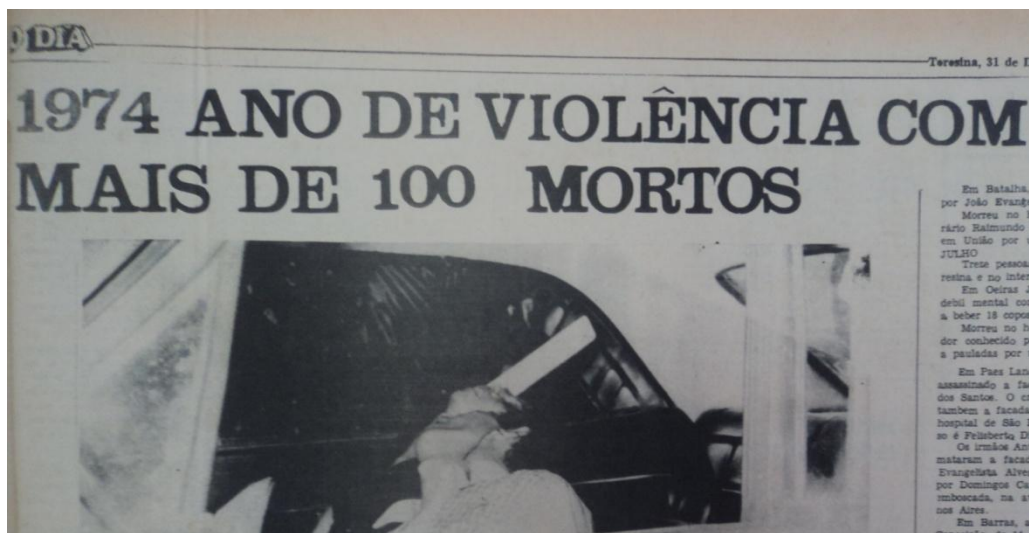
<sup>330</sup> Ibid.

<sup>331</sup> Ibid.

território nacional e criaria órgãos específicos de controle social, esses órgãos por sua vez imprimiam medidas de enquadramento e vigilância das práticas sociais. Nos jornais eram divulgadas portarias e normas frequentemente<sup>332</sup>, e outras medidas que deveriam regular e manter a ordem.

Como exemplo desse controle, na matéria “Tambores de umbanda só funcionam até meia noite”<sup>333</sup>, o vereador de Teresina José Albuquerque, como presidente da Federação Umbandista do Piauí na década de 1970, autoriza o disciplinamento dos centros e terreiros de umbanda a funcionarem até meia noite, segundo o vereador, o desrespeito com os horários de bater os tambores e soltarem foguetes tem prejudicado o sossego público, alvo de várias reclamações, vários terreiros tem sofrido repressão da policia “que ao atender as reclamações vai até o terreiro e notifica, só que o mesmo volta a desrespeitar a lei”<sup>334</sup>.

Assim com um regulamento da Federação e o controle da Policia, o vereador espera que isso não aconteça mais. Em outra matéria “Cabarés só funcionam até as duas da manhã”<sup>335</sup> a Secretária de Segurança Pública ordena o funcionamento de cabarés e casas congêneres somente até as duas da manhã na cidade, e o mesmo funcionaria para os Restaurantes e Boates<sup>336</sup>.



**IMAGEM 2:** Manchete do jornal O Dia, exibindo o ano de 1974 como mais violento vivido até então na capital. 1974 ANO de violência com mais de cem mortos. Teresina, *O Dia*, 31 dez. 1974.

<sup>332</sup> JUIZADO de menores divulgou ontem portaria para o Carnaval. Teresina, *O Dia*, 11 fev. 1972.

<sup>333</sup> TAMBORES de umbanda só funcionam até meia noite. Teresina. *O Estado*. s/d.

<sup>334</sup> *Ibid.*

<sup>335</sup> CABARÉS só funcionam até as duas horas da manhã. Teresina, *O Dia*. 31 dez. 1975.

<sup>336</sup> NOTA sobre diversões e sessões públicas, Teresina, *O dia*. 14 mar. 1969.



A intenção desses órgãos da cidade era a coesão moral da população por meio do controle, com o regulamento dos horários, e da repressão, punindo a quem desobedecesse a lei. Mas a cidade vista de forma contraditória sobre ao ambiente noturno aparecia, onde a violência e o crime eram postos como ferramenta de discussão dos órgãos repressores, sobre essa noite que não era praticada de forma correta, e no entanto várias práticas de desvio eram cometidas, nos próprios cabarés, a fiscalização era constante pelo descumprimento das ordens, os jornais afirmam que as donas dos estabelecimentos se defendiam dizendo que a melhor hora de movimento de clientes nas casas era da meia noite até o amanhecer<sup>337</sup>. Para Michel Foucault<sup>338</sup> essa disciplina faz parte do cotidiano do ser humano e vem se exercendo diariamente entre as várias instituições da nossa sociedade, vigiando e requerendo a punição quando o indivíduo desvia do lugar que ele deve ocupar. Nesse sentido, o desvio se apresenta como um conceito sociológico, pois denota o sujeito que dentro de regras socialmente impostas, promove arbitrariamente ou não, um desvio do regramento social a qual é instituído.

Os jornais buscavam, dentro da proposta de que cidade esses periódicos vendiam, uma cidade limpa, organizada e segura, mostrar muitas vezes a resposta da Polícia aos problemas que inquietavam boa parte da população, em matéria do jornal *O Dia* o secretário de segurança Sebastião Leal reconhecendo que Teresina é um problema e um desafio nesse momento, garante uma ostensiva contra os marginais da cidade, como diz:

O Secretário garantiu que em breves dias a Policia fechará a cidade para ação dos delinquentes e contraventores. Informou que a Secretária pretende iniciar uma campanha a pés e a volante [...] reconhecendo que em Teresina existe toda espécie de crime: de maconha, assalto, jogo, prostituição, homicídios e agressões graves, o secretário prometeu que vai garantir a segurança individual e publica com uma caça aos marginais<sup>339</sup>.

O título da matéria no jornal sugere uma ação de combate onde a cidade é fechada a caça dos perigos que nela se apresentam: “Segurança fechará a cidade para o combate aos marginais”. Pela notícia podemos ver quais eram os temores da população e os perigos a serem combatidos pela Policia nesse momento, como mantedora da ordem, do bem estar dos que aqui vivem, como também dos que visitam a capital, outra

<sup>337</sup> CABARÉS só funcionam até as duas horas da manhã. Teresina, *O Dia*. 31 dez. 1975.

<sup>338</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

<sup>339</sup> SEGURANÇA fechará a cidade para o combate aos marginais. Teresina, *O Dia*, 22 jan. 1975.

preocupação observada nos jornais. Mais uma vez apontando a cidade urbanizada na matéria, que deveria ser estampada como limpa, segura e moderna, esse contraditório não era bem visto.

Na matéria “Violência na capital causa preocupação”<sup>340</sup> é posto em tom alarmante a preocupação com a imagem de quem vem visitar Teresina, quais os riscos que um visitante na capital do Piauí pode correr, a reportagem crítica a falta de eficácia da Polícia diante de vários problemas que a cidade oferece, restando ao próprio cidadão criar meios de se assegurar do perigo<sup>341</sup>. Mariza Romero<sup>342</sup> vai dizer que a cidade é um paradoxo, “ao mesmo tempo que é moderna e receptiva, pode se apresentar como perigosa, do medo e do delírio ambulante que entorpece e maltrata, enfeia e antipatiza aos de bem, e prejudica a ordem”<sup>343</sup>. A matéria põe o risco de Teresina ser justamente mal vista pelo visitante por causa da presença de crimes sem solução, de altos índices de roube e até atropelamentos<sup>344</sup>.

Durante a noite o risco de andar por Teresina era acrescido pelas notícias dos jornais, em notas a delegacia de polícia ordenava um cuidado redobrado com os lugares por onde passar na cidade, pois alguns ofereciam graves riscos as pessoas de bem<sup>345</sup>, mostrando que o perigo podia atentar tanto fisicamente quanto a moralidade da população teresinense. O uso da noite e das ferramentas de lazer na cidade vão de algum modo serem direcionadas para esse fim, de pensar o lazer como algo controlado e normatizado ou corrigido.

O centro funcionando como bairro de usos as práticas de lazer se mostra bastante múltiplo nessas vivências, ao passo em que você tem diferentes territórios de convivência por essa zona, os jornais apresentam lugares de uso na noite pelo centro como também apresenta a zona como perigosa. Os territórios para Foucault se mostrariam dessa maneira, como espaços tomados por relações de poder, numa batalha incessante pela apropriação simbólica ou material dos mesmos, na dicotomia entre a ordem e o desejo, o escândalo e a denúncia, o desvio e a norma, o centro da cidade de Teresina exprimiam muito dessas condições pelo que era apresentado nesses jornais.

---

<sup>340</sup> VIOLÊNCIA na capital é preocupação. Teresina, *O Estado*, 18 jun. 1975.

<sup>341</sup> Ibid.

<sup>342</sup> ROMERO, Mariza. *Inúteis e Perigosos no diário da Noite*, São Paulo 1950/1960. Educ/Fapesp. São Paulo, 2011.

<sup>343</sup> Ibid.

<sup>344</sup> VIOLÊNCIA. Op.cit.

<sup>345</sup> VIOLÊNCIA em Teresina. Teresina, *O Estado*, 05 fev. 1975.

Podemos notar que os jornais tomam os discursos dos órgãos de segurança refletindo a perspectiva do medo e insegurança com os lugares, várias matérias vão alertar para o cuidado com praças, bares e certos indivíduos durante a noite em Teresina. Para Bauman<sup>346</sup> o medo nas sociedades ao longo do tempo conseguiu criar imaginários de coisas aterrorizantes, não é mais o poder cósmico que amedronta as pessoas, é o medo ao poder mundano, construído pelo homem, que transformou o medo primitivo em medo do desvio à norma. Para o autor com alguma frequência esses medos se apresentam nos lugares, acabando por localizar a origem do medo, como o inferno, o purgatório, a câmara de gás, os elevadores, etc. O boteco, bar ou botequim em Teresina também eram territórios onde o controle deveria prevalecer, o perigo representado partia da presença em um só lugar do que era mais danoso moralmente: o álcool, o jogo e o prazer pelo sexo sem vínculos<sup>347</sup>.

Na década de 1970, o Bar Amazonas, um conhecido bar da época, que ficava no bairro Mafuá, foi interditado pelo órgão de vigilância sanitária por, segundo o jornal, desrespeitar as condições mínimas de higiene prevista pelo código de Postura do Município<sup>348</sup>, a ação de fiscalização que foi bastante repercutida durante dias nos periódicos, também notificou outros tantos bares e constatou que oitenta por cento dos bares do centro de Teresina funcionam desrespeitando o cliente, “pois não apresentam condições mínimas de higiene, principalmente os bares da região da Paissandu”<sup>349</sup>.

Para a matéria, as irregularidades desses ambientes desrespeitavam os clientes, sujavam a cidade, e maculavam os projetos de revitalização de pontos da cidade proposta pelos órgãos do governo<sup>350</sup>. Como na Avenida Frei Serafim, remodelada, urbanizada, tornou-se em pouco tempo território de usos indesejados durante a noite, como colocou o cronista A. Tito Filho na época:

A Avenida Frei Serafim, depois que recebeu iluminação com lâmpadas de vapor de mercúrio, uma nova passarela central e cobertura asfáltica, transformou-se em ponto de encontro, daí que homens em automóveis por ela circulavam em busca de parceria, de sorte que a cidade é, por excelência, palco das contradições: o poder público empurrou mulheres de vida livre que moravam e trabalhavam

<sup>346</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Zahar. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. 2008.

<sup>347</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991.

<sup>348</sup> BAR Amazonas suspenso por falta de higiene, Teresina, *O Dia*, 25 já. 1979.

<sup>349</sup> Ibid.

<sup>350</sup> LANCHONETES bares e restaurantes desrespeitam a saúde da freguesia. Teresina, *O Estado*. 06. Mai. 1979.

na Avenida Miguel Rosa e imediações para a periferia, longe dos olhares dos visitantes, das senhoras conservadoras e das jovens pudicas, enquanto a principal avenida de Teresina, depois das 22 horas, transformava-se num lugar onde prostitutas e homossexuais buscavam parceiros para encontros amorosos”. Arimatea Tito Filho<sup>351</sup>.

Na imprensa local encontram-se notas que confirmam as informações do cronista, o “trottoir”, como era chamado a prática de circular durante a noite atrás de diversão ou geralmente sexo, ou então se referia a prostituição de rua, era praticado em vários pontos da cidade. Na Avenida Miguel Rosa nas imediações da Barão de Castelo Branco, na Avenida Maranhão, abaixo da Praça da Bandeira e na Estação Ferroviária. Em reportagem que tinha como manchete “Estação ferroviária: violência e prostituição”<sup>352</sup> divulgada pelo jornal O Dia, é apresentado a incidência de prostituição e violência na Estação Ferroviária, na Avenida Miguel Rosa. Segundo a nota “a violência teria se transferido do baixo meretrício da Paissandu para a estação”<sup>353</sup>, a presença de bares e sujeitos suspeitos preocupava a Polícia, as rondas eram constantes e nos plantões por lá já havia ocorrido cinco prisões e várias revistas, “encontrando sujeitos armados, várias desordens por causa da presença de prostitutas, bêbados e baderneiros”<sup>354</sup>.

A relação entre a violência, a prostituição e o álcool vão aparecer em diversas notícias desses jornais, como se ambas se referenciassem ou estivessem sempre ligadas, considerando que nesse momento prostituição<sup>355</sup> era caso de polícia, observada na lei<sup>356</sup>. A região da Paissandu era o grande alvo de repressão nessa década, rendendo inúmeras matérias nos jornais, sendo mapeada como o território impróprio, explicitamente barrado pela moralidade sobre os costumes da cidade. O meretrício ou cabaré visto como lugar de perigo vem de uma mentalidade de longa duração, a Paissandú como

<sup>351</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*, p. 10

<sup>352</sup> ESTAÇÃO Ferroviária: violência e prostituição. Teresina, *O Dia*, 18 ago. 1976.

<sup>353</sup> Ibid.

<sup>354</sup> Ibid.

<sup>355</sup> A prostituição, segundo Margarete Rago tem ligação com um processo inicial de emancipação da mulher, o encontro com a erotização, a feminilidade e o direito ao corpo, no entanto, também parte do princípio que a mulher passa a ser vista como essa noite estetizada e glamourizada como objeto de desejo e mercadoria, RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991.

<sup>356</sup> No Brasil, desde os finais do século XIX, a tipificação da vadiagem como contravenção penal, criminalizou-se tanto o incentivo à prostituição como a manutenção de casa destinada a estas finalidades, como facilmente se pode observar pelos artigos 227 a 229 do Decreto-Lei 2.848/40 (Código Penal), vigente até a atualidade. Ver: DAEMON, Flora. *Sujeitos do Crime da notícia: relatos de uma experiência jornalística no cárcere. Surveillance in Latin America. Vigilância, segurança e controle social*. PUCPR. Curitiba – Brasil. 4 a 6 março 2009. Anais de evento.

espaço de sociabilidade noturna, com a presença de bares, cabarés, hotéis ou *rendez-vous*, casas que abrigavam encontros para relações sexuais, atraía todos os tipos de figuras, boêmios, prostitutas, homossexuais, criminosos e curiosos incidentalmente ou não.

As representações que os jornais constroem sobre esse espaço é baseada em conflitos, com a polícia e com a sociedade, mostrando uma zona de perigo, de pessoas que viviam a margem da vida e da lei, onde o não vá, não pise ficava bastante claro nesses jornais. Mas consideramos também que uma cidade se mostra pelas múltiplas vivências nos seus espaços, pelas brechas, como diz Certeau<sup>357</sup>, através da circularidade. Com isso, a Paissandu possivelmente nos seu grande número de bares, não acolhia somente pessoas nocivas, havia uma característica híbrida sobre a zona, e uma espécie de aceitação e repulsa, e os usos do espaço provocavam possivelmente diferentes manifestações, mais uma vez atentando as formações de territórios pensados por diversos usos em um espaço contíguo.

Nosso propósito é perceber como essa realidade social é construída na fala do jornal<sup>358</sup>, que se alia por vezes à fala dos órgãos de repressão pública através de suas práticas de combate, mostrando um discurso jornalístico que não visa somente informar, mas construir uma imagem relacionada a algo que nas suas convicções morais e políticas eram impróprias.

Assim, a região da Paissandu era alvo de blitz quase que diárias durante a noite, um monitoramento das atividades que lá ocorriam se estendiam a todas as práticas, desde furtos, brigas, embriaguez e outros atentados as ordens morais<sup>359</sup>. Em matéria “Polícia prepara blitz em cabaré”<sup>360</sup>, o jornal expõe a ação da polícia realizada sobre os cabarés da cidade:

O advogado Carlos Mousinho, diretor do Departamento de Polícia da capital disse ontem que é intenção da Secretária de Segurança, desde a há muito tempo acabar com todos os cabarés do centro da cidade, localizando-se em maior interesse em eliminar a prostituição da zona da Paissandú [...] Nesta semana, a Secretaria, através da Polinter, resolveu iniciar a campanha de moralização dos cabarés de Teresina, começando pelo Morro do Querosene onde recentemente vinham se registrando muitas anormalidades com frequência denunciadas pelos

<sup>357</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*, 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>358</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

<sup>359</sup> POLÍCIA prepara blitz nos cabarés. Teresina, *O dia*, 18 mar. 1974.

<sup>360</sup> Ibid.

vizinhos, queixando-se de brigas, palavrões e outras ocorrências muito naturais nesses ambientes<sup>361</sup>.

Em outra matéria “Policia vai saber os índices e prostituição”<sup>362</sup>, da mesma maneira, a recorrência eram as ações dos órgãos de repressão sobre esses espaços:

Não é exagero afirmar que existem dez cabarés para cada um os bairros mais importantes de Teresina, como Centro, Piçarra, Vermelha e Tabuleta. Somente no centro existem dezenas de casas de prostituição registradas pela Policia, segundo levantamento feito pela Divisão de Policia Judiciária, sem contar nos quartos alugados pelas mulheres [...] A mesma pesquisa registrou que existem 255 mulheres residindo somente na região do baixo meretrício da Paissandú [...] No Mafuá foram registradas 80 mulheres pelo segundo distrito nas onze casas de prostituição existentes no bairro. Na piçarra existem 39 mulheres cadastradas nos nove cabarés conhecido, além dos rendez-vous e de outras casas e prostituição. [...] No Jóquei Club ainda não existem cabarés, mas existem denúncias de que estão criando casas que recebem casais e isso já está preocupando a população<sup>363</sup>.

Nas duas matérias a intenção dos órgãos de segurança era acabar com os cabarés em Teresina, no entanto a dificuldade em fazer só os permitia mapear, cadastrar essas casas e suas localidades para recuar a proliferação de mais zonas de prostituição pela cidade, impedindo as práticas que ocorrem em seus ambientes. As medidas eram claras de controle da prostituição, que aparecia nesses jornais como um grande problema social. É possível perceber o crescente número de mulheres vivendo de prostituição e os zoneamentos pela cidade de casas desse tipo.

Vemos mais uma vez como o discurso moral é presente nessas falas, o registro de anormalidades e desordens preocupava a população, que nesse caso a higienização seria dos hábitos, das práticas que ocorrem nesses lugares durante a noite. A intenção dos jornais era criar uma cidade de bons hábitos, normatizada, moderna e segura, essa intenção pode ser entendida por esses jornais se alinharem aos discursos dos governantes e seus órgãos de ordem e a sociedade de algum modo tinha que acreditar nesses governantes, como lembra Chartier<sup>364</sup> que não adianta dizer, tem que mostra os signos que os definem, como as ações de ordenamento dos espaços considerados desviantes na cidade.

<sup>361</sup> POLICIA prepara blitz nos cabarés. Teresina, *O dia*, 18 mar. 1974.

<sup>362</sup> POLICIA vai saber índice de prostituição. Teresina, *O Dia*, 22 mar. 1974.

<sup>363</sup> Ibid.

<sup>364</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Longe da idéia salientada por Baudelaire no século XIX de que a prostituta representava o mundo<sup>365</sup>, em Teresina nessa década cabaré era caso de polícia, em franca decadência, segundo os jornais, os bares da Paissandu eram lugares frequentados somente por “boêmios, criminosos e assaltantes”. Na reportagem “Um problema: o cabaré”<sup>366</sup>, o texto traz uma longa explanação sobre os problemas das zonas de prostituição do mundo, citando o bairro do Bowery em Nova York, a Lapa no Rio de Janeiro, como espaços de criminosos, entorpecentes, assaltantes e prostitutas, que foram totalmente erradicados pelo poder público que agiu nesses espaços pelo bem da moral e da segurança das cidades<sup>367</sup>, a matéria então se pergunta: “e Teresina? Que padece a insolência de generalizada cabaretização<sup>368</sup>”, o que estaria sendo feito? Mostrando uma linguagem com referências de termos médicos para explicar a proliferação da prostituição e zonas de sexo no mundo, a reportagem coloca lado a lado a presença do álcool, e do crime, relacionando-os aos lugares de prostituição.

É percebida uma recusa explícita às prostitutas nas matérias que saíam nos jornais, sempre caracterizadas como perigosas, mundanas, desventuradas e caçadoras de briga, assim como às suas zonas de prostituição, principalmente a zona da Paissandu, em seguida vinha o Morro do Querosene e a região do Palha de Arroz na Piçarra, nas várias reportagens feitas sobre a zonas, a Paissandu acabava por estampar as várias manchetes revelando as diversas ocorrências na zona do baixo meretrício do centro. Algumas das manchetes saíam assim: “Ciúme na Paissandu termina em crime e muitas agressões”<sup>369</sup>, “Paissandu continua bagunçada”<sup>370</sup>, “Noitada violenta na Paissandu”<sup>371</sup>.

Percebemos que noção de urbanização da cidade não incluía esses grupos, mas sim combatê-los pelo regramento social. Ocorrência de roubos, furtos, agressões, bebedeiras, consumo de drogas estavam sempre presentes nas notícias policiais, atribuídas pela imprensa a essas classes perigosas. As denúncias extrapolavam a ordem

---

<sup>365</sup> Margarete Rago pensa que outra questão deve ser considerada em relação a elaboração da figura da prostituta como alteridade. Ela simbolizava o mundo, como observou Baudelaire, onde “tudo se transformava em mercadoria, o que levava o poeta a identificar-se com aquela que vendia o corpo no mercado. Simultaneamente vendedora e mercadoria, ela simbolizava aquilo que se via como degradação: uma sociedade onde as relações sociais são mediadas pelo equivalente geral, o dinheiro. Não foi tranquila a relação da sociedade com a profissionalização dos ofícios e com a instituição de relações assalariadas do trabalho.”. RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991.

<sup>366</sup> UM problema: o cabaré. Teresina, *O Dia*, 16 mar. 1970.

<sup>367</sup> Ibid.

<sup>368</sup> Ibid.

<sup>369</sup> CIÚME na Paissandu termina em crime e muitas agressões. Teresina, *O Dia*, 16 jan. 1975.

<sup>370</sup> PAISSANDU continua bagunçada. Teresina, *O Dia*, 29 jan. 1975.

<sup>371</sup> NOITADA violenta na Paissandu. Teresina, *O Dia*, 22 mar. 1975.

moral, onde se manifestava também, quanto aos gestos de desrespeito as posturas públicas e ao sossego da vizinhança que reclamavam nos periódicos. Como na matéria:

Moradores da Lizandro Nogueira, nas proximidades do Mercado Central até a avenida Maranhão, estão reclamando da falta de higiene e segurança existente no trecho em alusão, que vem dificultando bastante a vida de todos que habitam o local. A falta de higiene é proveniente da grande quantidade de botecos e depósitos de frutas que existem na rua e depositam todos os detritos nas calçadas de onde provem um mal cheiro insuportável, segundo os moradores. [...] Durante o dia o problema é o burburinho do Mercado Central, com sua grande quantidade de vendedores e fregueses fazendo um barulho intenso que torna difícil a realização de algumas atividades que exija muita concentração. [...] Existem ainda vários casebres abandonados, onde a noite prostitutas se utilizam deles para realizarem atos imorais e orgias juntamente com elementos mal encarados de várias passagens pela polícia. Tudo é feito na maior tranquilidade pelos marginais pois a Polícia não se preocupa em fazer blitz para prender a grande quantidade de elementos suspeitos que vão para o local<sup>372</sup>.

Fica claro, pelo texto do jornal, expondo o desejo de parte da população que reside no local, que além da sujeira e do barulho, como elementos que interferem no aspecto físico do espaço alterando a paisagem de forma negativa, a presença de prostitutas e maconheiros na região também era condenável, tidos como um problema pelo incômodo que causariam, mais do que isso, eles agrediriam as formas morais de preservação, interferindo na manutenção da higienização do espaço.

A presença de sujeitos não confiáveis “que utilizam do espaço para realizarem atos imorais”<sup>373</sup> mostra como o espaço da cidade é posto de maneira pontuada e demarcada, onde se determinam lugares, práticas, usos e horários. Também como a cidade é operada por imprevisões, estratégias e táticas, práticas que se sobrepõem e se deslocam das regras.<sup>374</sup>

Podemos compreender que certas espacialidades eram criadas na cidade pelas notícias dos jornais, tanto os lugares a serem frequentados, como os a serem evitados, onde não passar, não permanecer, considerando o medo do risco e da violência. A região da Paissandu era uma delas. Bauman<sup>375</sup> mais uma vez pontua que o medo da violência e do perigo faz com que as cidades se modifiquem, os padrões dos seus habitantes mudem, transformando seus hábitos, suas maneiras de andar na cidade, de se

<sup>372</sup> LIZANDRO Nogueira reclama de sujeira e feira livre. *Jornal O Dia*. Teresina, 10 out. 1971.

<sup>373</sup> Ibid.

<sup>374</sup> CANEVACCI, Massino. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>375</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Zahar. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. 2008.



relacionar e de sociabilizar<sup>376</sup>, para ele o medo generalizado, por vezes descolado de experiências reais, são estimulados pelas abordagens sensacionalista dos jornais que passam a influenciar decisivamente a vida cotidiana e nos padrões de circulação no espaço. Com isso, os jornais de Teresina acabavam criando e indicando modos de se portar na cidade por conta desse discurso de lugares onde há violência<sup>377</sup>.



**IMAGEM 3:** Manchete do jornal POLICIA vai saber índice de prostituição. Teresina, *O Dia*, 22 mar. 1974.

Na matéria “Aqui os marginais realizam as transas”<sup>378</sup>, o jornal traz notas sobre os arredores da Praça Saraiva, com a presença de hotéis e dormitórios onde se hospedariam ladrões, assaltantes e criminosos, que viriam de outras localidades do interior do Piauí e do Maranhão realizar crimes ou se esconder no Estado. O jornal pontua que é perigoso passar na praça durante a noite, pois nessa hora o lugar se transforma totalmente “funcionando como local de encontros amorosos, de mendigos e desocupados”<sup>379</sup>. A Praça Saraiva constituía geograficamente a região da zona do baixo da Paissandu, durante a década de 1970 funcionava como ponto rodoviário de ônibus

<sup>376</sup> BAUMAN. Op.Cit. p. 31.

<sup>377</sup> POLICIA vai ensinar a evitar roubos. Teresina, *O Dia*, 22 ago. 1974.

<sup>378</sup> AQUI, os marginais realizam suas transas. *O Dia*, Teresina, 07 de setembro de 1973.

<sup>379</sup> Ibid.

que faziam trajetos para o interior do Piauí e outros estados durante o dia e durante a noite, e muitos desses viajantes acabavam se hospedando nesses hotéis e pensões próximos a Praça.

Para o jornal “esses pequenos hotéis de cômodos mínimos estão hospedando toda espécie de criminosos: ladrões perigosos, assaltantes profissionais, pistoleiros por profissão e fugitivos de presídios de outras cidades<sup>380</sup>” e adverte que os responsáveis pelo hotel não preenchem os formulários de identificação distribuídos pela polícia, não podendo com isso ser possível reconhecer se o indivíduo é fichado ou não<sup>381</sup>. Algumas zonas como essa da cidade acabavam funcionando como lugares demarcados pelos jornais, pelo embate que travariam com a ordem, assim também aconteciam no Morro do Querosene, a região do Gogó da Ema, a Piçarra, com bares, botecos e cabarés notificados inúmeras vezes pela polícia, mas que continuariam em funcionamento mantendo atividades ilegais<sup>382</sup>.



**IMAGEM 4:** Outra manchete exibida no jornal o Dia, mostrando um dos espaços demarcados na capital como incidência de crimes. AQUI os marginais realizam as transas. *O Dia*, Teresina, 07 de setembro de 1973.

As coroas do rio Parnaíba e Poti, lugares de sociabilidade da população da cidade durante as décadas de 70 e 80, que recebia um grande número de frequentadores durante o dia nos fins de semana, era conhecida como a praia do teresinense. Durante a noite as coroas mantinham outra movimentação. O policiamento durante o dia era para banir a venda de bebidas alcoólicas responsáveis pela embriaguez e afogamento de

<sup>380</sup> ONDE se hospedam os marginais. Teresina, *O Estado*, 19 abr. 1975.

<sup>381</sup> Ibid.

<sup>382</sup> CASAS noturnas e inferninhos levam os cabarés a falência. Teresina, *O Dia*. 11 abr. 1975.

muitos banhistas<sup>383</sup>. Já durante a noite a preocupação dos órgãos repressores e da população, que era mostrado no jornal, mais uma vez se pautava pela presença da prostituição no local, de boêmios e assaltantes que após fechar os botequins de vários lugares do centro desciam para as coroas com bares que ficavam abertos até o amanhecer, promovendo arruaças e confusões<sup>384</sup>.

Na opinião do jornal “as coroas, como um lugar da família teresinense aproveitar seus fins de semana agradavelmente não pode ser tomado dessa forma por baderneiros e embriagados”<sup>385</sup>, e acrescenta que o poder público tem que tomar as providências devidas. É interessante perceber que a cidade tem lugares onde práticas se sobrepõem e se contrastam, lugares que mudam de usos conforme o tempo, ou passar do dia. Nestor Perlongher<sup>386</sup> ao pesquisar as práticas no centro de São Paulo durante a noite nos anos de 1980, avalia as diferenças de usos dados a ele durante o dia e durante a noite. Porque o lazer e as práticas noturnas seriam vistos de forma ruim fora dos espaços e dos horários legitimados e tidos como sociáveis e desejáveis?

Funcionando como um lugar de lojas e comércios durante o dia, abrigando um certo tipo de público da cidade, Perlongher analisa é na noite que esse espaço se transforma, virando território de prostituição, de michês e de homossexuais, ele considera essa ocupação e denomina essas zonas como “região moral”, onde o foco das atenções moralizantes devem ser direcionadas, diferentemente de outras zonas da cidade<sup>387</sup>. Esse crivo de perigoso presente na cidade, gerava a indicação desses jornais por onde circular ou não circular, criando territórios de passagem ou “geografias do medo”.

Como já mostramos, essas matérias dos jornais constantemente vão expor uma relação entre o álcool, o crime e a prostituição, colocando-os por vezes no mesmo espaço, como meios transgressores e alvo dos órgãos repressores, com isso representando tipos de sujeitos indesejáveis e suas práticas corrompidas.

Os jornais vão exibir matérias e manchetes em que o álcool, o alcoólatra ou o boêmio embriagado, que frequenta os bares, botequins, pés sujos da cidade representa o

---

<sup>383</sup> SECRETARIA estuda o policiamento nas duas coroas.

<sup>384</sup> ARRUAÇA nas coroas. Teresina, O Dia, 22 fev. 1972.

<sup>385</sup> Ibid.

<sup>386</sup> PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. Educamp. Campinas, SP. 1998.

<sup>387</sup> Ibid.

perigo, estando posto lado a lado com o crime. Maria Izilda Santos de Matos<sup>388</sup> vai dizer que nos primeiros anos do século XX alguns discursos médicos buscavam afirmar que o álcool tornava os homens embrutecidos, selvagens, feras, primitivos, trazendo a tona todos os seus instintos bárbaros, irracionais e bestiais. Mudando completamente de comportamento quando sob o efeito do álcool, ela prossegue dizendo que:

Sua razão passava a ser obtusa, com falta de raciocínio e perda da autocrítica. Assim, apontava-se que o uso do álcool desintegrava o caráter moral, alterando o raciocínio, ao mesmo tempo despertando certos instintos brutais do homem, estimulando a ferocidade, as paixões, os ciúmes e, nessas condições, facilitando o crime. Essas afirmações reforçavam que o homem devia ser equilibrado, civilizado e educado para viver em sociedade, cumprir seu papel e primar pela razão<sup>389</sup>.

Assim, o álcool como meio que desciviliza o homem em uma sociedade pautada pelo controle, pela higienização de seus comportamentos, era extremamente regulado ou proibido. Em matéria do jornal que teve como manchete Matou por uma dose de cachaça<sup>390</sup>, um crime que ocorreu nas dependências de um bar na zona sul é relatado e exhibe o álcool como o meio propulsor do assassinato já no título da matéria. A matéria vai expor:

Por uma dose de cachaça Manuel Matildes matou o seu amigo conhecido como Pedro Pantera, com uma facada, crime ocorrido na sexta-feira nas dependências do Bar do Salvador [...] Manuel Matildes disse que estava no bar do Salvador, onde chegou Pedro pedindo pra ele pagar uma dose de cachaça. Por C\$0,20. Manuel que não tinha dinheiro pra dar pra ninguém foi por isso agredido. “Tenho 43 anos e nunca levei tapa de homem” – disse Manuel sacando uma faca e furando seu agressor<sup>391</sup>.

Na reportagem o motivo do assassinato seria um tapa na cara levado pelo assassino, o que expõe na cena além da presença do bar e do álcool, a honra do assassino que é levada em consideração. Para Maria Izilda muitos crimes tendo o álcool como mediador também costumam ser cometidos em nome da honra de seu

<sup>388</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o botequim*. Alcoolismo e masculinidade. Cia Ed. Nacional. São Paulo. 2001.

<sup>389</sup> Ibid. p. 69

<sup>390</sup> MATOU por uma dose de cachaça. Teresina, O Dia. 18 jun. 1976.

<sup>391</sup> Ibid.

protagonista, homens traídos em sua honra pela esposa, pelo amigo, pelo patrão<sup>392</sup>, tendo com isso sua moral degradada e sua vida arruinada após o crime. Em outra matéria do jornal cujo título “Soldados bêbados agredem investigador a tiro”<sup>393</sup>, revela a constância com que o jornal passava a representar os casos de crimes e ocorrências policiais onde o álcool estava envolvido.

Nessa ocorrência o caso aconteceu no bar Casa Amarela, na zona sul da cidade, e novamente o ambiente do bar, do botequim, do boteco, é cenário de conflitos. Chartier fala que as representações se enunciam num campo de poder e dominação, onde as práticas de grupos que as constroem tentam impor valores ou condições para destacar a concepção de mundo social segundo eles<sup>394</sup>. Os jornais também colocavam essas matérias como meio regulador da população, tanto informando dos perigos que o álcool faz ao indivíduo, mostrando sua degenerescência física e desintegração da família<sup>395</sup>, como também mostrando o alcoólatra, o boêmio, aquele que vive no bar de maneira indesejável no ambiente da cidade.

Na matéria “Filho embriagado quis matar a mãe”<sup>396</sup>, o jornal noticiava uma queixa que foi registrada por Dona Maria Silva contra seu próprio filho José Carlos da Silva, “que ameaçou matá-la depois de agredir a socos e pontapés”<sup>397</sup>. Segundo o jornal, a mãe havia pedido a prisão do filho, pois esse se encontrava bêbado e perigoso, e passou a agredi-la no interior da sua residência, no bairro Monte Castelo sem motivo algum, a não ser o fato de estar fora de si em decorrência do álcool, a mãe pedia a prisão do filho, mas recomendava que a polícia podia soltá-lo depois de passada a embriaguez<sup>398</sup>. Vemos nesse caso a presença do álcool como uma situação momentânea, ele promoveria os deslizes do indivíduo, mas que ele voltaria a se recompor, a civilizar-se de alguma maneira, e colocando os órgãos de repressão nesse momento como mediador desses conflitos.

Várias matérias desses jornais expunham ocorrências de crimes, brigas e assaltos tendo o espaço de bares em Teresina como protagonista. Exibindo logo nas manchetes os locais onde ocorreram os conflitos, esses jornais acabavam sugerindo com isso o

---

<sup>392</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o botequim*. Alcoolismo e masculinidade. Cia Ed. Nacional. São Paulo. 2001. P. 71

<sup>393</sup> SOLDADOS bêbados agredem investigador a tiros. Teresina. *O Dia*. 18 jun. 1976.

<sup>394</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

<sup>395</sup> FILHO embriagado quis matar a mãe. Teresina. *O Dia*. 10 out. 1975.

<sup>396</sup> Ibid.

<sup>397</sup> Ibid.

<sup>398</sup> Ibid.

perigo dessas casas noturnas, em algumas manchetes vão sair assim: “Quebra quebra na Churrascaria Ponte”<sup>399</sup>; “Recesso na boate Barbarella por causa de brigas”<sup>400</sup>; “Playboys invadem bar e roubam pinga”<sup>401</sup>; “Bebeu fiado e quis matar o dono do bar”<sup>402</sup>; “Boêmio é agredido por trás”<sup>403</sup>.

Para Maria Izilda Santos de Matos o espaço do bar, do botequim era visto como perigo desde o final do século XIX, nesses lugares foi onde as camadas populares passaram a se utilizar nos momentos de lazer e descanso, onde sempre aparecia uma conversa informal regada a alguma bebida, um café, uma cachaça ou cerveja<sup>404</sup> como momento descontração também representava o espaço do ócio, do não-trabalho, do desocupado e da perdição. Ainda segundo ela:

O discurso médico foi que acompanhou tais mudanças, apresentando o bar, o cabaré, o botequim, em contraposição a fábrica, à oficina ao escritório, aos espaços de trabalho, e ao espaço do lar. Considerava que esses espaços de lazer encorajavam a indisciplina e libertinagem, neles se misturavam sociabilidade, violência, prazer e desordem, causando problemas no trabalho e na ruína doméstica<sup>405</sup>.

Assim, afirmando o que saía nos jornais em Teresina, nas imagens construídas de espaços de sociabilidades na cidade mediados pelo álcool, com a presença do perigo, da violência e do crime, bem como a presença quase que generalizada das classes populares no envolvimento desses casos, os criminosos que aparecem nos jornais em sua maioria são estivadores, magarefes, operários, etc. E o discurso do jornal era fortalecido quando a presença de muitos desses bares, botequins e cabarés eram localizados em zonas exibidas também pelos jornais como danosas, como na Paissandu, do Morro do Querosene, do Matadouro, da Piçarra e da Vermelha.

Em um texto do autor José Pereira Bezerra da década de 1970, muito dessa condição pode ser pensada, a citação é longa, mas assertiva:

Duas horas da madrugada dum domingo. No Morro do Querosene a movimentação diminui: as portas dos quartos das putas fecham-se e não mais se abrem, mas ainda ouve-se sons de copos que se confundem com gritos histéricos e exaltações de bêbados. Defronte a

<sup>399</sup> QUEBRA-QUEBRA na churrascaria Ponte. Teresina, O Estado, 14 abr. 1975.

<sup>400</sup> RECESSO na boate Barbarella por causa de brigas. O Estado, 05 set. 1975.

<sup>401</sup> PLAYBOYS invadem bar e roubam pinga. Teresina, O Dia, 05 jul. 1976.

<sup>402</sup> BEBEU fiado e quis matar o dono do bar. Teresina, O Dia, 04 fev. 1975.

<sup>403</sup> BOÊMIO é agredido por trás. Teresina, O Dia, 21 mai. 1976.

<sup>404</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o botequim*. Alcoolismo e masculinidade. Cia Ed. Nacional. São Paulo. 2001. P. 75

<sup>405</sup> Ibid. p. 75.

um cabaré, Ferré, homem alto e magro, trabalhador braçal, cambaleia ao ritmo do peso do próprio corpo. No dia anterior, da construção rumou aos botecos – encher a cara de cachaça – deixando a mulher e os quatro filhos dormindo sem jantar. Quando chegasse em casa tinha certeza da briga que a mulher devia estar aprontando, a exemplo de ocasiões anteriores “ e com muita razão”. Maria não se conformava com a atitude irresponsável do marido, e não raro trocavam tapas e pontapés sob os olhares lacrimosos das crianças amedrontadas. Ferré, não obstante embriaguez torrer-lhe o cérebro, quer dormir com a família. Já está sem dinheiro, e a vontade é traída pela fraqueza do corpo. Rodopia, não sai do lugar. A cabeça dói-lhe e um mal estar no estômago aflora. Acerca-se da calçada quase de quatro, senta-se com dificuldade. Minutos após está estirado em decúbito dorsal, dormitando, com as pernas afastadas uma da outra, a camisa aberta, suada, suja de vomito. Adormece. Ao amanhecer, acorda atordoado com o sol ferindo-lhe os olhos. Moroso, senta-se e se põe a pensar na sua condição de pobre, bêbado e de pessoa. Não vê diferença. Senta-se envergonhado e num assomo de emoção, chora convulsiva e covardemente. Sai cambaleante arrasado. Não deslumbra outras formas de desabafar o desespero, a não ser bebendo cachaça e/ ou brigando com a mulher. E ainda existem pessoas que acham a situação de Ferré e sua família muito normal e até necessária. No caminho muitos veem-no e dizem em prosa “a cachaça te mata”, “a cachaça ainda mata o diabo”. Ferré não responde, segue em frente, mas um palavrão contido às pressas escapa numa cusparada lingueta. (...) baixa a cabeça, cerra as pálpebras e evita o pior, humilhado<sup>406</sup>.

O texto descreve a vida de um homem, pobre, morador de um bairro da periferia, alcoólatra, desesperado em sua vida diária, consumido pelo vício, pela condição de infortúnio e pela forma jocosa com que é enxergado pela sociedade. Essa representação de homem alcoólatra vem contra toda a um ideal civilizado de homem de família, provedor do lar, físico e mentalmente são. No entanto, através da análise do texto a situação residual com que o indivíduo é posto seria tanto por causa do álcool como pela situação de pobreza. Pensamos nisso, ao observar os modos de representação dos jornais da cidade sobre a violência e a criminalidade, na maneira como as notícias relacionadas a essas ocorrências se espacializam nos bairros mais pobres da capital, contribuindo para um discurso que aproxima a pobreza da criminalidade.

O Morro do Querosene, cenário da história contada acima, e os bairros Matinha, Vermelha, Piçarra, Matadouro, que aparecem como os mais perigosos da capital nas notícias analisadas nos jornais, com incidência de brigas, crimes, assaltos e prostituição, também são os que aparecem nesses mesmos periódicos como os mais pobres, na falta de saneamento básico, distribuição de água, energia, e segurança. Esse debate que cria

---

<sup>406</sup> BEZERRA, José Pereira Bezerra. *Ferré*. In: BEZERRA, José Pereira. *O Sono da Madrugada*. Editora Piçarra, Teresina, 1976.

uma relação entre pobreza e criminalidade é bem relacionado por sociólogos, antropólogos e criminalistas que não são unânimes em compor um cenário para tal relação<sup>407</sup>, no entanto, a presença dessas classes populares e dos bairros mais afetados pela ausência do poder público como os mais noticiados com índices de criminalidade acabam por criar uma ligação.

Os discursos de cidade higienizada, polida e moderna idealizada à Teresina posta nesses periódicos iam contra a presença ainda de espaços na cidade onde havia uma grande concentração de problemas urbanos, o jornal por vezes acrescida do desejo da população solicitava a presença do poder público na resolução dos problemas, mas muitas vezes a incidência de ocorrências nesses bairros os colocava na posição de indesejados, apresentado como danoso e perigoso. As classes populares, em suma, moradoras dos bairros periféricos no geral, pois se colocavam as margens do centro ou bem distante das zonas centrais, eram por vezes deslegitimadas ao espaço do urbano, como se não pudessem ter vez a cidade, ao direito da cidade.

Assim, a representação criada nas notícias dos jornais, acabava por identificar que moradores desses lugares poderiam ser considerados gente pobre e perigosa. Em matéria “Homicídio na Piçarra”<sup>408</sup>, a matéria explora a ocorrência do crime ocorrido na Piçarra, apontando o estado de pobreza dos envolvidos no assassinato, mostrando também na matéria que a região é cercada de casas de taipa, sem rede de esgoto, e sem energia elétrica, e que já havia apresentado várias desordens.

Em outra matéria “Matinha tem quatro registros de crimes esse mês”<sup>409</sup>, o bairro é apresentado como um lugar de invasões nos anos de 1960, onde ainda permanecem casas de taipa, de gente humilde, as ruas não tem asfalto e “as crianças que lá residem correm risco de serem atropeladas ao brincarem na Avenida Maranhão próximo ao

---

<sup>407</sup> Para a antropóloga Vera Telles se há consenso com relação à análise da violência e do crime, é o da impossibilidade de apontar um único agente explicativo. Para ela “a violência, assim como a criminalidade, é fundamentalmente tratada como um fenômeno multicausal. A constatação é apurada enquanto diagnóstico, mas, no vácuo criado pela indefinição, algumas categorias acabam por compor um repertório explicativo para possíveis razões da criminalidade nos dias atuais. Neste, a pobreza parece ocupar lugar privilegiado, seja no senso comum – que conjuga pobreza e criminalidade na explicação de um cotidiano ocupado pelo medo –, seja nas investigações sociais que tentam circunscrevê-la por meio de categorias como “exclusão social”, situação de risco ou vulnerabilidade social”. Ver: ARANTES. Rafael de Aguiar. A Cidade do Medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em Salvador. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 235, p. 45-73, 2015. Disponível online.

<sup>408</sup> HOMICÍDIO na Piçarra. Teresina. *O Dia*, 22 mai. 1977.

<sup>409</sup> MATINHA tem quatro registros de crimes esse mês. *O Dia*, 1977.



Parnaíba”<sup>410</sup> para a matéria do jornal “fatores que se somam a falta de fiscalização da policia” permitindo tais ocorrências de crimes.

A matéria consegue fazer uma ligação entre a pobreza do espaço à incidência de perigo, Mariza Romero<sup>411</sup> vai dizer que a ligação dessas classes populares com a criminalidade é uma evidência que se mostra na participação frequente dessa população nas páginas policiais, como muitas vezes transgressores da norma, o que permite um entendimento dessa camada como potencialmente ameaçadora a cidade.

Nos jornais que circulavam em Teresina, o estímulo das notícias de violência nesses lugares tendem a criar uma ligação entre o perigo e os bairros pobres. É observado que inúmeras manchetes traziam a referência do perigo pela ocorrência de crimes, assaltos e brigas, nomeando os bairros onde os crimes ocorriam, a maioria periféricos e onde residiam as camadas mais populares da cidade, como pode ser visto em suas manchetes: “Perigos na zona norte: vereador adverte os pais”<sup>412</sup>; “Jogador assassinado a tiros na Tabuleta”<sup>413</sup>; “Família escapa de tiroteio na rua treze de maio”<sup>414</sup>; “Diamba faz abrigo no Matadouro”<sup>415</sup>.

Essas matérias dos jornais de circulação na capital do Piauí, reverberavam muito do que acontecia na cidade, servindo de fontes importantes para a compreensão de uma realidade da época, muitos deles tratando de compor uma fala que correspondesse aos ideais da população, ao que era pedido, consumido, quisto, solicitado, mostrando problemas, exigindo medidas, como também, esses meios de comunicação imprimiam representações sobre a cidade. Refletindo de outra época é possível identificar construções, falas idealizadas, perigos e medos da população de Teresina nesse momento. Esses jornais foram de importância significativa para compor essa pesquisa, para entender a cidade de Teresina funcionando durante as noites da década de 1970, e suas várias e sempre possíveis movimentações.

As praticas de lazer observadas na cidade, principalmente no espaço cartografado do centro de Teresina mostraram uma cidade de múltiplas vivências, permitindo uma visão contraditória, pois ao passo que se quer urbanizada e moderna, exhibe contradições, problemas, diferenças e pobreza. Perceber a noite como um

---

<sup>410</sup> MATINHA Op. Cit. .

<sup>411</sup> ROMERO, Mariza. *Inúteis e Perigosos no diário da Noite*, São Paulo 1950/1960. Educ/Fapesp. São Paulo, 2011. P. 37.

<sup>412</sup> PERIGO na zona norte: vereador adverte os pais. Teresina, O Estado. 05 mai. 1975.

<sup>413</sup> JOGADOR assassinado a tiros na Tabuleta. Teresina, O Dia,

<sup>414</sup> FAMILIA escapa de tiroteio na rua 13 de maio. Teresina, O Dia,

<sup>415</sup> DIAMBA faz a briga no Matadouro. Teresina,, O Estado, 21 out. 1975.

território usado para o lazer mostra a urbanização latente e o consumo sobre lugares de diversão no período da noite, revelando uma circularidade que ultrapassava fronteiras, discursos e promovia uma cartografia pensada mais nas formas desejosas de ocupar os espaços.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O dia acaba, uma grande paz surge nos pobres espíritos fatigados pela jornada do trabalho e seus pensamentos tomam agora as cores ternas e indecisas do crepúsculo”. Assim Baudelaire começa o seu poema *O Crepúsculo da Noite*<sup>416</sup>, concedendo o final do dia e o passar das horas do trabalho ao descanso. No entanto, é justamente com o chegar da noite que muito se revela, como um despertar de sonhos a noite faz surgir no poema personagens loucos, sombrios, vertiginosos, atacados por algo incompreensível que a noite traz consigo.

Assim como em Baudelaire, a noite tende as suas mudanças no indivíduo, os significados mudam, uma rua durante o dia não é a mesma rua durante a noite, uma história ganha uma vibração inexplicável quando se dá à noite, e a noite é também quase que unanimidade um estado catártico de busca do prazer. Pensar em Teresina como uma cidade posta a hábitos noturnos na década de 1970 revelou muita coisa, uma cidade de características híbridas, que convivia com uma urbanização e hábitos noturnos ainda incipientes, mostrando um quadro de renovação em certos setores, mas ainda permanecendo um lugar pacato.

Buscar cartografar a noite e seus lugares de lazer nos mostrou muito do que existia na cidade nesse momento para diversão, entretenimento, mostrou que existia uma circularidade entre os espaços, geograficamente mais fácil pelos que se encontravam no centro e no seu entorno, mas não só isso, a circularidade se dava pela convivência, pelo que pode acontecer, pelo improvável, ou o que Habermas<sup>417</sup> vai chamar de lazer no limite do descontrole, onde você traça um trajeto inicial mas não se possibilita dizer o seu fim.

Essa noite permitia a circularidade podendo iniciar-se num lugar mais sofisticado e acabar em um menos sofisticado, não saber aonde as coisas vão, isso é muito típico no circuito das noites das cidades. Teresina me revelou um circuito de muitos bares, havia opções na década de 1970 durante a noite da cidade, mas também ainda havia muita norma, muito regramento, muito pudor, que iam sendo quebrados pouco a pouco por alguns. A zona do centro de Teresina era a proposta de lazer dada em

---

<sup>416</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Ed. Planeta. RJ. 2003.

<sup>417</sup> GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, SP. Autores Associados. 2001.

sua maioria para a população que morava nos entornos dessa zona, e que vivenciavam mais de uma noite na cidade. A formação de territórios possibilitou essa percepção de várias noites sobre a cidade: a noite do boêmio, a noite do homossexual, da prostituta, dos estudantes, dos músicos, a noite violenta, perigosa, mas que revelaram como a cidade pensa todos esses sujeitos e práticas no mesmo espaço, como eles conviveram e como eles se apresentam caracterizando esse urbano.

Pensando esse lazer mais adiante, com a chegada dos anos de 1980 as sociabilidades no entorno dos bares cresciam, ao redor na Universidade Federal apareciam alguns que ficaram marcantes, como o Nós e Elis<sup>418</sup>, o Corsário e o Agaves, esse último em funcionamento até hoje na Avenida Lindolfo Monteiro, na zona leste da cidade. A urbanização da capital revelou muitos e muitos prédios, muito trânsito e mais problemas urbanos com que a população e os gestores passam a se preocupar.

Na noite mais boates vão aparecer, a Scorpions, a Medieval, a Terraço, o lazer no centro não deixa de existir, mas se descentraliza, agora os zonas da cidade vão preparar seus próprios circuitos. O “Verdão” traz shows inesquecíveis durante os anos de 1980 e 1990: Lulu Santos, Ney Matogrosso, Gal Costa, Roberto Carlos, Gilberto Gil, Titãs, Fagner, Legião Urbana e tantos outros. A zona leste da cidade passa a abrigar os mais modernos e sofisticados espaços de lazer noturno, e o centro, como nas outras capitais se potencializa ao circuito gay da cidade, com a presença de boates, bares e a continuação da prostituição feminina e viril. A Paissandu resiste pouco a pouco a memória, na atualidade vive um território pequeno e pouco habitado.

Com o passar das décadas a cidade se torna referência ao turismo de lazer, e com um sol que abrasa forte durante o dia, a noite se intensifica, hoje Teresina experimenta uma proliferação de circuitos, como uma cidade de ofertas a todos os serviços, as práticas urbanas passam a ser estudada por diversos ângulos, a cidade se torna cada vez mais interdisciplinar.

---

<sup>418</sup> OEIRAS, Joca (Org.). *No Nós & Elis a gente era feliz – e sabia*. Teresina: Gráfica Halley, 2010.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE. Arnaldo. Ô de casa, apud BEZERRA, José Pereira. *Anos 70: por que essa lâmina nas palavras?* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.
- ALMEIDA. Marco Antonio Bettine de. GUTIERREZA, Gustavo Luís. *O lazer no Brasil: de Getulio Vargas a globalização*. Editora Phorte. São Paulo, 2011.
- ARANTES. Rafael de Aguiar. A Cidade do Medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em Salvador. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 235, p. 45-73, 2015. Disponível online.
- BARRETO. Rogério. *O centro e a centralidade: aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Cadernos do Cursos de Doutorado em Geografia da FUP. 2010.
- BARROS. José D'Ássunção. História cultural; um panorama teórico e historiográfico. *Textos de História* (Revista do Programa de Pós-graduação da UNB). Vol. 11 nº 1/2.2003. p. 145- 171.
- BASTOS, Claudio de Albuquerque. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina. PMT, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Zahar. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. 2008.
- BAUMAN. Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Zahar, Rio de Janeiro, 2009.
- Burke. Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2009.
- BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. Táticas caminhantes: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, São Paulo Jan/Jun., 2007.
- \_\_\_\_\_. Táticas caminhantes: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jan-jun 2007.
- BEZERRA, José Pereira Bezerra. *Ferré*. In: BEZERRA, José Pereira. *O Sono da Madrugada*. Editora Piçarra, Teresina, 1976.
- BRITO. Geraldo. *Musica no Piauí nos anos 70*. Cadernos de Teresina. Dezembro 94.
- CAMPELO, Ací. *O novo perfil do teatro piauiense (1950-1990)*. Teresina: Fundão Cultural Monsenhor Chaves, 1993.
- CANEVACCI, Massino. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: EDUSP, 1993. p.18.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo. Contexto. 2000.

CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina In: *Teresina: subsídios para a história do Piauí..Obra Completa*. 2.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.p.56-104.

\_\_\_\_\_. A Invenção do Cotidiano, 2 morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAEMON, Flora. Sujeitos do Crime da notícia: relatos de uma experiência jornalística no cárcere. Surveillance in Latin America. Vigilância, segurança e controle social. PUCPR. Curitiba – Brasil. 4 a 6 março 2009. Anais de evento.

DIAS, Cid de Castro. Piauí: projetos estruturantes. Aliena publicações. Teresina. 2006.

DIAS, Lucy. Anos 70: enquanto corria a barca. Senac, São Paulo,2003.

DOBAL, H. *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*. Prosa reunida. Teresina, Plug, 2007.

DOSSE. François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. ArtCultura, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96, jul.-dez. 201

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EMERIM. Carlida. *Colunismo Social e discurso: para quem e com quem a sociedade fala*. VII Encontro Nacional de História da Mídia. 19 a 21 de agosto de 2009. Fortaleza-Ce. Anais de Evento.

ESCOSSIA, Liliana da. PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. (org.) *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina, Porto Alegre. 2015.

FERREIRA, Carlos. *Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina*. Revista Alterjor, Vol. 1, nº 1. 2010.

FONSECA NETO, Antônio dos Santos. *Teresina 70: café da manhã com cuscuz ideal, picolé amazonas à tarde*. *O Dia*. Encarte Comemorativo aos 150 Anos de Teresina. Teresina, p. 205.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

---

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Graal. Rio de Janeiro. 1995.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1973.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Unesp. 2000.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, SP. Autores Associados. 2001.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

LE GOFF, Jacques. *O dia e a noite*. In: *História e Memória*. Editora Unicamp. São Paulo, 2014.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. *Teresina urbanização e meio ambiente*. *Scientia et spes*, Revista do Instituto Camilo Filho, Teresina, v.1, n.2, p.181-206, jun. 2002.

LINS, Daniel. *O Último copo*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2013.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nós e por meio dos periódicos* In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 111-153.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

---

\_\_\_\_\_. *De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vl. 17, nº 49. São Paulo 2002.

MATOS, Matias Augusto de Oliveira. *Pelas quebradas, várzeas e chapadas: uma viagem gastronômica pelo Piauí*. Teresina: Alínea Publicações, 2004.

MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2001

---

\_\_\_\_\_. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP, Edusc, 2007

MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, p. 195-214

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Edmar. Le Chat Que Rit. *Boquitas Rouge*, Teresina, p. 03, 1973.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio*: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PEREIRA. Carlos Alberto. *O que é contracultura?*. Ed. Brasiliense. 8º ed. RJ.1992.

PERLONGHER, Nestor. O Negócio do Michê. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: XI Encontro de Pós-Graduação e pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-ANPUH. São Paulo, vol. 1, 1998.

\_\_\_\_\_ Pensar com o sentimento, sentir com a mente. In: RAMOS, Alcides. MATOS, Maria Izilda Santos. PATRIOTA, Rosangela. *Olhares sobre a História*. Hucitec, São Paulo, 2010.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

\_\_\_\_\_ *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

RAGO. Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1991.

RIDENTI. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo. Editora da Unesp, 1993.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

ROMERO, Mariza. Inúteis e Perigosos no diário da Noite, São Paulo 1950/1960. Educ/Fapesp. São Paulo, 2011.

SANTOS, Deusdeth Nunes dos. Rádio calçada. Teresina: Editora Júnior, 1995.

SILVA. Pablo Josué Carvalho. *Longe de Casa*: memórias e vivências nas pensões estudantis em Teresina (1965-1970). Anais II Encontro de História Campus Possidônio Queiroz. 08-11 novembro 2015. Oeiras. Piauí. 08-11 novembro 2015.

SILVA, Robson Pereira. A Contracultura no Brasil: Secos & Molhados e a indústria cultural na década de 1970. VI Simpósio Nacional de História Cultural. UFPI – Teresina Piauí. Anais do evento.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *Patrimônios arquitetônicos em Teresina*: combates pela memória (década de 1970). História e Perspectivas, Uberlândia (54): 167-188, jan./jun. 2016.



SIMMEL, George. Como as formas sociais se mantêm In:: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

SOLLER, Maria Angélica. MATOS, Maria Izilda Santos. *O Imaginário em debate*. São Paulo. Olho D'água. 1998.

VOLDMAN, Daniele. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA. Marieta de Moraes. AMADO. Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. FGV. Rio de Janeiro. 2006. P. 249.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual e teórica. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença* (Org.). Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2014.

### **TESES E DISSERTAÇÕES.**

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. *Rompendo os vínculos: os caminhos do divórcio no Brasil 1951- 1977*. Tese de Doutorado. UFG – GO. 2010.

BENATTE, Antônio Paulo. *O centro e as margens: Boêmia e prostituição na "capital mundial do café"* (Londrina: 1930-1970). Curitiba: UFPR, 1996. [Dissertação de mestrado.]

BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventude em Transito: práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. 2015. f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

CARDOSO. Luciene Brito. *Paisagem cultural do centro de Teresina: significado dos seus elementos morfológicos*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife. 2006.

COSTA, Fernando Muratori. *Seu gosto na berlinda: Um estudo sobre a produção e o consumo musicais nos anos 1970*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012.

FARIAS. Francisco Rafael Lima. *Nelson Rodrigues e Arnaldo Jabor se encontram no cinema: as representações estéticas da família brasileira na década de 1970*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

FEITOSA, Lia Monielli Costa. *Bastardos Comensais: alimentação e modernidade em Teresina na década de 1970*. Monografia. Universidade Estadual do Piauí. Teresina. 2012.

FILHO, Bernardo Pereira de Sá. *Cartografias do Prazer: boêmia e prostituição (1930-1970)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 56.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. 2006. P. 58.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina, 2007.

MARIGBEL, Adriana Oliveira. *As notícias de crimes: uma análise retórico-argumentativa do discurso jornalístico online por antecipação ao discursos jurídico*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo – SP, São Paulo, 2014.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. *Acordes na cidade: Teresina e música popular nos anos 80*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2013.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SANTOS, Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. 2013.

SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SILVA, Paulo Ricardo Muniz. *Cajuína e coca-cola: identidades e estéticas juvenis em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

## FONTES

### Jornais e Revistas

1974 ANO de violência com mais de cem mortos. Teresina, *O Dia*, 31 dez. 1974.

ALEGRIA na avenida, Teresina, *O Dia*, 8 mar. 1973.

A COMIDA do teresinense: feijão, arroz e carne. *Jornal O Dia*.

AQUI, os marginais realizam suas transas. *O Dia*, Teresina, 07 de setembro de 1973.

ARRUAÇA nas coroas. Teresina, *O Dia*, 22 fev. 1972.

ASSEMBLÉIA do Piauí já aprovou o divórcio. *O Dia*, 04 fev. 1978.

BAR Amazonas suspenso por falta de higiene, Teresina, *O Dia*, 25 já. 1979.

BARRADINHA em Teresina. Teresina, *O Dia*, 15 fev. 1973.

BEBEU fiado e quis matar o dono do bar. Teresina, *O Dia*, 04 fev. 1975.

BOÊMIO é agredido e leva facada por traz. *O Dia*, Teresina, 05 jun, 1974.

BILHETERIA de Procópio foi record. Teresina, *O Dia*, 21 mai. 1975.

CABARÉS só funcionam até as duas horas da manhã. Teresina, *O Dia*. 31 dez. 1975.

CARNAVAL com Elke Maravilha. Teresina, *O Dia*, 07 fev. 1975.

CASAS noturnas e inferninhos levam cabarés a falência. Teresina, *O Dia*, 11 abr. 1975.

CEPISA. 1000 km. De linhas de transmissão. Teresina. *O Dia*, 02 fev. 1973.

CEPISA explica porque energia tem problemas. Teresina, *O Dia*, 05 jan. 1973.

CIÚME na Paissandu termina em crime e muitas agressões. Teresina, *O Dia*, 16 jan. 1975.

COMÉRCIO de Teresina será descentralizado. *O Estado*. Teresina, 22 out. 1976.

COMO ANDA O SEXO? Teresina, *O Dia*, 25/26 fev. 1973.

CUNHA, Paulo José. *Aulinha de Cultura*. Teresina, *O Estado Interessante*, 09 abr. 1972.

DESFAVELAMENTO provoca debate. *O Estado*, Teresina, 19 abr.1975.

DE TERESINA para o mundo, Rio de Janeiro, Lampião da Esquina, edição junho /julho de 1978, p. 04.

DIAMBA faz a briga no Matadouro. Teresina,, O Estado, 21 out. 1975.

DISCRIÇÃO: nova arma da CNBB n campanha contra o divórcio. Teresina, *O Dia*, 03 de abr. de 1975.

EIS as novas séries de filmes do canal 4. *O Estado*. 06 nov. 1976.

EMPRESA ameaça tirar ônibus de circulação a noite. Teresina, *O Dia*, 10 out. 1973.

ESQUADRÃO mata bicha. Rio de Janeiro, Lampião da Esquina, janeiro de 1970. P. 3

ESTAÇÃO Ferroviária: violência e prostituição. Teresina, *O Dia*, 18 ago. 1976.

EXORCISTA: seis desmaios em dois dias de exibição. Teresina, *O Dia*, 03 mai. 1975.

FAMILIA escapa de tiroteio na rua 13 de maio. Teresina, O Dia,

FAMILIAS do Buenos Aires não querem os favelados. Teresina, 16 abr. 1975.

FILHO embriagado quis matar a mãe. Teresina. O Dia. 10 out. 1975.

FLASH. Teresina, *O Dia*, 05 de ago. 1973.

FISCALIZAÇÃO observa sujeira. Teresina, *O dia*, 18 de mai. 1975.

HOJE tem folclore no Teatro de Arena. Teresina, O Dia, 21/22 de abr. 1975.

HOMICÍDIO na Piçarra. Teresina. *O Dia*, 22 mai. 1977.

ILUMINAÇÃO pública. O Dia, Teresina, 13/14 mar. 1975.

INAUGURADA a nova Avenida. Jornal da Elvira, suplemento do jornal *O Dia*, Teresina, 18/19 novembro de 1973.

JOGADOR assassinado a tiros na Tabuleta. Teresina, O Dia,

JUIZADO de menores divulgou ontem portaria para o Carnaval. Teresina, O dia, 11 fev. 1972.

LAMPIÃO do Além ou a força plástica do inferno. Teresina, O Dia, 20/21 abr. 1975.

LANCHONETES bares e restaurantes desrespeitam a saúde da freguesia. Teresina, *O Estado*. 06. Mai. 1979.

LENA Rios falou. Teresina, *O Estado Interessante*, 26 mar. 1972.

Mapa da densidade de edificação urbana de Teresina. *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina*. COPLAN S.A. 1970. Arquivo Público do Piauí.

MATINHA tem quatro registros de crimes esse mês. *O Dia*, 1977.

MATOU por uma dose de cachaça. Teresina, *O Dia*. 18 jun. 1976.

MEU caro Pe. Homero. Teresina, *O Estado Interessante*. 09 abr. 1972.

MONTE, Lamartine do. *O Estado*, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977.

MULHER nas forças armadas, um projeto. *O Dia*, 18 fev. 1973.

NINGUÉM está satisfeito com os transportes coletivos. *Jornal O Dia*. 10 set. 1974.

NOITADA violenta na Paissandu. Teresina, *O Dia*, 22 mar. 1975.

NOITE violenta na Paissandu. *O Dia*, 11 abr 1975.

NOTA sobre diversões e sessões públicas, Teresina, *O dia*. 14 mar. 1969.

O MOVIMENTO de libertação da mulher. Teresina, *O Dia*, 21 ago. 1973.

OH! 4 de setembro. *Jornal Dia*, Teresina. 21/22 set. 1975.

OLIVEIRA, Edmar. Animal Nocivo ou Flávio Cavalcante janta lá em casa. *Tribuna Democrática*, ano I, 1 de ago. 1971.

ONDE se hospedam os marginais. Teresina, *O Estado*, 19 abr. 1975.

OS PROBLEMAS de Teresina. Teresina, *O Estado*. 16 ago. 1975.

PAISSANDU continua bagunçada. Teresina, *O Dia*, 29 jan. 1975.

PERIGO na zona norte: vereador adverte os pais. Teresina, *O Estado*. 05 mai. 1975.

PIAUI caminha a passos largos com o progresso. Teresina, *O Dia*, 19 fev. 1973.

PÍLULA não causa câncer. *O Dia*. Teresina, 3 abr. 1969.

*Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina*. COPLAN S.A. 1970. Arquivo Público do Piauí.

POLICIA prepara blitz em cabaré. *O Dia*, Teresina, 22 mar. 1973.

POLICIA vai saber índice de prostituição. Teresina, *O Dia*, 22 mar. 1974.

POLICIA vai ensinar a evitar roubos. Teresina, *O Dia*, 22 ago. 1974

POLICIA prepara blitz nos cabarés. Teresina, *O dia*, 18 mar. 1974.

PONTO a ponto. Teresina, *O Dia*, 22 de mar. 1969.

\_\_\_\_\_. Teresina, *O Dia*, 12 fev. 1969.

\_\_\_\_\_. Teresina, *O Dia*, 08 de mar de 1973.

\_\_\_\_\_. Teresina, *O Dia*, 06 jun. 1969.

POPULAÇÃO sofre o drama da falta d'água. *Jornal O Dia*. 10 fev. 1973.

POR QUE falam mal do Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 11, 06 jun. 1971.

PLAYBOYS invadem bar e roubam pinga. Teresina, *O Dia*, 05 jul. 1976.

PRAÇA Pedro II será reformada. Teresina, *O Estado*, 09 de fev. 1976.

PREFEITO vai acabar com as favelas. *O Estado*. 09. Abr.1975.

PROCÓPIO Ferreira recebe placa de ouro no Piauí. Teresina, *O Dia*, 22 mai. 1975.

QUEBRA-QUEBRA na churrascaria Ponte. Teresina, *O Estado*, 14 abr. 1975.

RECESSO na boate Barbarela por causa de brigas. *O Estado*, 05 set. 1975.

ROTEIRO da cidade, Teresina, *O Dia*, 21 de mar. 1973

SECRETARIA da cultura traz artista do Rio. Teresina, *O Estado*, 16 mai. 1975.

SECRETARIA estuda o policiamento nas duas coroas. s/d.

SEGURANÇA fechará a cidade para o combate aos marginais. Teresina, *O Dia*, 22 jan. 1975.

SOLDADOS bêbados agredem investigador a tiros. Teresina. *O Dia*. 18 jun. 1976.

TAMBORES de umbanda só funcionam até meia noite. Teresina. *O Estado*. s/d

TERESINA é o berço do Nordeste. Teresina, *O Dia*, 6/7 de fev. 1972.

TERESINA não pode se isolar. *O Dia*. 16. Abr. 1973.

TERESINA iluminada. Teresina, *O Dia*, 19 jan. 1971.

TERESINA tem um veículo para cada mil habitantes e um ônibus para 1.600. *O Dia*. 06 out. 1972.

ULTIMO tango: arte ou pornografia?. Teresina, *O Estado*, Teresina. 07 fev. 1973.

UM problema: o cabaré. Teresina, *O Dia*, 16 mar. 1970.

UMA emenda para o divórcio no Brasil. Teresina, *O Dia*, 15 fev. 1973.

UNIVERSIDADE já é uma realidade. Teresina. *O Estado*. 17 de ago. 1974.

VIAGE ao Ininga City. *Toco Cru Pegando fogo*. Nº 2. s/d

VIOLÊNCIA na capital é preocupação. Teresina, *O Estado*, 18 jun. 1975.

VIOLÊNCIA em Teresina. Teresina, *O Estado*, 05 fev. 1975.

WALL FERRAZ vai organizar o centro da cidade. Teresina, *O Estado*, 09 abr.1975.

ZONA leste cresce e aumenta a especulação imobiliária. Teresina, *O Dia*, s/d.

## **ENTREVISTAS**

ENTREVISTA de Durvalino Couto concedido a Jaislan Honório Monteiro. Revista DesEnredos - ano IV - número 15 - Teresina - Piauí - outubro novembro dezembro de 2012.

CAMPELO. Ací. Entrevista concedida a Francisca Lidiane de Sousa Lima. Teresina, 2006.

COUTO FILHO, Durvalino. *Depoimento* concedido a Francisco José Leandro Araújo de Castro em 11 de maio de 2011.

COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. Jan. 2012.

Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010.

DIAS. Claudete Maria Miranda. Entrevista concedida a Francisca Lidiane de Sousa Lima. Teresina, 2006.

CARVALHO FILHO. Francisco. Entrevista concedida à Pablo Josué Carvalho Silva. Teresina, 05 de maio de 2016.

NEY Matogrosso sem bandeira. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição dezembro de 79.

PIAUHY, Albert. Teresina. Entrevista cedida a Bernardo Aurélio. 14 de out. 2008.

## **FILMES E MÚSICAS**

*Cidade Descarnada*: memória e resistência dos antigos moradores do centro de Teresina. Documentário. Dir: Manuel Ricardo Arraes Filho. Teresina. 2013.

*Dzi Croquettes*. Documentário. Dir: Tatiana Issa e Rafael Alvarez. 1h 50min. 2009.

ESSA moça tá diferente. Chico Buarque de Holanda – nº4. 1970.

RODA viva. Letra e música: Chico Buarque de Holanda. Álbum: Chico Buarque de Holanda –vol. 3. 1967.